

Maggi Andersen

AUTORA BEST-SELLER

AS IRMÃS BAXENDALE



A Escândalos
Lady
Mercy



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Maggi Andersen

AUTORA BEST-SELLER

ASIRMAS BAXENDALE

V

A Escândalosa
Lady
Mercy



A Escândalosa Lady Mercy

Maggi
Andersen



1ª Edição



Ribeirão Preto/SP



Título Original: The Scandalous Lady Mercy
The Baxendale Sisters Series Book5
Copyright©2016 por Maggi Andersen
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão Hanne Krempi e D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

A544lbe

Andersen, Maggie.

Título: A Escandalosa Lady Mercy (recurso eletrônico) © 2024 -
Leabhar Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Scandalous Lady Mercy © 2016 - Maggi
Andersen

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-289-3

1. Romance. 2.histórico. I. Costa, Hamireths. II. Título III Série

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



E eu farei para ti cama de rosas
E mil poesias perfumadas,
Um buquê de flores, e uma túnica
Toda bordada com folhas de murta.

O Pastor Apaixonado à sua Amada
Christopher Marlowe



Capítulo um

Mansão Highland, Tunbridge Wells

Primavera de 1825

Uma coruja piou no grande carvalho perto da esquina da casa. Mercy Baxendale rastejou ao longo da entrada até a janela da sala, quando seu cachorro, Wolf, deu um latido agudo. Sussurrou “silêncio”, pois estaria em muitos problemas se sua mãe a ouvisse. Porém, não conseguiu terminar de escrever um capítulo de seu livro sobre tratamentos de beleza, até verificar sua última fórmula para curar espinhas. Rejeitou as fórmulas encontradas nos diários que utilizavam ingredientes como bochecha de javali fervida com maçã e uma fatia de vitela, ou que aconselhavam banhar o rosto em urina. Além disso, nunca sugeriria o uso da Loção de Gowland, que continha cloreto de mercúrio, um ácido corrosivo e tóxico. Em vez disso, a jovem aplicava um método de lavagem com água morna e aveia, seguida por uma loção com óleo de amêndoas doces como base, à qual adicionava uma mistura de noz-moscada, pimenta-do-reino, sândalo e mel.

Tinha trabalhado duro em sua fórmula para curar a acne, mas não tinha certeza se funcionaria. Queria testá-la em alguém que tivesse um problema sério de pele. Foi então que se lembrou do Sr. Timms, o sócio de seu pai, que sempre tinha o rosto coberto de espinhas. A moça pensou que talvez ele ficasse feliz em experimentar sua fórmula, mas mudou de ideia quando ele a encarou com uma expressão de desagrado e ficou vermelho como um tomate.

O livro era um projeto adiado, assim como sua ideia de criar seus próprios produtos de beleza, pois a família tinha que viajar para Londres, para sua apresentação à sociedade. Diferente de sua irmã, Charity, que dispensara uma Temporada na capital, Mercy estava ansiosa pela sua. Encantava-se com os belos trajes, casacos, capas, sapatilhas e chapéus que lotavam seu armário e com as compras nas lojas elegantes de Londres, para complementar seu visual.

Enquanto caminhava pela entrada de terra, Wolf se distraiu com um som vindo de um arbusto. Ele correu para investigar, mas só encontrou um pássaro assustado, que voou para longe. O cachorro abanou o rabo e voltou para junto dela — É muito curioso. — disse, acariciando sua cabeça.

Ela sabia que a primeira temporada era uma oportunidade e tanto na vida. Sentia uma mistura de ansiedade e expectativa, pois queria impressionar a sociedade londrina. Seu pai havia apostado alto nessa aventura, gastando muito dinheiro com roupas, joias e carruagens. E se ela não conseguisse atrair a atenção dos jovens cavalheiros? Tinha apenas dois convites para dançar, até o momento. Um deles era de Lorde Bellamy, um amigo de Robin, que era um filho mais novo, sem fortuna. O outro era de Lorde Gunn, o barão escocês, que já havia cortejado Charity, sem sucesso. Seu pai não ficaria satisfeito com nenhum dos dois, pois queria um marido rico e influente para ela.

Mercy virou a lateral na ampla curva do caminho de entrada circular. A luz das velas brilhava nos andares superiores. Sua mãe ainda estava acordada.

Com o coração batendo forte, a jovem abriu a janela e colocou um joelho no peitoril, tentando não sujar a musselina bordada que usara no baile, no início da noite. Caiu no chão da sala, com Wolf saltando o peitoril facilmente e pousando ao seu lado.

A porta se abriu imediatamente, lançando luz para a sala, a partir das arandelas do corredor.

— Mercy? — uma vela apareceu iluminando a escuridão, e o semblante de sua mãe surgiu, com uma expressão de angústia — A derradeira de minhas filhas que tenho de entregar e afirmo que não resistirei para presenciar isso. O que fazia?

— Eu estava no meu laboratório. Precisava verificar um experimento.

— Todo o caminho até o celeiro?

— Levei Wolf comigo.

Sua mãe deu um sorriso cansado — Mande Wolf para baixo e venha para o seu quarto, antes que seu pai a veja.

Levou-o para a sua cama, na ala dos criados, onde ele dormia todas as noites. Depois, foi para o seu quarto, no qual a sua mãe a esperava.

Com um suspiro profundo, a matriarca se deixou cair na cama — Eu gostaria que pudesse se comportar como se esperaria de uma jovem debutante. Seu pai ficaria furioso se descobrisse o que anda fazendo.

Mercy retirou sua *spencer* e correu até ela — Mamãe, por favor, não conte a ele!

A senhora suspirou — De nada serviria perturbá-lo ainda mais. Ele está furioso porque o jovem Geoffrey Linden a arrancou da pista de dança na festa, esta noite.

Ela suspirou aliviada ao lembrar que aquela cena escandalosa não tinha ocorrido em Londres. Se tivesse sido na capital inglesa, sua reputação estaria arruinada e ela jamais teria uma chance de ser apresentada à sociedade no Almack's.

— Geoffrey não quis fazer mal. Tem apenas dezesseis anos.

— Contudo, ele precisava ter mais modos na sociedade. Sinto-me responsável por falar com a mãe dele. Não se pode tolerar que cavalheiros ultrapassem os limites da decência, pois todos os olhos a observarão. Pelo menos não conseguirá fugir de Portland Square tão facilmente quanto aqui!

Ela se levantou e começou a desfazer os ganchos do vestido de Mercy — Está ciente de quão perigosas as ruas de Londres podem ser? Lá não é como a pacata Tunbridge Wells, onde cresceu.

— Duvido que eu tenha motivos para deixar a casa em Mayfair sem escolta, mamãe.

— Suspeito que sim, Mercy. — disse a mãe, ambígua — Agora durma um pouco. Dentre todas as pessoas, deve saber que a primeira regra dos cuidados de beleza é estar bem descansada.



Londres

Risos e conversas vívidas irromperam pelas portas francesas abertas do casarão de Lady Millburn, em Londres. Por um momento, Mercy e Lorde Burleigh estavam sozinhos no terraço. Ela olhou para o jardim, decorado com lanternas que iluminavam o caminho, com uma luz suave e misteriosa. Sentia o perfume das flores, que se misturava ao cheiro de grama molhada. O ar úmido de uma noite de primavera excepcionalmente quente envolveu seus braços nus, os quais apoiou na balaustrada de pedra, que ainda conservava o frescor do dia.

— Lady Mercy, não me negue este prazer. — Burleigh implorou com a voz rouca ao lado dela — É a tradição de todas as jovens damas receberem um beijo apaixonado em sua primeira noite na sociedade.

Ele se aproximou demais. Mercy empurrou-o com o leque — Tenho quatro irmãs casadas, senhor, e nunca ouvi falar de tal coisa. Aceitei seu convite para caminhar no terraço, para respirar um pouco de ar fresco, porque estava terrivelmente quente e abafado lá dentro.

Embora a olhasse com expressão de súplica, ela mais parecia como a de um cachorrinho ansioso. Mercy sabia que ele era um aventureiro sem escrúpulos, que já havia cortejado várias damas até o terraço — Prefiro voltar para o salão de baile, senhor.

A jovem assistiu com inveja as suas quatro irmãs encontrarem o amor e a felicidade com homens incríveis, e ela ansiava pelo seu próprio destino. O seu primeiro baile prometia uma aventura romântica e apaixonada com um pretendente atraente. Contudo, até então, os cavalheiros que se aproximaram dela tinham sido decepcionantes. Um tinha joelhos protuberantes, o outro falava de forma tão carregada que ela mal entendia o que dizia.

Enquanto atravessavam o terraço, Mercy lutou para reviver suas esperanças minguantes, talvez o próximo cavalheiro a dançar com ela...

A dama se sentiu sufocada assim que cruzou a porta do salão. O ar estava pesado de aromas artificiais, suor, café e cera derretida. O brilho do lustre de cristal ofuscava seus olhos, refletindo nas joias e nos tecidos dos convidados. Procurou um lugar mais tranquilo, mas foi interceptada por sua mãe.

— Mercy, onde estava? — repreendeu, enquanto via Lorde Burleigh se afastar, com desgosto, em busca de uma vítima mais promissora.

— Lorde Burleigh e eu achamos o terraço mais refrescante.

Sua mãe se abanou furiosamente com um leque — Está terrivelmente quente esta noite. — franziu a testa — Mas, por favor, permaneça dentro destas paredes. Há muitos libertinos aqui esta noite. Acredito que Lady Millburn deveria ter avaliado melhor os seus convidados.

— Libertinos, mamãe? — a jovem olhou em volta, esperando que a noite maçante pudesse melhorar — Quem são eles, poderia apontá-los?

— Lorde Northcliffe, por exemplo. — a matriarca apontou discretamente com o queixo para um homem alto e bonito que estava encostado em um pilar

de pedra próximo a elas.

Mercy ficou intrigada com a aparência misteriosa e a elegância dele. Estava hipnotizada pela mecha de cabelo preto caída em sua testa. Parecia haver algo fascinante nele, uma aura de mistério. Então, isso era um libertino.

— Os boatos sobre as últimas façanhas de Northcliffe são amplamente divulgados. — comentou sua mãe, segurando seu leque.

Northcliffe olhou-a fixamente, com diversão em seus olhos âmbar. Ela se perguntou se ele havia ouvido sua conversa. Fascinada, percebeu que não conseguia desviar o olhar dele. Ambos estavam hipnotizados, e Mercy piscou, sentindo uma tontura inexplicável — Quais façanhas?

— Nada adequado para seus ouvidos. — a matriarca balançou a cabeça — Não acredito que deva apontar os outros. Contamos com que eles a procurem, minha querida. E quando fizerem isso, não deve ceder, ou, antes que perceba, acabará levando a outros empreendimentos mais íntimos!

Mercy estava desapontada ao descobrir que Lorde Northcliffe havia partido, o que a fez questionar se sua mãe estava exagerando. Perguntou-se se talvez tenha tido um libertino em seu passado, considerando que sua mãe era viúva quando se casou novamente. A morte trágica do seu primeiro marido, quando sua meia-irmã, Honor, ainda era criança, era um assunto proibido na família.

— Minhas irmãs evitaram, com sucesso, os libertinos em seus casamentos. — disse a jovem, sentindo-se irritada com a falta de confiança de sua mãe. Todos os maridos de suas irmãs permitiam que elas perseguissem seus interesses, e Mercy queria isso também. Em nenhum momento se permitiria se apaixonar por um homem que acreditasse que as mulheres fossem capazes de pouco mais do que ter filhos e cuidar dos criados.

Os negócios do seu pai continuavam prosperando. Aquela manhã, enquanto tomavam café juntos, este a olhou com um olhar pensativo. Mercy percebeu que algo o preocupava. Com um suspiro, ele a lembrou de que, como filha de um conde, era esperado que ela se casasse bem. A moça, um pouco surpresa com suas palavras, involuntariamente, engoliu em seco, quase se engasgando com a torrada. Recentemente, seu pai havia adquirido uma grande casa nova em Portman Square, o que a fez perceber que a indulgência que ele havia demonstrado com suas irmãs não seria aplicada a ela. Aquela constatação a deixou consternada.

Honor era uma mulher admirável e corajosa. Enquanto seu amado marido, Edward, dedicava-se à prática da advocacia, ela administrava com maestria a fazenda que possuíam. Faith, por sua vez, possuía um dom especial com cavalos. Dedicava seu tempo e amor aos ganhões de Vaughn, seu parceiro de vida. Em Londres, Hope teve a oportunidade de mostrar seu incrível talento ao dar um recital de piano. Aquela seria a última vez que ela e seu amado Daniel estariam na Inglaterra, antes de embarcarem em novas aventuras. A talentosa Charity, agora uma duquesa, demonstrava sua habilidade artística através da pintura de retratos, com o apoio incondicional

de seu marido, Robin. Determinada a não se contentar em ser a irmã que não se destacou, Mercy elaborava estratégias para testar os pretendentes que surgiam em sua vida. Caso os candidatos falhassem em superar seu teste, estava decidida a não se casar com alguém que não fosse capaz de apoiá-la em seu empreendimento.



Mercy cutucou o cotovelo da mãe — O amigo de Robin, Lorde Bellamy, está vindo em nossa direção. Eu gosto dele.

— Um segundo filho, que passa o tempo vagueando pelas ruas de Londres, em companhia duvidosa, pelo que me disseram. Seu pai nunca o consideraria.

— Ora, mamãe, não fale assim. Francis não é um libertino.

— Lorde Bellamy! Não o chame pelo primeiro nome. — a matriarca a repreendeu, sussurrando para que não mencionasse o nome de Lorde Bellamy de forma tão casual.

O cavalheiro de cabelos escuros se curvou diante delas — Como vai, Lady Baxendale, Lady Mercy? Sua filha e eu fomos apresentados no Castelo de Harwood, no ano passado.

— Ouvi dizer, Lorde Bellamy. — disse sua mãe, com um sorriso tímido — O duque e a duquesa devem comparecer esta noite.

— Estou ansioso para vê-los.

O mestre de cerimônias anunciou a quadrilha de forma alta e distinta, e os músicos se reuniram no estrado — Acredito que a dança vai começar. Posso ter o prazer, Lady Mercy?

— Eu adoraria. — levantou-se e aceitou-lhe o braço, antes que sua mãe pudesse levantar uma objeção.

Enquanto os grupos se formavam na pista de dança, Bellamy observava atentamente Lady Mercy, admirando os cachos volumosos, que emolduravam seu rosto delicado, e o seu elegante vestido branco, adornado com faixas acolchoadas de cetim rosa.

— Acredito que tenha crescido, Lady Mercy. — disse, cumprimentando-a de forma cortês.

— O senhor continua o mesmo. — respondeu, com um brilho nos olhos. Tinha esquecido o quão atraentes eram aqueles olhos verdes.

— Lembra-se da nossa dança improvisada, no salão de Robin, no Castelo de Harwood? Sua irmã me achou presunçoso. Espero que a duquesa tenha me perdoado.

Mercy riu — Aquela foi a minha primeira dança.

— Não foi bem uma dança, mas estou feliz por ter sido o seu parceiro. Uma dama sempre se lembra dos seus primeiros... — sorriu — Primeira dança... primeiro beijo.

Ela se sentiu aliviada por não ter que repreendê-lo quando Robin e Charity se uniram a eles. Mercy ficou tão animada que deu um grito de felicidade e correu para abraçá-los — Alegra-me muito que puderam vir.

Robin, gentilmente, beijou-lhe a bochecha e disse:

— É a debutante mais bonita do baile.

Charity, com seu vestido de baile de cetim dourado e uma tiara de diamantes em seus cabelos claros, parecia uma verdadeira duquesa, em todos os seus centímetros.

— Os músicos estão começando. Conversaremos depois da dança.

Capítulo dois

Grant Ainsworth, Visconde Northcliffe, percorreu todo o salão de baile com postura elegante e confiante. Enquanto se movia entre a multidão, os murmúrios diminuía um pouco e os olhares se voltavam em sua direção. Esperava por isso, porém, não deixava de ser um tanto irritante. Sua ex-amante, Lady Alethea Archer, havia estado ocupada. Ele não tinha sido generoso o suficiente quando se separaram? Aparentemente, não o bastante para satisfazer as exigências da viúva. Agora, graças aos bisbilhoteiros, toda a *ton* estava ciente dos detalhes de suas escapadas, e muitos esperavam ansiosos por mais informações. Os dois compartilharam dois meses cheios de aventuras e, certamente, havia muitos detalhes picantes que poderiam vir à tona, a menos que ele conseguisse convencê-la do contrário.

Decidido a evitar qualquer tipo de confronto, Grant se recusava a se aproximar de Lady Alethea quando ela estava na companhia de seus amigos, momento no qual expressava sua insatisfação com ele. Não haveria mais incitação a esse tipo de situação, caso ele pudesse evitar. O Visconde cumprimentou dois de seus amigos, Adam Dalglish, Visconde Skye, e Hugh Sitwell, Barão Sexton.

— Não está inclinado a dançar, Northcliffe? — Adam, homem com aparência viking, com cabelos louros, perguntou-lhe.

O olhar de Grant se desviou para a pista de dança, onde se encontrava uma debutante loira e curvilínea, trajando um elegante vestido rosa e branco.

— Talvez mais tarde.

— Vejo que notou a filha de Baxendale. É uma dama muito bonita. — observou Hugh.

— Ela acabou de sair da sala de aula. — disse Adam — Não é o seu tipo usual.

— E qual é o meu tipo usual, Adam? — Grant retrucou.

— Não precisa ficar sensível comigo, eu não estava me referindo a Lady Alethea. — respondeu, rindo.

— Por que não? — Grant perguntou — Todo mundo está.

— Ela está se comportando mal, Lady Alethea. — disse Hugh — Acredito que a sua intenção era de que a desposasse, Grant.

— Deixei bem claro, desde o início, que eu não sou o tipo de sujeito que se casa.

— Seu avô, o duque, não ficará feliz em ouvir isso.

Grant ponderava sobre suas responsabilidades e seus compromissos como um homem prestes a se casar. Via o casamento como uma restrição ao seu futuro, limitando-o de várias maneiras. No entanto, diferentemente de outros homens que pouco se importavam com suas esposas e usavam desculpas como visitas a clubes ou amantes para escapar de casa, Grant não concordava com essa maneira desonesta de viver.

— Agradeço por não sofrer pressão do pároco para gerar um herdeiro em algum momento. Mas ainda tenho meu pai, o conde, na fila, antes de mim. Sei que ele desfruta de seus hobbies, como caçar codornas e cães de caça, e confio que o vovô viverá por muitos anos. Portanto, não há pressa.

— Então eu daria uma chance à garota Baxendale. — disse Adam — Baxendale está procurando nada menos que um conde para ela. Suspeito que haja uma aposta no livro de apostas de White's de que ela conseguirá fingar um duque. Além disso, ela tem um belo dote e suas ações no mercado ferroviário têm se valorizado. Comprei cedo e fiz uma fortuna. A ferrovia Stockton e Darlington será inaugurada no Nordeste em setembro.

— Ele está eufórico, depois que duas de suas filhas se casaram com duques, ousou dizer. — Hugh endireitou seu corpo longo e estreito — Tenho o desejo de pedir a uma das irmãs Abbott a próxima dança.

— Há uma preferência específica? — Grant perguntou com um sorriso.

Hugh balançou a cabeça — As duas são igualmente bonitas. — afastou-se e caminhou em direção às gêmeas de cabelos escuros, que estavam sentadas com a acompanhante.

Quando Lady Mercy se afastou de Bellamy, Grant aproximou-se dela. À sua frente, um homem alto de ombros largos emergiu da multidão, destacando-se pela cor avermelhada de seus cabelos, que brilhavam sob a luz das velas. Ele alcançou Lady Mercy antes que Grant tivesse a oportunidade. Lorde Gunn, um amigo de Grant, virou-se para cumprimentá-lo com um sorriso caloroso, curvando-se em seguida, diante da elegante jovem e sua mãe. O visconde fez uma pausa, alisou suas luvas e observou a saudação nitidamente fria que Lady Baxendale dirigiu a Gunn. Riu discretamente. Apesar de ser o protegido do rei e um rico proprietário de terras na Escócia, Gunn não parecia estar recebendo a mesma cordialidade que Grant esperava.

Este ficou surpreso com sua própria reação. Sempre se considerou imune aos encantos das jovens debutantes em suas primeiras temporadas. No entanto, ao olhar nos olhos de Mercy Baxendale, se sentiu atraído por sua curiosidade genuína. Isso era completamente incomum, já que as debutantes costumavam ficar envergonhadas ou assustadas na presença dele. Apesar disso, sabia que seria sensato resistir ao impulso de flertar com ela. Tinha uma razão muito válida para não considerar o casamento, algo que nem mesmo seus amigos íntimos e familiares tinham conhecimento. Era essencial, portanto, que mantivesse esse motivo em mente e não se deixasse levar pelos sentimentos que começavam a emergir por essa jovem encantadora.

Enquanto ele se sentava à mesa do salão de jogos, o coronel Black apoiou uma mão no seu ombro e se inclinou para perto de sua orelha — Posso lhe falar na biblioteca, Northcliffe?

Grant assentiu e o acompanhou até a biblioteca.

Horace Porter olhava fixamente para o outro lado da mesa. Naquela noite, ele havia sofrido grandes perdas — Jogando bem cedo, não é mesmo, Northcliffe? Eu gostaria de uma chance de recuperar meu dinheiro perdido.

— Posso dar-lhe essa oportunidade mais tarde. — disse Grant, enquanto reunia moedas e informações com um aceno de desculpas polidas.

Porter riu da situação — Talvez tenha mais sorte com Lady Alethea.

Tentado ensinar ao homem uma lição de boas maneiras, suas mãos se apertaram no encosto da cadeira. No entanto, ao se lembrar de Black, ele a soltou — É bem-vindo para tentar a sorte lá, Porter. Mas suspeito que sua má sorte vá perdurar.

Ignorando o ruído de descontentamento de Porter e as risadas animadas dos presentes ao redor da mesa, o visconde desceu um longo e elegante corredor naquela vasta casa, enquanto seus passos ecoavam pelo ambiente silencioso. Ao abrir a pesada porta de madeira, caminhou sobre um rico tapete turco, que abafava os sons de seus passos, até alcançar uma figura ereta, que se encontrava de costas para a imponente estante vazia, como se estivesse se aquecendo.

Black encolheu os ombros — Força do hábito. — em um gesto calmo, fez um sinal para que Grant tomasse assento em uma das cadeiras disponíveis — Tem um rumor circulando a seu respeito. — disse em sua voz severa.

Grant afundou na poltrona de couro, imaginando o que estava acontecendo.

— Foi o que ouvi dizer.

O coronel ofereceu-lhe um charuto e, quando o visconde recusou, acendeu o seu e recostou-se na poltrona.

— Eu preferiria um tópico diferente. — disse Grant, encolhendo os ombros.

— Acredito. — Black soprou um círculo de fumaça — Temos um trabalho para lhe dar.

O visconde Northcliffe concordou e cruzou os braços, dissimulando seu intenso interesse por trás de uma postura fria. Ele e Black participaram de um treinamento de tiro no pavilhão de caça de seu pai. O coronel expressou sua admiração pela habilidade de Grant com uma arma, aliviado depois de ter tropeçado em uma toca de coelho, enquanto rastreava um cervo. Grant derrubou-o com um único tiro certeiro. Mais tarde, Black admitiu que, apesar de estar em busca de novos recrutas para o setor de inteligência, havia pesquisado o passado do visconde. Inicialmente, ele o havia desprezado como um dândi, mas após o tiro preciso e ao perceber o controle que o lorde tinha sob pressão, Black mudou de opinião.

Era verdade que, depois de Oxford, Grant gostava de se envolver em atividades ociosas com seus amigos da universidade. Quando estavam no campo, eles aproveitavam festas de tiro, caçavam e faziam apostas. Durante a temporada, frequentavam os prestigiados clubes da moda, como White's e Brooks, para jogar cartas, ou Gentleman Jackson, para lutar boxe. O visconde aprimorava sua habilidade de tiro na galeria de Manton. Também dirigia seu cabriolé pela cidade, puxado por uma dupla de cavalos, e praticava equitação no Hyde Park. Suas noites eram dedicadas a frequentar casas de jogos ou assistir a peças de teatro, na companhia de ciprianas.

A vida superficial com a qual o lorde estava acostumado já não existia há muito tempo, quando Black se aproximou dele. O motivo talvez tenha sido porque o pai de Grant, ao negar o seu pedido de ingressar ao exército e lutar contra Napoleão aos dezesseis anos, agarrou com entusiasmo a sugestão do coronel. Após receber uma breve educação sobre o trabalho de inteligência, Northcliffe assumiu a tarefa secreta e, às vezes, perigosa de trabalhar para a Coroa. Havia uma razão profundamente enraizada pela qual ele havia aceitado esse trabalho, mas Grant preferia não o visitar com frequência, a fim de evitar que sua família o considerasse um vagabundo. Ele buscava atender às expectativas antes do falecimento de seu avô. Entretanto, seu pai apresentava um desafio maior. O visconde temia que o patriarca tenha enfrentado uma tristeza profunda após a perda de sua mãe.

Grant geralmente evitava acompanhar debutantes durante a valsa, especialmente sob o olhar ávido de sua mãe, nos ambientes mais exclusivos, como o Almack's. No entanto, nesta temporada, ele não teve outra opção senão ignorar seu tédio e ser o par de sua irmã, Arabella, durante sua primeira temporada na sociedade.

Aquela noite foi uma ocasião rara em que o visconde participou de uma festa animada em uma mansão imponente como aquela. Sinceramente desejava não ter que comparecer naquela noite, mas Black havia solicitado uma reunião urgente. O lorde franziu a testa, sabendo perfeitamente que os rumores se espalhariam rapidamente pela cidade e apenas adicionariam mais combustível à chama de sua já manchada reputação.

— Ainda não ouviu falar que o conde Nathaniel Haighton foi assassinado? — as palavras do coronel interromperam seu devaneio bruscamente, causando-lhe um impacto tão repentino e nítido quanto o corte de uma faca quente na manteiga.

— Não! — olhou para ele — O que aconteceu? — agarrou os braços da cadeira. — Nat assassinado?

— Abatido a sangue-frio.

— Tiro? — Grant balançou a cabeça, incrédulo — Ele era um bom amigo do meu pai. Eu o conheço toda a minha vida, e sua esposa, Jenny. Eles têm uma ninhada de filhos.

Black deu um breve aceno — Está ciente de que o primeiro trem a vapor de Stockton e Darlington funcionará em setembro?

— Ouvi falar sobre isso, esta noite, na verdade. Mas o que isso tem a ver com...

— A linha de trem recém-lançada foi encontrada danificada a uma distância considerável de onde Lorde Haighton foi achado em seu limite, ao norte.

— Acredita que ele encontrou os homens destruindo a linha férrea?

— Não sabemos. Quando seu cavalo voltou para os estábulos, começaram a procurá-lo. Após algumas horas de busca, finalmente o encontraram. Não é

possível afirmar com certeza se ambos os eventos ocorreram simultaneamente, mas é uma possibilidade a ser considerada.

— Maldição! — horrorizado, o visconde fechou as mãos em punhos — O que está por trás dessa sabotagem?

— As razões ainda não estão claras.

— Uma briga contra a empresa? Há muita oposição contra o progresso. — Grant balançou a cabeça — Mas, assassinato!?

— Eles podem ter entrado em pânico. — disse o coronel em uma nuvem de fumaça — E isso pode não ter nada a ver com o assassinato de Haighton.

— Nat cavalgava ao longo de sua fronteira norte até o rio, todas as manhãs. — disse o lorde — Meu pai e eu o acompanhávamos com frequência durante as festas em casa.

— Eles vão atacar novamente. — Black apagou o charuto — O governo expressou o desejo de que a questão seja mantida confidencial por enquanto, a fim de evitar pânico no mercado de ações. Além disso, a propriedade do duque de Rotherham está localizada em Yorkshire, o que proporcionaria uma visita ao seu avô, sem chamar muita atenção. Com base nas informações disponíveis, é possível suspeitar que a trilha de investigação o conduzirá de volta a Londres. É importante ressaltar que esse não é um problema localizado ou insignificante. Recomendo entrar em contato com o juiz de paz e com o delegado local, para obter mais informações relevantes. Se necessário, também é aconselhável comunicar-se com o magistrado de Yorkshire do Norte.

— A linha ferroviária em questão é parte integrante de um plano de longo prazo, que ainda não foi totalmente realizado, para conectar a indústria, em especial a produção de ferro, aço, construção naval e carvão, a outras cidades de Durham. Sua construção foi justificada pela não implementação dos canais propostos para transportar carvão. Esse empreendimento representa um avanço vital para a indústria inglesa e, por conta disso, o governo deseja manter informações a respeito em sigilo. É de extrema importância reunir o máximo de informações possíveis sobre esse assunto, porém é prudente agir com cautela, pois ainda estamos em grande desvantagem em termos de conhecimento.

Grant sentiu uma onda de raiva crescer em seu peito, mas fez uma pausa e respirou fundo, buscando alívio. Estava profundamente preocupado com a reação de seu pai e avô quando a notícia do falecimento de Nat chegasse até eles. Era seu desejo estar presente nesse momento difícil, com a intenção de oferecer algum apoio e conforto diante da dor que viria.



Lorde Gunn surpreendeu a mãe de Mercy ao falar com gentileza e conduzi-la a uma valsa na pista de dança. Nos braços do lorde, a lady sentia-se leve como uma pena, sendo habilmente guiada por ele — A senhorita é uma jovem delicada. — disse-lhe em seu marcante sotaque escocês — Diferente de sua irmã.

— Sim, Hope e eu somos mais parecidas. — concordou timidamente, pois se sentiu sem fôlego.

— A duquesa é imponente e corpulenta. — comentou ele, enquanto Charity passava com Robin.

Mercy percebeu, em sua voz, um tom de arrependimento mesclado com simpatia. Ela imaginou que ser rejeitado no amor devia ser uma terrível experiência. Apesar disso, gostava do lorde e procurava animá-lo. Para um homem grande, ele se movimentava com destreza, adaptando seus grandes pés aos dela — É um excelente dançarino, Lorde Gunn.

— Ajuda que a senhorita seja tão leve quanto uma fada. Podemos dançar novamente, esta noite, se seu cartão de dança não estiver cheio, o que eu suspeito que deve estar.

Ela sorriu. Nesse momento, seu pai havia se reunido com sua mãe, formando uma união que, de acordo com a expressão facial de ambos, parecia pouco provável de ocorrer.

Quando Gunn virou sua cabeça, Mercy pôde avistar o homem alto, com uma intensidade ardente, que ela achou tão excitante. Northcliffe, de forma determinada, abriu caminho entre a multidão reunida ao redor do perímetro da pista de dança. Uma mulher bonita, de cabelos escuros e vestindo um elegante vestido de seda magenta, atravessou seu caminho. Após um breve momento, ele segurou o braço da dama e a levou apressadamente para fora das portas francesas, fechando-as atrás deles. Mercy sentiu um arrepio ao imaginar o que poderia estar reservado para aquela mulher. De alguma forma, sabia que Northcliffe não era nem um pouco parecido com Lorde Burleigh, que lhe implorou por um beijo no terraço, mais cedo. Northcliffe certamente não imploraria.

Capítulo três

Assim que Grant retornou ao salão de baile, foi imediatamente interrompido por Alethea, que fez uma reverência em sua direção. Com expressão tensa, ele conduziu a jovem mulher pelas longas janelas até o terraço, compreendendo que ela estava prestes a aumentar o escândalo que já se instalava no local.

Ao passarem, um laçao fechou as portas atrás deles, fazendo com que o ruído diminuísse a um murmúrio quase inaudível. O ar parecia carregado com a ameaça de uma tempestade iminente, o que, de certa forma, combinava perfeitamente com o humor tempestuoso de Alethea, que indicava claramente a chegada de problemas.

Sentia-se compelida a expressar seus sentimentos por meio de um gesto tangível, estendendo a mão para deslizar suavemente um dedo pelo peito dele.

— Northcliffe, sei que nunca teve a intenção de se casar, mas por que não podemos continuar como antes?

No entanto, ela omitiu um importante detalhe, que constituía um obstáculo significativo para tal continuidade. Durante a ausência dele, a viúva havia se envolvido intimamente com Lorde Fallowbrook.

— Não daria certo, minha querida. Pensei que tivéssemos terminado isso amigavelmente. O que aconteceu desde então?

Esta olhou para as mãos — Tenho tido algumas dívidas inesperadamente grandes.

Sua intenção de enganar Lorde Fallowbrook deve ter falhado — Permita-me resolvê-los para a senhora.

Os grandes olhos de Alethea se abriram em surpresa — O senhor faria isso?

— Certamente. Mas esta será a última vez, e quero uma promessa sua de que se comportará discretamente em relação ao relacionamento que tivemos no passado, Alethea.

Ela balançou a cabeça com desdém — O senhor não confia em mim.

— A senhora não facilita as coisas.

Quando Grant retornou ao salão de baile, meia hora depois, estava tomado de raiva. No entanto, esse sentimento não estava direcionado a Alethea, mas a si próprio. Afinal, ela sempre gostava de drama e estava se comportando como sempre fazia. Por que ele havia se envolvido com a viúva? Sabia a resposta para essa pergunta, mas isso não o absolvía da culpa. O visconde estava exausto e ansiava por descansar longe de Londres, com sua beleza desgastada, seus enganos e suas tentações. Seu pai estava hospedado na propriedade rural de sua família, Thornhill, junto de seu avô. Certamente, a triste notícia havia chegado até eles. Grant tinha consciência de que pouco poderia fazer para aliviar o sofrimento da viúva de Nat, Jenny, e dos quatro

filhos deles. No entanto, enxergava essa oportunidade como uma chance de encontrar o assassino.

Olhou para onde Gunn escoltou Lady Mercy da pista de dança. Uma vez mais, a sua beleza natural o impactou. Surgiu o desejo de se aproximar, como se todo o peso da tristeza pela morte violenta de Nat pudesse ser momentaneamente aliviado pelos olhos azuis sinceros, que não denotavam falsidade. Localizando Black entre os seus pares, dirigiu-se até ele. Chamou o coronel de lado e, em tom reservado, solicitou-lhe o seguinte: — Há algo que pode fazer por mim, se assim o desejar.

Este assentiu — Se eu puder.

— O senhor conhece o Lorde Baxendale, creio eu?

— Sim.

— Gostaria que me apresentasse à filha dele, Lady Mercy.

Um sorriso puxou a boca de Black — Eu ficaria feliz em fazer isso. Mas confesso que estou surpreso ao descobrir que precisa da minha ajuda para isso.

Grant estremeceu — Sinto-me levemente deslocado em círculos sociais educados.

O coronel riu — Então, será um prazer.

Enquanto caminhavam em direção à família Baxendale, um tumulto surgiu na multidão. Black deu uma cotovelada e Grant o seguiu.

— A Srta. Fury desmaiou. — uma matriarca disse, abanando freneticamente uma jovem de cabelos louros caída no chão com seu leque de marfim.

Um homem conseguiu abrir caminho entre a aglomeração em torno dela e ajoelhou-se ao seu lado — Catherine, está bem?

— Sim, Ambrose. — colocou a mão na testa — É só que... — seus olhos estavam grandes e seu rosto pálido — Pode me levar para casa?

— O Sr. Fury cuidará de sua irmã. — explicou a matrona, enquanto este ajudava a afastar a mulher aflita, com o braço em volta da sua cintura — Foi tão inesperado! Estávamos discutindo os últimos rumores e ela foi subitamente afetada. — acrescentou a senhora.



Violet Blenkinsopp e Lady Amelia Frankston desfrutaram de um momento de tranquilidade, ao se sentarem ao lado das palmeiras envasadas, acompanhadas por Mercy, enquanto suas mães se envolviam em uma conversa a alguns metros de distância.

— Dancei apenas uma vez. — confessou Violet.

Amelia torceu o nariz — Eu dancei uma das danças de campo, mas dificilmente conta, pois foi com o primo Rupert.

Mercy notou que Amelia tinha uma linha fina de pelo no lábio superior, indicando a presença de pelos indesejados. Por outro lado, as mechas marrons do cabelo de Violet estavam com uma aparência sem brilho. Com o intuito de auxiliar as duas em suas questões estéticas, Mercy tinha as loções apropriadas.

Para Amelia, ela recomendaria uma lavagem facial com água de pimpernel, após o uso do unguento depilatório, visando eliminar os pelos indesejados de forma eficaz. Já para Violet, Mercy sugeriria enxaguar o cabelo com uma mistura de rum e água de rosas, pois essa combinação prometeria resultados surpreendentes, devolvendo o brilho perdido aos fios. Além disso, indicaria que Violet aplicasse a pasta de sabugueiro para escurecer e definir melhor suas sobrancelhas e seus cílios, ressaltando ainda mais sua beleza natural.

Foi obrigada a interromper seu trabalho no desenvolvimento de novos produtos e seu livro sobre o assunto, devido à agitada temporada de Londres. Enquanto isso, acariciava suavemente a pequena cicatriz em seu queixo, resultado de um experimento malsucedido, envolvendo cera explosiva. A possibilidade de ajudar a melhorar a aparência das mulheres e aumentar sua confiança era uma fonte de grande emoção para ela. No entanto, a jovem questionava se seria melhor esperar antes de sugerir o uso de seus produtos para suas novas amigas. Durante o tempo em que refletia sobre isso, dois cavalheiros se aproximaram dela, no salão.

— Meu Deus, é Lorde Northcliffe. — Violet sussurrou, suas bochechas ficando rosa escarlate — Mamãe ficaria escandalizada se ele me convidasse para dançar.

Ao se aproximar do pai de Mercy, Northcliffe e o cavalheiro ao seu lado demonstravam uma postura rigidamente formal, seu pai estava com Liverpool e Canning. Uma conversa intensa teve início entre eles e o seu pai. Apesar de seus esforços para ouvir, Mercy não conseguiu acompanhar a troca de palavras que se desenrolava entre eles. No entanto, observando o sorriso satisfeito estampado no rosto do patriarca, pôde perceber que a interação estava progredindo de forma positiva. Com a gentileza característica, seu pai conduziu os cavalheiros até Mercy, selando assim o fim do encontro formal.

— Minha querida, gostaria de apresentar o Coronel Black e Lorde Northcliffe. Cavalheiros, minha filha mais nova, Lady Mercy.

Após se levantar de sua reverência, a jovem percebeu o olhar caloroso e paternal nos olhos do Coronel Black. Já os olhos de Lorde Northcliffe eram castanhos e transmitiam uma intensidade marcante, com uma tendência a se desviar de seu rosto para o restante de seu corpo. Sentindo-se envergonhada, baixou seu olhar, temendo que também estivesse corando.

Northcliffe ofereceu-lhe o braço — Pode me conceder esta valsa, Lady Mercy?

— Eu ficaria encantada. — ao inserir sua mão na dobra do braço dele, a lady sentiu uma mistura de emoções.

Violet reagiu com expressão de surpresa, enquanto ela própria não sabia se sentia alívio por não ter sido convidada ou surpresa pelo gesto inesperado de Northcliffe. O toque delicado da manga do cavalheiro, combinado com seus dedos enluvados, trouxe uma sensação de requinte ao casal. Juntos, eles se juntaram aos outros casais na pista de dança, seguindo o ritmo da música. Em um momento de introspecção, Mercy lançou um olhar para sua mãe, cujo

rosto expressava choque. No entanto, seu pai, com um aceno de cabeça, parecia aprovar a situação. Era evidente que a reputação de Lorde Northcliffe não era uma preocupação para ele. Supôs que sua linhagem impecável, mencionada anteriormente por Violet, tinha apagado qualquer dúvida sobre o cavalheiro.

Os músicos pegaram seus instrumentos e começaram a tocar uma valsa. O som suave e harmonioso fluía pelo salão, contrastando com o barulho do ambiente. Enquanto a música preenchia o ar, Northcliffe se aproximou dela e a conduziu para a dança. Ele emanava um aroma de amido e colônia almiscarada, com um leve toque de tabaco.

Nervosa, Mercy desviou o olhar para os botões ornamentados no colete prateado dele.

— A senhorita tem os olhos mais azuis que já vi, Lady Mercy.

— Obrigada, senhor. — respondeu, tentando controlar a voz trêmula.

— Eu gostaria de vê-los.

A moça observou atentamente o homem à sua frente. Seus olhos de cor âmbar irradiavam uma inteligência nítida, mas se suavizavam ao se transformarem em um tom de mel quente quando sorria. Elegante e esbelto, ele se destacava em contraste com o imponente Lorde Gunn. A estrutura afiada de seu maxilar aparado e as suas maçãs do rosto davam a impressão de uma impaciência inquietante. Também não se assemelhava em nada ao Lorde Bellamy, que parecia muito mais inofensivo em comparação. Porque Mercy percebeu isso, não tinha ideia. Timidamente, encontrou-lhe o olhar e procurou um assunto seguro — Está mais fresco no terraço, senhor?

Suas sobranceiras escuras se ergueram — Perdão?

— Eu o vi sair pelas portas francesas para o terraço. Eu fiz o mesmo, para escapar do calor por alguns momentos, mais cedo. Está terrivelmente quente aqui, não está? — ele havia permanecido do lado de fora por muito mais tempo do que ela. Imaginando o que poderia ter acontecido, fechou a boca. O lorde a encarou com expressão confusa — Eu não tinha achado terraço mais fresco.

A proximidade entre os dois era desconfortável para ela. Para desviar a atenção dessa situação, Mercy decidiu mudar de assunto — Imagino que o senhor tenha assistido a muitos bailes.

— Até demais.

Ela percebeu uma pequena mudança na expressão dele, com os lábios levemente caídos e parecendo pensativo, evidenciado por uma ruga em sua testa. Mercy queria que ele a achasse interessante, que seus olhos brilhassem de interesse. No entanto, estando tão próxima dele, com uma de suas mãos completamente coberta pela mão masculina e pelos dedos quentes da outra mão esparramada em suas costas, ela se sentia incapaz de manter uma conversa adequada. O que se dizia a um cavalheiro libertino? Talvez fosse adequado fazer a sua pergunta preestabelecida. Afinal, mesmo um libertino deve estar à procura de uma esposa. É por isso que todos os homens solteiros

frequentam esses eventos sociais, especialmente aqueles que estão em busca de um herdeiro.

— E se uma vez que o senhor estiver casado e sua esposa desejar ter uma ocupação além da casa e dos filhos, o senhor aprovaria?

— Uma ocupação? — seu olhar se estreitou e ele desviou dos olhos dela — Acredito que apenas ter um marido vivo e bem seja o suficiente.

Ela corou. Que condescendente! — Então, o senhor acredita que um marido é tudo o que uma mulher precisa para ser feliz?

— Muito melhor do que a viuvez, imagino. — disse ele em voz baixa — O que a senhorita tem em mente, abrir um salão literário, onde escritores e poetas medíocres recitem sua prosa inferior?

A boca de Mercy secou — O senhor não gosta de escritores? — deixou escapar, esquecendo sua intenção de uma abordagem sutil.

Ele arregalou os olhos para a força por trás da pergunta dela — Eu gosto. Quero dizer, dos melhores escritores, como Shakespeare, Byron, Tennyson. — afirmou, enquanto a girava para lhe mostrar o seu comprometimento com o tema. Com voz profunda e envolvente, ele começou a recitar:

Sob os trovões da vastidão do mar,
Mais, mais além, nas águas abissais,
Sem sonhos, num antigo repousar
O Kraken dorme; a luz tênue jamais
Toca os flancos sombrios; intumescidas.

Com um suspiro de alívio, a jovem sentiu-se satisfeita por ter conseguido manter a compostura. Ela não desejava ser rotulada como alguém impaciente em seu primeiro baile.

A nuvem de preocupação que havia obscurecido seus olhos se dissipou quando ele a atraiu com um sorriso repentino e cativante, que a fez admirar seus dentes brancos e lábios bem desenhados — Mas o céu nos proteja, pois Londres está repleta de poetas e romancistas que nunca deveriam colocar a pena no papel.

Ela estava inicialmente encantada com a ressonância de sua voz profunda, mas logo se questionou sobre suas opiniões. Ele parecia menosprezar o direito de todos de se expressarem livremente e ainda descartava o papel das mulheres como sendo pouco mais do que um complemento dos homens.

— Os romances de Jane Austen são extremamente bem escritos. — disse-lhe ela, depois de ler todos os livros duas vezes — Ela era a favorita do rei George.

— Eu não os li, mas admito que estava equivocado.

Ela desejou que o sorriso dele não fosse tão atraente. Antes que pudesse desafiá-lo ainda mais, a música diminuiu. Ao final da dança, ele a acompanhou com um sorriso, enquanto a conduzia para fora da pista — Um tópico interessante. Espero que possamos discuti-lo mais em outro momento.

Ainda sofrendo com o desprezo dele, ela não tinha muito desejo de fazer isso.

— Eu não gostaria de aborrecê-lo, senhor.

— Duvido que faça isso. — deu outro de seus sorrisos encantadores, enquanto a levava de volta para sua mãe.

Mercy resistiu a retribuir o sorriso, enquanto ainda refreava sua arrogante rejeição por poetas inexperientes. Afinal, é preciso começar em algum lugar.

Momentos depois, Charity se juntou a ela — Está gostando do seu primeiro baile, querida? É tudo o que esperava?

— É... — procurou por Lorde Northcliffe.

Os olhos azuis-acinzentados de Charity a estudaram.

— Mas?

— Lorde Northcliffe acabou de dançar a valsa comigo.

— Certamente ele não a aborreceu?

— Não exatamente, mas ele foi um pouco depreciativo.

Charity olhou para a multidão.

— O que ele disse?

— Ele foi severo sobre novos escritores e poetas.

A irmã balançou a cabeça com um leve sorriso — Então não deve dançar com ele novamente.

— Duvido muito que me peça outra dança. De qualquer forma, ele não seria um marido solidário. Não como seu querido Robin.

— Espero que conheça um homem maravilhoso como Robin, mas não tenha muita pressa, querida. A temporada está apenas começando.

Mercy franziu a testa e brincou com o leque — Northcliffe deve me achar jovem.

Charity riu — Bem, não está exatamente na sua caduquice, está?

— Eu queria parecer sofisticada, como... algumas damas aqui. — a jovem mordeu o lábio pensando na dama que havia saído para o terraço com Lorde Northcliffe.

— A sofisticação é uma característica que se desenvolve ao longo do tempo, através de experiências vividas e conhecimentos adquiridos. Quando acompanhada de charme e inteligência, essa sofisticação se torna excessivamente divertida. No entanto, é preciso destacar que a inocência e a beleza natural também possuem seu próprio apelo e encantam de forma única. Portanto, a melhor abordagem é sempre ser autêntica e genuína consigo mesma, minha querida. Quando se mostrar como realmente é, os homens estarão aos seus pés, aos montes, pois a autenticidade é algo extremamente atrativo.

Mercy não estava interessada em atrair uma multidão de homens. Ela apenas desejava a companhia de alguém muito especial. No entanto, parece que a sua dança com Northcliffe foi suficiente para afastá-lo. Afinal, logo após isso, ele deixou imediatamente o salão de baile.

No dia seguinte, ela e sua mãe planejavam comparecer ao musical da Sra. Bishop, no qual, para a sua surpresa, a filha dela se apresentaria com uma seleção de melodias tradicionais irlandesas. Mercy se questionava se

Northcliffe seria tão desdenhoso com músicos inexperientes como ela. A jovem Baxendale esperava sinceramente que ele comparecesse ao evento, pois gostaria de reservar-lhe um lugar. No entanto, ela só o faria caso a Srta. Bishop estivesse com boa voz, para garantir que a apresentação fosse de qualidade.

Capítulo quatro



Com uma atmosfera acolhedora, o porteiro saudou Grant com um sorriso no rosto e tirou o chapéu, enquanto este cavalgava pelos imponentes portões de ferro forjado que ostentavam o brasão da família. A longa jornada, permeada por majestosos olmos, levava a uma charmosa ponte sobre um riacho que fluía vigorosamente, resguardada por um par de leões de pedra, cobertos de líquen. A partir das copas das árvores do parque, Thornhill surgia, imponente, erguendo-se majestosamente sobre a paisagem.

O visconde recordava com carinho os dias passados neste local, pois foi aqui que ele passou grande parte de sua infância. Durante esses anos, desfrutou de uma série de atividades ao ar livre, como cavalgar, caçar e pescar quando voltava da escola e, depois, da faculdade. Os seus pais, devido às ocupações parlamentares do pai, costumavam passar um tempo considerável em Londres.

Nos estábulos, Grant saudou o cavaliário responsável, antes de deixar o cavalo sob seus cuidados. Enquanto caminhava em direção à majestosa mansão de pedra, aproveitou para retirar as luvas de couro que protegiam suas mãos e o chapéu de castor que adornava sua cabeça.

O lorde foi recebido por Elliston, o mordomo, que o ajudou a tirar o sobretudo.

— É bom vê-lo, milorde. — disse, seu sorriso transformando suas feições — Encontrará Sua Graça e o conde na sala de estar.

No magnífico salão, é possível observar uma imponente e antiga pintura da casa como ela era, há cento e cinquenta anos. A obra ainda ocupava o seu lugar de destaque. No lado oeste do salão, um grande mural pintado por Sir James Thorn adicionava ainda mais beleza ao ambiente. Ao adentrar o espaço, Grant foi recebido pelos aromas familiares de madeira antiga, cera de abelha e um buquê floral, proveniente de um majestoso arranjo de flores, disposto sobre uma mesa de carvalho maciço. Sentindo-se em casa, decidiu subir a ampla escada para lavar-se e trocar de roupa. O quarto estava sempre equipado com trajes adequados para suas visitas, proporcionando-lhe praticidade e conforto. No entanto, desta vez, havia um leve sentimento de tristeza pairando no ar, pois a ocasião que o aguardava era um funeral.

Após trinta minutos, entrou na longa e aconchegante sala de estar, vestido elegantemente com um fraque espanhol azul e calças de cor caramelo. Apesar de seu tamanho, o ambiente era acolhedor e repleto de lembranças familiares. A sala era o local favorito de seu avô, com suas extensas janelas voltadas para o sul. Caminhando sobre o tapete turco, Grant se aproximou dos dois homens reunidos perto da lareira. Dois cães da raça spaniel, feitos de porcelana chinesa, sorriam-lhe de cada lado da imponente lareira de pedra. Ali também se encontrava um relógio de lareira francês dourado. Uma imagem retratando dois spaniels descansando em cestas ao lado do fogo complementava o

ambiente. As paredes eram revestidas por um papel amarelo-açafrão e adornadas com molduras douradas ornamentadas. Nessas molduras, pinturas retratavam membros da família, com seus filhos, cães e cavalos. Contudo, o destaque estava em um imponente óleo que pairava acima da lareira de pedra. Na pintura, via-se sua avó, Lady Anne, sentada em um jardim, usando um vestido vermelho com estampa de papoulas do século XVIII. Ao seu lado, estava seu pai, James, um garoto alto, magro e desajeitado. Próximo ao quadro, havia uma mesa com livros de couro bem conservados, cujas encadernações eram ricamente douradas. Na alcova da janela, orquídeas em vasos enchiam o espaço.

Em cadeiras aconchegantes, na frente da lareira, seu pai e seu avô estavam imersos em um jogo de xadrez, em um tabuleiro feito de madeira e mármore, segurando taças de vinho líquido rubi — Boa tarde, papai, vovô.

— Grant, meu garoto! — seu avô acenou com um dedo enrugado — Veio de Londres, não é? Sente-se e descanse os ossos. Não tem me visitado muito ultimamente. Não o vejo há mais de um mês. — deu um sorriso irônico, as rugas em sua pele resistentes mostrando uma mistura de emoções — Não estarei aqui para sempre, como bem sabe.

O jovem respirou fundo, sentindo a tristeza pesar em seu peito. A proximidade da morte era tão tangível que pairava silenciosa no ar, impondo a percepção de que a mudança era inevitável. Sabia que chegaria o dia em que a presença vital de seu avô desapareceria, deixando a casa tão fria e pouco acolhedora. No entanto, tentou forçar um sorriso, buscando confortar a si mesmo e ao idoso — O senhor viverá até os cem anos, meu avô. — disse-lhe, com uma mistura de esperança e determinação em sua voz.

Seu pai, ao ouvir aquelas palavras, deu um sorriso austero — Seu avô e eu temos tentado entender essas notícias angustiantes. — respondeu, transmitindo a seriedade da situação — Mal consigo acreditar.

— Traga uma taça de vinho para meu neto, Charles.

O lacaios prontamente atendeu ao pedido, entregando uma taça para Grant.

— O que ouviu sobre a morte de Nat? — Grant perguntou, depois que o lacaios saiu da sala.

— Nada de extraordinário. — disse o pai, com uma carranca. Alisou seus abundantes cabelos escuros, salpicados de prata — O cavaleiro o encontrou morto após horas de seu desaparecimento.

— Tenho certeza de que enviou uma mensagem de condolências, mas pensei em ir até lá e oferecer a simpatia da família, pessoalmente. — disse Grant — Talvez eu possa descobrir algo para aliviar a angústia de Jenny.

Seu avô concordou com um gesto de aprovação — Bom rapaz.

Já o seu pai o observou atentamente, talvez em busca de sinais de comportamento impróprio — Alguma notícia de Londres?

— Nash está ocupado, reconstruindo o Palácio de Buckingham para o rei. Mas Sua Majestade pareceu muito doente, quando o vi pela última vez.

Seu pai assentiu — Seus abusos o estão matando.

— O quarto George abusa. — disse o avô — Não é nada parecido com o pai dele. Fazendeiro George era um homem bom, até que sua doença o enlouqueceu.

— Porque alguém iria querer interromper o avanço do projeto da Locomoção Number One, de Stockton e Darlington, é difícil de compreender, — disse o pai, com uma carranca preocupada — Como se o país não estivesse sofrendo o suficiente, com o mercado de ações enfrentando uma perigosa queda e algumas nações da América Latina apresentando dificuldades para quitar suas dívidas. Além disso, o Banco da Inglaterra está hesitante em relação à possibilidade de reforçar o apoio necessário.

Vovô assentiu — Tempos difíceis.

Seu pai largou a taça de vinho e, com expressão pensativa, fixou os olhos no tabuleiro — Sua irmã Arabella deu início à temporada de bailes, com a companhia da tia Jane. — moveu o cavaleiro — Espero que arranje tempo para acompanhá-la aos bailes quando retornar a Londres. Mantenha os lobos afastados da porta.

— Fiz essa promessa a ela, papai. — o visconde tinha um apreço imenso por Bella, sua única irmã. Ao longo dos últimos dois anos, os encontros entre os irmãos foram escassos, devido à grande diferença de idade entre eles: ela era oito anos mais nova e ainda se encontrava no estágio da infância, quando ele deixou o lar.

O avô atacou o cavaleiro e moveu sua rainha — Xeque-mate.

O pai riu e empurrou a cadeira para trás — Isso me ensinará a ser mais observador. Falaremos mais tarde, Grant. Acredito que vou ler por algumas horas, antes do jantar.

Quando a porta se fechou, o jovem estudou o rosto preocupado de seu avô — O pai está em boa saúde?

— Ele está passando por um momento de grande tristeza e consternação, diante desta terrível tragédia, um sentimento que é compartilhado por todos nós. Além disso, está envelhecendo, assim como eu. Parece que ele não está lidando tão bem com essa situação. Por diversas vezes, eu lhe aconselhei a considerar a possibilidade de se casar novamente, após a perda de sua mãe, no entanto, ele não está disposto a seguir esse conselho.

Grant assentiu, concordando. Seu avô também não havia se casado novamente. Na verdade, na família deles, os homens geralmente se casavam para a vida toda.

Enquanto caminhava em direção à biblioteca, Northcliffe franzia a testa, perdido em pensamentos. Pretendia passar algumas horas lendo os jornais, antes do jantar. Observando seu pai de longe, notou que ele parecia ter se encolhido e perdido aquela vitalidade que o tornava uma força a ser reconhecida. Grant sabia que não era apenas a perda da mãe que afetava seu pai, mas também o recente falecimento de Nat, que havia causado um grande impacto nele. Sentindo uma raiva crua e palpável, o visconde amaldiçoou baixinho, enquanto seu estômago se contorcia.

No dia seguinte, saiu para cavalgar, em direção ao norte, acompanhado por um amanhecer enevoado. O céu estava listrado de tonalidades de damasco e cinza, criando uma atmosfera melancólica. Sua intenção era retornar a tempo para o funeral, que seria realizado na majestosa Catedral de York. Durante sua jornada, esperava coletar informações que o ajudassem a entender por que um ato tão sem sentido havia sido cometido contra um conde que cavalgava em suas próprias terras.



Lorde Northcliffe não compareceu a três eventos importantes nos quais Mercy estava presente. Primeiramente, não foi ao musical, do qual ela ficou aliviada, pois a interpretação de Lady Agnes não ressaltou a essência irlandesa como poderia. Em seguida, ele também faltou ao encontro social para jogar cartas, na quarta-feira seguinte. E, por último, não estava presente no Almack's, esta noite.

No entanto, isso não fez diferença para ela. Isso porque a jovem decidiu desfrutar das festividades e se dedicar aos prazeres da dança. Mesmo que seus dois cavalheiros, Lorde Bellamy e Lorde Gunn, não tenham correspondido às suas expectativas, ela não se abalou. Lorde Bellamy simplesmente não compareceu, enquanto Lorde Gunn dançou três vezes com uma dama alta de cabelos ruivos, o que causou uma grande onda de rumores.

Sir Ewan Snowden, um distinto senhor de meia-idade, demonstrava uma aparência invulgar, com seus cabelos loiros esbranquiçados. Durante a noite, ele teve a oportunidade de acompanhá-la em uma dança country, momento em que falou com afeto sobre sua residência em Durham. Ao final da noite, o cavalheiro gentilmente solicitou uma valsa. O pai da moça via com bons olhos o viúvo, considerando-o um indivíduo digno de confiança e respeitado pela sua astúcia nos negócios, características que o destacavam na nobreza. Porém, Mercy ainda não havia tomado uma posição definitiva em relação a Sir Ewan Snowden. Embora agradável, ela não conseguia evitar perceber que seus olhos eram tão obscuros e misteriosos quanto os fiordes suecos.

Quando a última valsa foi anunciada, os músicos se ergueram com elegância. Nesse instante, ele inclinou-se respeitosamente diante dela, fazendo com que a luz das velas ressaltasse ainda mais a delicadeza de seu cabelo pálido. Seus olhos, por sua vez, desviavam-se do comum, exibindo uma profundidade singular, pareciam enxergar através dela enquanto dançavam — Conte-me mais sobre a senhorita. — pediu-lhe, enquanto a conduzia — Além de dançar divinamente, o que gosta de fazer?

Surpresa com a pergunta, a jovem contou-lhe sobre seus produtos para a pele e o livro que estava escrevendo.

— Admirável. — disse, com um aceno de cabeça — Posso estar interessado em financiar tal empreendimento.

— O senhor faria isso? — Mercy contemplou os olhos inescrutáveis diante dela, refletindo sobre a sua própria hesitação em buscar a opinião dele. Como era um homem mais velho, não o considerava um marido adequado para si.

No entanto, contra a sua vontade, não pôde deixar de começar a gostar dele. O tema dominante em seus pensamentos e sonhos era obter apoio para o seu empreendimento.

— De fato. — ele sorriu — Eu sou um homem de negócios, Lady Mercy. Se descubro uma ideia lucrativa, ajo de acordo com ela.

Sem fôlego, a moça se viu obrigada a encarar a realidade. Suas loções ainda não estavam finalizadas e o seu livro não estava completo — Talvez, em um momento mais adiante, eu possa solicitar a sua assistência?

Ao ouvir isso, o cavalheiro ergueu suas sobrelanceiras pálidas e, com grande atenção, afirmou: — Certamente seguirei seu progresso com grande interesse.

Isso significava que ele desejava vê-la mais vezes. Sua ânsia inicial por seu apoio diminuiu ligeiramente. Será que a oferta dele poderia vir com alguma expectativa? Bem, estava aliviada por seu pai não estar aqui, esta noite. De qualquer forma, ela se alertou para ter cuidado e não lhe dar nenhuma esperança nessa direção. Afinal, negócios eram negócios, mas, para ela, o casamento, bem, isso era tudo sobre amor. Portanto, sabia que jamais poderia se apaixonar por um homem com idade suficiente para ser seu pai.

Ele a olhou como se sentisse que ela se afastara dele — Uma moeda por seus pensamentos.

— Eu estava pensando na minha nova loção para pele seca. — embora consciente da falsidade inerente, ela encontrava satisfação ao desenvolver uma loção utilizando como base gema de ovo, água de rosas e um ingrediente secreto.

— A senhorita é a sua melhor propaganda, Lady Mercy. — disse Sir Ewan suavemente, interrompendo seus pensamentos. Ele baixou a voz, forçando-a a se aproximar para ouvi-lo — Sua pele pálida e radiante deve ser muito macia ao toque.

A jovem ficou desconcertada com a mudança nele e, em resposta, mordeu o lábio.

— Eu não uso esse produto, mas minha mãe o acha eficaz.

O olhar dele se fixou na sua boca. — E seus lábios... da cor de coral.

— É muito gentil, senhor. — era muito paquerador. Suspirou aliviada quando a dança terminou.

Mercy, concentrada em se arrumar na área destinada às mulheres, observou atentamente seu reflexo no espelho. Enquanto ajustava seus cabelos e verificava a integridade da bainha de sua delicada musselina, em busca de possíveis marcas ou rasgos, uma jovem de porte esguio e cabelos escuros aproximou-se silenciosamente ao seu lado. A bela senhorita possuía olhos castanho-claros, realçados por longos cílios escuros. Sua aparência era encantadora, compatível com a idade de Mercy. Vestida com um elegante vestido, adornado com babados primaveris, emanava uma aura de charme e graciosidade — Está terrivelmente abarrotado esta noite, não acha? Almack's é sempre assim?

Mercy sorriu para seu reflexo no espelho — Receio não poder dizer. O que

quero dizer é que é a minha primeira vez aqui. — virou-se para oferecer a mão — Como vai a senhorita? Sou Mercy Baxendale.

— Arabella Ainsworth. — estendeu a mão esguia, na longa luva branca — É um prazer conhecê-la. Minha tia, Lady Jane Grosvenor, recentemente reencontrou velhos amigos, porém, eu estou em uma situação na qual não tenho companhia para conversar. Durante as festividades, esses cavalheiros cordialmente a convidam para uma dança, logo me deixam e me resta apenas observá-la de longe e acenar.

A jovem Baxendale riu — Eu adoraria se a senhorita aceitasse se sentar comigo.

Arabella acenou, seus cachos escuros saltando — Eu ficaria muito honrada. Vou pedir permissão à minha tia.

Uma hora depois, a moça Ainsworth sentou-se em uma cadeira ao lado de Mercy, tendo acabado de dançar com Sir Ewan.

— Conhece Sir Ewan? — Mercy perguntou, depois que ele foi buscar um copo de orchata para as duas.

— Apenas brevemente. Ele vem do norte, assim como a minha família. Nós nos conhecemos nos eventos na Assembly de York.

— O que acha dele? — Mercy ponderou se a sugestão de que ele consideraria apoiar o negócio dela era verídica ou meramente uma artimanha para seduzi-la.

— Eu o considero um tanto incognoscível. — Arabella murmurou.

— Sim. — concordou a outra. Era exatamente isso. Certamente seu pai não o considerava um pretendente para ela. Só o pensamento a horrorizou.

Sir Ewan emergiu da multidão com dois copos.

— Quão gentil, Sir Ewan. — a mãe de Mercy se inclinou perto de sua orelha — Certifique-se de agradecê-lo de forma agradável.

— Aqui estão, minhas duas jovens encantadoras. Agora devo deixá-las com seus pretendentes. — curvou-se para a mãe de Mercy e para a tia Jane de Arabella, com um de seus sorrisos formais — É com pesar que informo que preciso me retirar, pois estou partindo para York pela manhã. Infelizmente, trata-se da ocasião triste do funeral de um bom amigo.

— Eu me pergunto de quem é o funeral. — Arabella refletiu depois que ele partiu — Espero que meu irmão não demore a chegar, pois ele certamente saberá. — franziu a testa — Ele me prometeu solenemente que estaria aqui para apoiar o meu debut.

— Qual é o nome do seu irmão? — Mercy perguntou.

— Grant, Visconde Northcliffe. A senhorita foi apresentada a ele?

Mercy ofegou — Ah, sim, eu fui. Dividimos uma dança no baile de Lady Millburn. Mas não o vejo, desde então.

— Grant está em Londres, então, o que me faz questionar o motivo de ele não ter me acompanhado esta noite. Ele não virá agora, ninguém é admitido após às onze horas. Não houve resposta à carta que enviei para Albany, ontem, assim, presumi que ele deveria estar longe. — Arabella sorriu — Meu

irmão é muito bonito, não acha o mesmo?

— Ah, sim, imensuravelmente. —a senhorita Baxendale concordou, abstendo-se de adicionar que ele era conhecido por ser um libertino opinativo. Era evidente que a mais nova amiga era apaixonada pelo irmão.

Capítulo cinco

Grant cavalgou pela aldeia movimentada, cujo mercado estava ocupado, com os aldeões realizando suas trocas de rebanhos e mercadorias. Passando pelas casas e fazendas, seguiu pelo Rio Tees, até chegar a uma mansão majestosa, que se erguia acima das margens, em um belo parque.

Enquanto Lady Haighton se encontrava em oração, na capela, o visconde deixou seu cartão, como forma de cumprimento. O cavaliariço de Nat o acompanhou até o local onde o corpo do conde foi encontrado, próximo a um bosque de bétulas. Ao longe, era possível avistar as vigas de ferro do novo trilho de trem, serpenteando ao longo do caminho, representando uma nova e empolgante forma de viagem.

— Encontrei Sua Senhoria aqui. — a voz de Sedgwick soou vazia, enquanto ele olhava para a terra manchada de sangue.

— Ele ainda estava vivo?

— Não. Tiro no coração. Morreu antes de atingir o chão, muito provavelmente.

O estômago de Grant deu uma reviravolta nauseante.

— Quando Sua Senhoria não conseguiu voltar de seu passeio matinal, fui procurá-lo. — a voz do cavaliariço estava carregada de rudeza, denunciando a angústia que sentia — Um dos ferroviários encarregados de inspecionar a linha danificada foi quem avistou o corpo e prontamente veio me comunicar.

Northcliffe caminhou até o ponto onde algo de metal brilhante chamava a atenção, na grama. Pegou-o, pesando a bala na mão.

— O que encontrou, milorde? — Sedgwick perguntou.

— Uma bala de um rifle Baker.

O criado veio dar uma olhada — Parece uma bala qualquer para mim.

— É uma bala remendada, que só caberia em uma Baker. — Grant fez um estudo completo sobre artilharia, na esperança de se juntar ao exército — Esses rifles foram amplamente utilizados durante as guerras napoleônicas, por sua eficiência em longas distâncias, sendo uma arma de escolha para franco-atiradores habilidosos.

A boca do outro homem ficou boquiaberta — O senhor acha que o exército está envolvido?

— Pode ser qualquer pessoa. As armas existem desde a guerra. — enfiou a bala no bolso — Não fale disso para ninguém, Sedgwick.

— Meus lábios estão selados, milorde. — disse, com o rosto fechado — Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a prender o assassino do patrão. Ele era um homem bom.

O visconde voltou com Sedgwick para a casa do conde, com a intenção de ver Jenny.

— Lorde Northcliffe, — Jenny se adiantou, pegando a sua mão — gostaria que conhecesse meus vizinhos, a Srta. Fury e o seu irmão, o Sr. Ambrose

Fury.

Os olhos escuros e sombrios de Fury fixaram-se em Grant. A lembrança recente de tê-los encontrado no baile, em Londres, juntamente com o filho e a irmã do barão, ecoou em sua mente. Naquela ocasião, a Srta. Fury desmaiara.

— Um terrível negócio, senhor. Minha irmã e eu viemos visitar para oferecer o nosso suporte.

O irmão da Srta. Fury, solícito e atento, prontamente trouxe-a para casa quando percebeu o estado pálido em que ela se encontrava. A jovem, de vinte e poucos anos, levantou-se delicadamente, suas saias escuras sussurrando com sua movimentação, e curvou-se em uma reverência — É uma grande satisfação conhecê-lo, senhor. Devemos nos despedir, Jenny. Mas, por favor, venha jantar, se quiser companhia. Tenho certeza de que posso falar em nome do meu irmão.

— De fato, ficaríamos honrados. — Fury conduziu sua irmã para fora.

— A propriedade do Sr. Fury fica localizada na fronteira oeste. — Jenny explicou mais tarde, enquanto servia o café para Grant.

— É realmente uma sorte ter bons vizinhos.

— Sim, tanto ela quanto o irmão são amigos próximos, há alguns anos. Catherine, por sua vez, teve um noivado com um capitão do exército, há muitos anos, porém, infelizmente, ele foi morto, antes que pudessem se casar. Essa tragédia partiu seu coração, e ela demonstra uma grande preocupação comigo.

Ele odiava ver a expressão pálida da amiga e do triste contraste com suas vestes de viúva. Seus olhos vermelhos revelavam a dor que ela carregava, após a perda de Nathaniel, intensificando assim a urgência de levar o assassino à justiça — A senhora sabe se Nathaniel tinha algum inimigo? — perguntou, forçando sua voz a permanecer firme — Houve alguma ameaça à vida dele?

Os olhos de Jenny se abriram ainda mais — Não que ele tenha mencionado. Nathaniel sempre fez questão de me proteger de qualquer desconforto. — um leve sorriso surgiu em seu rosto, repleto de tristeza — Ele me tratava como uma frágil estatueta de porcelana de Dresden. Mas eu sou mais forte do que isso. — seu olhar desceu para a xícara de chá, enquanto concluía: — Terei que ser ainda mais forte agora.

— A senhora tem bons amigos. — disse Grant, e como essa afirmação soou ineficaz.

— O senhor acha que alguém planejou matá-lo? — seus olhos se arregalaram — Há muitas pessoas que odeiam por várias razões, mas nenhuma delas lhe vinha à mente. — suspirou — O senhor sabe que meu marido era um homem bom e era apreciado pelos seus inquilinos.

Grant estendeu a mão e deu um tapinha na mão dela, enquanto ela se sentava no sofá de cetim de ostra — O assassino dele será encontrado, tem a minha palavra.

Jenny respirou fundo e estremeceu — Obrigada. Isso não o trará de volta,

mas proporcionará algum conforto no futuro, talvez.

— Seria uma honra acompanhá-la à igreja, no dia do funeral.

— É muita gentileza. Um vizinho e muito bom amigo de Nathaniel, Sir Ewan, está vindo de Londres para me acompanhar.

— Fico feliz. — levantou-se e deu um beijo em sua bochecha úmida — A senhora sabe quem é o juiz de paz da aldeia?

— O escudeiro Bloom.



Depois de uma discussão inútil com o escudeiro, Grant voltou para Thornhill, chegando bem depois de escurecer.

Seu pai o esperava — Eu pedi uma refeição quente quando o ouvi chegar. — disse, com uma carranca preocupada — Não deveria cavalgar sozinho após escurecer, é perigoso.

O visconde desabou em uma cadeira junto à grande lareira de pedra, sentindo-se aliviado e grato pelo fogo aceso — Estou grato, meu pai. Eu gostaria de comer alguma coisa.

— É bom que se preocupe com esse triste acontecimento. Consegui descobrir alguma coisa digna de nota?

— Nada de mais, receio. — decidiu não lhe contar sobre a bala de fuzil que encontrou. Queria manter seu avô afastado dessa situação também, já que eles não tinham conhecimento do seu trabalho e ele desejava manter isso em segredo.

Vários dias depois, Grant e seu pai foram conduzidos, pelas ruas estreitas de York, em uma carruagem pertencente ao seu avô. O destino era a igreja, onde os enlutados se reuniram para prestar seus respeitos a Jenny. Após adentrarem na antiga catedral, foram prontamente recebidos por Sir Ewan — Um negócio terrível, perder um amigo tão querido. — disse, com uma voz triste. O duque, ao cumprimentar Jenny, demonstrou certo descontentamento diante da presunção de Sir Ewan — E a pobre Lady Haighton e as crianças indefesas deixadas sem amparo. Mas estou à disposição, com qualquer ajuda que ela possa precisar.

— Tem alguma ideia de quem poderia estar por trás do assassinato de Haighton? — Northcliffe perguntou.

Sir Ewan negou — Nenhuma. Até onde sei, Haighton não tinha inimigos. Parece claro que ele descobriu um ato nefasto para dismantelar a linha ferroviária e foi morto por isso. Um caso de estar no lugar errado na hora errada. A menos que tenha ouvido mais alguma informação?

— Não. Ainda estou lutando para acreditar que Haighton está morto. — Grant se perguntou o quanto Sir Ewan sabia sobre o ocorrido e se ele havia interrogado o magistrado Clegg, autoridade responsável pelo caso.

Porém, não estava disposto a especular mais e, certamente, não com o vizinho de Nat.

Assim que teve a oportunidade de fugir, decidiu visitar o magistrado de York, em busca de respostas. No entanto, Clegg estava totalmente

desinformado e, além disso, sugeriu que os franceses ou luditas poderiam estar envolvidos, fazendo até mesmo acusações selvagens ao socialismo utópico.

— O trem é apenas um experimento científico... — disse, com um bufo de desgosto — Um simples cavalo, incapaz de substituir o tradicional meio de transporte, baseado em animais vivos. Nunca será aceito na Inglaterra.

Sentindo-se frustrado com essa falta de informação, Grant decidiu procurar por respostas em Whitehall. Pensou que o escritório de guerra poderia não saber quem era atualmente o proprietário de uma Baker, mas certamente saberiam dizer quem tinha sido um franco-atirador durante a guerra.



Ao anoitecer, os Jardins de Vauxhall se transformaram em um cenário mágico, digno das páginas encantadas das noites árabes. Milhares de lâmpadas de gás coloridas ganharam vida, iluminando o caminho entre os sicômoros e olmos. O som da música e das risadas se misturava suavemente na brisa noturna.

Mais cedo, Mercy e Arabella haviam atravessado a elegante Ponte de Westminster sobre o majestoso Rio Tâmisa. Ao chegarem aos jardins, pagaram a taxa de entrada no portão e seguiram pela ampla avenida, com Lady Jane e sua mãe caminhando logo atrás delas, engajadas em uma conversa profunda. A mãe de Mercy havia desenvolvido uma amizade afetuosa com a tia de Arabella, e ambas compartilharam o desejo de apreciar os fogos de artifício e as magníficas iluminações, em celebração ao aniversário de Waterloo. Surgiu a sugestão de que o próprio grande duque estaria presente.

Lorde Northcliffe, que havia solicitado uma cabine no pavilhão para o jantar, convidou-as para acompanhá-lo nesta noite. Ele seria o único cavalheiro a acompanhá-las, até a chegada do pai de Mercy, que estava atrasado, devido a uma sessão parlamentar especial.

— Eu me sinto tão livre aqui. — disse Arabella — Não é como um baile no qual tudo o que se faz e diz é julgado.

Mercy concordou com um aceno de cabeça, enquanto seus olhos percorriam o ambiente. Era um lugar único, onde indivíduos de diferentes origens se reuniam e conviviam sem preconceitos ou julgamentos. Observava as diversas pessoas ao seu redor, todos trabalhando juntos, em perfeita harmonia.

Havia damas elegantemente vestidas com trajes ousados e rostos pintados, lado a lado com membros da alta sociedade, que exibiam suas vestimentas de luxo. Acrobatas, malabaristas e cantores também se mesclavam à multidão, tornando o ambiente ainda mais animado e festivo. Enquanto caminhavam, músicos talentosos se encontravam estrategicamente posicionados entre as árvores, proporcionando uma atmosfera musical encantadora.

— Olhe aqueles dois cavalheiros. — disse Arabella por trás dos dedos enluvados — Eles estão falando sobre nós. — Mercy direcionou seu olhar

para os dois jovens e, para sua surpresa, eles sorriam gentilmente em sua direção.

— O de cabelo escuro é muito bonito. — Arabella balançou o lenço e riu — Sabia que pode enviar sinais para um cavalheiro com seu lenço?

— Não. — Mercy não gostava de tais artifícios, mas não pôde deixar de ficar um pouco intrigada com a ideia e acabou recebendo bem a distração. No entanto, a perspectiva de passar a noite inteira na companhia de Lorde Northcliffe era inquietante.

— Se eu passar o lenço pelos lábios assim... — Arabella demonstrou — Significa que os desejo conhecer.

— Nunca tive motivos para usá-lo.

Os homens mantiveram contato com elas, a alguns metros de distância.

— E para dizer sim, segure assim. — Arabella segurou o pedaço de linho e rendu na bochecha direita — E para dizer não, segura na bochecha esquerda. — acrescentou.

Mercy, enquanto sua amiga falava, procurou nas caminhadas por um sinal de Northcliffe. Questionou-se se ele realmente pretendia ser tão desdenhoso com as mulheres. Se ele expressasse tais pontos de vista novamente, a jovem não hesitaria em repreendê-lo, afinal, em tempos modernos, um cavalheiro deveria ser mais esclarecido.

Arabella passou o lenço pela testa — E isso significa que estamos sendo observadas.

— Muitos cavalheiros estão cientes desses truques? — Mercy não conseguia imaginar nenhum dos maridos de suas irmãs empregando-os.

— Eu não sei, mas vamos colocá-los à prova. — disse a outra — Oh, aqui vem meu irmão.

O coração de Mercy acelerou quando o gracioso cavalheiro de cabelos escuros se aproximou delas.

Northcliffe sorriu — Estão gostando dos jardins?

— Estou. Mas está muito lotado. — respondeu Mercy — Metade de Londres deve estar aqui para ver Wellington.

— De fato. Felizmente, consegui uma cabine onde podemos desfrutar de um excelente jantar. Está gostando de Vauxhall, Arabella?

Esta pressionava o lenço contra sua bochecha direita.

O visconde franziu a testa — Está com dor de dente?

— Não. — a moça riu — Vamos nos apressar, não queremos perder as acrobacias do malabarista francês na corda bamba, com fogos de artifício explodindo de seu chapéu.

Northcliffe, um homem elegante e cavalheiro, gentilmente ofereceu o braço às duas senhoras mais velhas que os acompanhavam em seu passeio — Lady Baxendale, tia Jane, posso acompanhá-las até o pavilhão?

Enquanto caminhavam pela avenida, uma brisa suave trazia consigo as melodias da orquestra que tocava no local. Mercy não conseguia ficar indiferente à imponência dos ombros do cavalheiro e à forma como seus

cabelos escuros se enrolavam na nuca. Contudo, não poderia ignorar o fato de que aquele homem não era um partido conveniente para ela. Por mais belo que fosse, Northcliffe era conhecido por sua vida libertina e por não valorizar o seu trabalho. Essas características o afastavam do ideal de marido perfeito com quem ela sonhava em compartilhar a vida.

— Aqui estamos. — disse Lorde Northcliffe, quando chegaram ao bosque, uma praça encantadora, com quatro lados rodeados por colunatas cobertas, apoiadas por colunas romanas imponentes. As pessoas estavam caminhando, conversando, desfrutando da música e fazendo suas refeições nas cabines espalhadas pelo local. No centro do amplo espaço, casais dançavam ao som da música que flutuava da orquestra, localizada sob uma vasta estrutura em forma de cúpula — Vou buscar um garçom.

Eles se acomodaram em sua cabine. Sua mãe sorriu — Baxendale me trouxe aqui no ano em que nos casamos. — olhou ao redor e colocou o xale sobre os ombros. No entanto, acrescentou com certa melancolia — Mas não é tão agradável como costumava ser.

— Acredito que ainda teremos excelentes fogos de artifício e outros eventos. — Mercy, determinada a se divertir, tentou animá-la, ao mencionar a perspectiva.

No entanto, a sobrelheira da mãe se franziu quando um homem bêbado passou por eles — Sim, mas ficarei feliz quando seu pai chegar.

Uma senhora elegante, vestindo trajes de baile em tons de roxo, com cachos cinzas perfeitamente enrolados, aproximou-se da cabine onde Mercy e Arabella estavam.

— Lady Baxendale, Lady Jane, que noite agradável, não acham? — passou o olho afiado pelas moças — Espero que as jovens aproveitem os entretenimentos. Estou com o grupo da Sra. Jessop, bem ali. — com um gesto vago da mão, indicou a direção na qual se encontravam — Já jantamos. A comida estava deliciosa.

— Lady Fountain é a famosa fofoqueira da *ton*. — disse Lady Jane, depois que a mulher voltou para o seu grupo — Dizem que ela está por trás daquele panfleto escandaloso chamado “Escândalo”. Nem mesmo Byron está seguro.

— Ainda bem que não fizemos nada para merecer atenção. — disse sua mãe, com um olhar na direção de Mercy.

O jantar estava delicioso, com frango macio, presunto fino e champanhe gelado, o que trouxe um pouco de tranquilidade para a sua mãe. Ela e Lady Jane logo começaram a discutir os próximos eventos da temporada, como as rotas e os bailes.

— E o que está achando de Vauxhall, Lady Mercy? — Lorde Northcliffe perguntou, inclinando-se para trás e cruzando sua longa perna sobre o joelho.

— Nunca vi nada assim. — respondeu a jovem — É empolgante e, ao mesmo tempo, um tanto alarmante.

— A senhorita tem quatro irmãs, acredito?

— Sim. Todas casadas.

— Tive o prazer de conhecer a duquesa e o duque de Harwood.
— Minha irmã é uma renomada pintora de retratos. — disse, com um rubor de orgulho.

Ele assentiu — Notável.

Mercy ergueu o queixo — É notável que uma dama tenha uma vocação? Ou o senhor se refere ao trabalho dela?

— Não tive o prazer de ver a arte dela. — sua bela boca se curvou nos cantos — A senhorita não precisa arrancar minha cabeça. Eu aprecio talentos de ambos os sexos.

Lady Jane colocou a mão no ombro de Arabella — Lady Baxendale e eu desejamos ver as pinturas de Hogarth. Demoraremos apenas um momento.

Deixaram a cabine e se afastaram, de braços dados, pelo bosque.

— Espero que possamos dançar. — disse Arabella — Eu gostaria que tivéssemos convidado mais cavalheiros.

— Terá que se contentar comigo. — disse Northcliffe — Mas, primeiro, deve me desculpar, há alguém com quem devo falar.

Mercy observou com preocupação enquanto o homem de cabelos escuros, Sr. Downing, e seu companheiro, Sr. Lamont, aproximaram-se da cabine. Ela notou que Arabella estava passando um lenço pelos lábios, o que despertou sua curiosidade.

A senhorita Baxendale arregalou os olhos — O que está fazendo?

Sua amiga riu enquanto os dois homens caminhavam até a cabine.

— Como estão as senhoritas? — o de cabelos escuros se curvou — Eu sou Downing, e este é meu companheiro, Sr. Lamont. Gostaríamos de convidá-las para dançar.

— Não... — Mercy mal havia começado a recusar quando a outra se levantou.

— Eu ficaria encantada. — Arabella sussurrou perto do ouvido de Mercy — Vamos. Uma dança não fará mal.

— Estaremos em sérios apuros. — murmurou Mercy. Ela não apreciava a aparência de nenhum dos homens e não tinha disposição para dançar com eles. Balançando a cabeça para o ansioso Sr. Lamont, procurou por sua mãe, mas não conseguiu encontrá-la no meio da multidão que se espalhava pelo bosque.

Arabella já estava saindo da cabine — Meu irmão disse que levaria apenas um momento. Ele dançará contigo quando voltar.

A jovem, afastando-se entre a multidão, segurava o braço do cavalheiro com firmeza. Mercy, sentada sozinha por um momento, preocupou-se com sua amiga. Seria melhor ter ido com ela? Após momentos de indecisão, ela se levantou da cabine e correu em busca de um vislumbre do vestido amarelo narciso de Arabella, mas logo foi engolida pela multidão.

Sem saber o que fazer, a senhorita Baxendale parou quando uma voz soou perto de seu ouvido — Posso ajudar? — perguntou o Sr. Lamont, em um tom sedutor.

Capítulo seis

Grant localizou a pessoa com quem desejava falar, que trabalhava no Pavilhão Chinês. Era um homem enorme que movia e batia nas cadeiras como se fossem feitas de penas.

— Henry Scullen? — disse o lorde, tentando chamar sua atenção.

O sujeito o estudou por baixo de suas sobranceiras pesadas — Depende.

O visconde prosseguiu, explicando o motivo de sua busca — O Scullen que eu procuro era um atirador de primeira linha para Wellington, durante a guerra.

Este se endireitou, mostrando os dentes manchados em um meio sorriso orgulhoso — Esse sou eu.

Grant, então, perguntou-lhe diretamente: — Ainda possui um rifle Baker?

O homem franziu a testa, demonstrando sua curiosidade — Por que isso lhe importa?

— Estou tentando descobrir quem entre aqueles que os usaram durante a guerra ainda possui uma. Essas armas são maravilhosas. Estou pensando em criar um concurso de pontaria.

— Eu ainda posso cortar um prego ao meio a cinquenta metros de distância. — disse Scullen com um aceno de cabeça. Ele estendeu as mãos — São firmes como uma rocha.

Apesar de copiosas quantidades de cerveja, Northcliffe pensou, quando o sopro da respiração do homem o alcançou — Conhece mais alguém que tenha uma?

— Conheço.

— Pode me dizer quem?

— Contanto que me inclua nesse seu concurso.

— Se der certo, será o primeiro a saber. — prometeu. Olhou ao redor — Um lugar impressionante. É bom trabalhar aqui?

Scullen encolheu os ombros — É um trabalho.

— Trabalha longas horas, não é?

— Sim. — olhou-o carrancudo — Todos os dias, da noite até o amanhecer. Por uma micharia. Qual é o prêmio?

— O pagamento será em moedas.

— Certo. Estou dentro!

— É apenas uma ideia, neste momento. Depende de quantos posso persuadir a participar. — o visconde pegou um lápis e um pequeno caderno do bolso do casaco — Pode me dizer quem é o dono de uma Baker que conheça?

— Perdi o contato, desde a guerra. Alguns ainda podem tê-los.

Enquanto Scullen mencionava alguns nomes, Grant os anotou cuidadosamente em sua agenda. Estava determinado a procurar por esses homens, na primeira oportunidade que lhe surgisse. Voltou correndo para o bosque, onde pretendia verificar o relato do sujeito sobre suas horas de

trabalho com seu empregador.

No entanto, o lorde sabia que, por enquanto, deveria cumprir seu dever como acompanhante. Embora isso não fosse exatamente desagradável, não podia deixar de se perguntar se haveria algum momento para uma dança com Lady Mercy. Refletiu sobre isso, enquanto caminhava pela alameda do bosque.



Mercy franziu a testa para o homem imprudente.

— Não acredito que tenhamos sido devidamente apresentados, Sr. Lamont.

Ele sorriu — Isso pouco importa aqui.

— Importaria para um cavalheiro. — a jovem se afastou. A ousadia do homem era insultante. Ela contornou a pista de dança, aliviada ao ouvir a música diminuindo.

Enquanto uma enxurrada de casais deixava a área, procurou Arabella entre eles. Em meio à multidão, conseguiu avistar um vestido amarelo desaparecendo ao lado de uma estrutura. Seria Arabella? Sem hesitar, a senhorita Baxendale correu atrás dela, determinada a não deixar sua amiga partir com aquele homem.

Além do bosque, ela se viu caminhando em uma das três alamedas, que, ao seu redor, estavam rodeadas por um denso deserto. Nesse lugar, as lamparinas pouco se destacavam e as sombras se estendiam pela estrada. Ao avistar outro lampejo amarelo entre a multidão de foliões, apressou-se em seguir o rastro. O que estaria passando pela mente de Arabella?

Seguiu adiante, percorrendo vários metros, até perceber que havia perdido de vista quem estava acompanhando. O crepúsculo deu lugar à noite e a alameda à sua frente estava completamente escura. A área em que se encontrava agora parecia isolada, cercada pelo silêncio e pela escuridão. Em meio à incerteza, a lady não teve escolha senão voltar para o bosque e confiar que Arabella estivesse bem.

Uma mão áspera agarrou seu braço e a girou — Agora, para onde está indo, moça bonita?

— Solte-me! — com o coração batendo forte, Mercy arrancou o braço das garras dele.

Lamont riu e obedeceu, mas as mãos dele caíram sobre os ombros dela, os dedos cravando na pele — Um beijo primeiro, ou dois.

— Não! — um grito escapou de seus lábios, porém, a mão do agressor prontamente apertou sua boca, impedindo-a. Com um olhar de puro terror, ela foi arrastada à força em direção às sombras escuras que se formavam sob as árvores. Enquanto lutava desesperadamente contra o seu captor, um som horrível e desconhecido rasgou o ar. Mercy tentou se afastar instintivamente, mas logo percebeu que o homem que a segurava era muito mais forte do que inicialmente aparentava.

— Fique quieta! Quer chamar a atenção? — riu — Sua reputação sofrerá pior do que a minha.

A jovem afundou os dentes na mão nua dele.

— Sua megera!

Ela experimentou dificuldade para respirar e sentiu medo de ser sufocada quando os dedos dele pressionaram seu nariz. O homem a puxou de volta contra o seu corpo, enquanto a outra mão apertava sua garganta.

— Não lute contra ou vou apagá-la como uma vela.

Seus pés se debatiam desesperadamente em busca de algo para se apoiar, enquanto ele a puxava inexoravelmente pelo caminho, em direção a um matagal. Aterrorizada, seu coração batia forte e ela lutava para respirar através do aperto dos dedos dele. De repente, a jovem se viu livre. Sem mais apoio, seu corpo desabou no chão duro. Com grande esforço, levantou a cabeça a tempo de testemunhar Lamont sendo arremessado contra um tronco de árvore, ficando de cabeça para baixo. Lorde Northcliffe seguiu em sua direção, inclinando-se sobre o homem vil e agarrando-o pelo casaco, sacudindo-o tão violentamente, que sua cabeça balançou descontroladamente — *Canalha!*

Os olhos de Lamont se arregalaram de medo e ele tentou se proteger, erguendo os punhos diante do rosto. Mercy engoliu em seco, sentindo sua garganta dolorida pela tensão, enquanto era dominada pela eficácia com que Lorde Northcliffe lidava com o outro homem. Com golpes precisos e infalíveis, o visconde atingiu o sujeito na mandíbula e no nariz, fazendo sangue jorrar livremente. Acertou-o no estômago repetidamente, até que o desgraçado não conseguisse mais reagir e ficasse imóvel.

— Não permita que eu o encontre aqui novamente. Se eu o vir, vai ser pior.

Lamont, gemendo, rastejou para se levantar e cambaleou, curvado, pela alameda.

Northcliffe se virou — Eu deveria chamar um policial, mas então todos saberão o que aconteceu. O que estava pensando, vindo aqui com aquele canalha? A senhorita poderia ter sido estuprada! Perdeu a noção?

Mercy empalideceu com o olhar enojado em seu rosto e o tom áspero de sua voz. Seu corpete rasgado expôs um grande pedaço do seu peito — Não, eu... — furiosa com a injustiça, ainda trêmula, tentou se levantar, mas seu tornozelo dobrou e ela caiu novamente.

— A senhorita está ferida. — Northcliffe se ajoelhou diante dela.

— É o meu tornozelo. — a jovem murmurou enquanto a dor subia pela perna.

O visconde ergueu a bainha do vestido, apoiou o pé dela contra a coxa dele e apertou seu tornozelo suavemente com os dedos.

— Senhor! — protestou a lady.

— Agora não é hora de se fazer de donzela. — disse em tom brusco — Não tem nada quebrado, está apenas estirado. Vou levá-la de volta à sua mãe e chamar a carruagem.

Ela segurou firme os pedaços do corpete e reprimiu um soluço que ameaçava escapar de seus lábios. A dor latejante em seu tornozelo era forte, mas o que a incomodava ainda mais era o fato de ele ter uma opinião tão

baixa dela. Seria Arabella naquele vestido amarelo? Ou será que ela já estava de volta, em segurança, com Lady Jane? Mercy fechou os olhos e rezou fervorosamente para que fosse esse o caso. Não queria colocar a amiga em apuros.

— Obrigada. — disse, rigidamente — Se o senhor pudesse apenas...

Northcliffe deslizou o braço em volta da sua cintura e o outro sob suas pernas e a ergueu.

— Não há necessidade... — ofegou a moça.

— Sim, há toda necessidade. — disse sombriamente, carregando-a nos braços, ao longo da alameda, em direção à entrada do bosque.

A senhorita Baxendale estava segurando seu casaco de lã fina com os dedos, enquanto sentia a força dos braços do visconde e como ele a carregava facilmente — Eu poderia andar se o senhor me ajudasse. — indignada e envergonhada, respirou fundo, tomada pelo cheiro viril dele.

Ele a acomodou com mais firmeza contra o peito — Bobagem.

À frente deles, três senhoras surgiram do bosque.

Quando Northcliffe passou por elas, Lady Fountain se virou e os seguiu.

— Meu Deus, Lady Mercy foi ferida?

Esta mordeu o lábio, temendo que seu acidente se tornasse o próximo escândalo nos jornais da sociedade.

— Mercy!

O lorde virou-se com ela em seus braços quando seu pai se aproximou.

— Que, diabos, é isso?

Agarrou a lapela de seu salvador — Papai! Eu caí e machuquei meu tornozelo. — disse, com a voz oscilando — E Lorde Northcliffe foi gentil o suficiente para...

— Onde está a sua mãe?

— As damas têm uma cabine no bosque, Lorde Baxendale. — disse o visconde — Estou levando a sua filha à mãe dela.

— Muito atencioso, senhor. — disse o pai, com uma carranca — Talvez também queira explicar por que o senhor e minha filha estavam vagueando desacompanhados?

— Eu não estava aqui com Lorde Northcliffe, papai. — A jovem disse por cima do ombro de Grant, enquanto este continuava andando — Ele apenas me resgatou.

— Resgatou é? De que ou de quem ele a resgatou? E por que foi necessário?

— Posso explicar quando chegarmos à cabine. — ela poderia pensar mais claramente quando não estivesse mais pressionada contra o colete de seda de Northcliffe, sob o qual seu peito largo subia e descia, com óbvio aborrecimento. Teria que encontrar uma explicação, mas, por enquanto, sua imaginação a abandonou.

— Lorde Baxendale, se houver algo que eu possa fazer para ajudar? — Lady Fountain perguntou, alcançando-os novamente.

— Um pequeno acidente, Lady Fountain. Minha filha escorregou e machucou o tornozelo. Nada que lhe diga respeito, mas, obrigado. — disse o pai, com os lábios apertados.

— Baxendale! — sua mãe correu, enquanto Northcliffe depositava a senhorita Baxendale em uma cadeira — Mercy, o que aconteceu? Onde estava? Estávamos frenéticos. — correu para colocar o xale sobre os ombros da filha.

Arabella sentou-se ao lado da tia, na cabine, os olhos arregalados — Meu Deus, Mercy, está ferida?

Esta detectou um olhar suplicante nos olhos de sua amiga — Eu estava impaciente para ver o Pavilhão Chinês. Receio ter me perdido.

Seu pai bufou — Que tolice! Sabe que Lady Fountain se ocupará em espalhar essa história. Sua reputação sofrerá, Mercy, e a temporada mal começou.

O visconde fez uma reverência — Vou visitá-lo amanhã, Lorde Baxendale.

O pai respondeu com uma reverência rígida — Obrigado, Northcliffe.

Mercy olhou para Arabella, que estudava suas luvas. Ela se voltou para o pai.

— Isso não tem nada a ver com Lorde Northcliffe, ele...

— Mais tarde. — disse o pai — O entretenimento da noite terminou.

Os dois homens foram ordenar aos cocheiros que guiassem as carruagens até o portão.

— Por que, diabos, se afastou, Mercy? — sua mãe perguntou, com uma expressão confusa — Eu deveria ter pensado melhor em não a deixar sozinha, mesmo que por um momento.

A jovem segurou os pedaços rasgados de seu corpete — Eu não fiz nada de errado, mamãe.

— Mas o que aconteceu com seu vestido?

— A renda rasgou quando eu caí.

— Se ao menos eu não a tivesse deixado sozinha. — balançando a cabeça, a mãe se retirou para o outro lado da cabine, para falar em voz baixa com Lady Jane.

Arabella colocou a cabeça perto da de Mercy — Para onde foi?

— Eu estava te procurando. Pensei tê-la visto sair do bosque.

— Mas eu não saí. Voltei logo após a dança.

— Não poderia, eu a teria visto.

Sua amiga mordeu o lábio inferior — Bem, não imediatamente, andamos um pouco e conversamos por um tempo. Ele era muito agradável, embora não fosse alguém que meu irmão aprovasse. — franziu a testa — Quando Northcliffe retornar, devo confessar que dancei com o Sr. Downing e que foi a minha procura.

— Não, por favor, Arabella. Isso apenas lhe causará problemas. A senhorita poderia muito bem ter sua temporada reduzida, caso seu pai soubesse disso. Tenho certeza de que posso dar uma explicação aceitável.

— Mas, Lady Fountain...

— Certamente a coisa toda vai se acalmar, não é tão ruim assim.

O olhar de Arabella ficou cético — Espero que esteja certa.

O pai dela voltou — A carruagem está esperando no portão.

Sem falar nada, sua mãe juntou os xales e as retículas. Seu pai a pegou. Mordendo o lábio, acenou para Arabella e Lady Jane, enquanto ele a carregava do bosque.

Murmurando juntos, o grupo de Lady Fountain ficou observando com desaprovação em seus rostos.

— Nunca mais seremos aceitos na alta sociedade. — sua mãe chorou.

— Quieta, Laura! Tudo será resolvido. — retrucou o patriarca.

Capítulo sete

Às duas horas do dia seguinte, Grant foi recebido na residência dos Baxendale, em Portman Square. Durante a noite, ponderou sobre suas opções. Era evidente para ele que agir de forma correta era a única escolha a ser feita, embora estivesse ciente de que Lorde Baxendale recusaria sua oferta. Afinal, não possuía bens ou propriedades que o recomendasse, sua única fonte de renda provinha de sua avó, que lhe deixou uma herança em dinheiro. Seu pai ocasionalmente o ajudava financeiramente, quando excedia seus gastos, mas Grant acreditava que os jovens deveriam aprender a administrar seu próprio dinheiro e respeitá-lo. Conhecia muitos que caíam em desgraça devido a jogos de azar.

O visconde esperava que pudessem encontrar uma maneira alternativa de dissipar os rumores que já circulavam, considerando as palmadas nas costas e as risadas de seus amigos quando ele fez suas refeições em seu pub favorito. Recusava-se a discutir o assunto, no entanto, isso não diminuía as especulações. Com Lady Fountain contando histórias fictícias, só Deus sabia o que estava sendo dito nas salas de estar e bailes, daquela noite.

O mordomo o conduziu à biblioteca de Lorde Baxendale, onde o pai de Mercy o recebeu com expressão séria. Apertou-lhe a mão e, com um gesto, indicou uma cadeira — Estou ciente do que aconteceu, Northcliffe. Mercy explicou como o senhor veio em seu auxílio, pelo qual expresso meus sinceros agradecimentos. Estou em dívida contigo. Foi imprudência dela caminhar sozinha, mas, se não fosse o senhor, prefiro nem pensar no que poderia ter acontecido com ela. Uma situação infeliz.

— Sinto-me responsável, senhor, porque havia me comprometido a acompanhar as damas durante a noite. Nunca deveria tê-las deixado sozinhas.

— A mãe de Mercy sente-se culpada...

— Quero fazer as reparações. — Grant sentou-se à frente, na poltrona de couro marrom — Desejo pedir a mão de Lady Mercy. Mas devo ser honesto, senhor, como as coisas estão no momento, tenho pouco a oferecer.

Lorde Baxendale inclinou a cabeça e, pensativo, torceu os dedos.

— E levará alguns anos, se Deus quiser, antes que eu possa. — acrescentou, ansioso para deixar sua posição clara.

— Sim, eu entendo, Northcliffe, no entanto...

Os ombros do visconde se enrijeceram. Ele se sentou na cadeira.

— Senhor?

— Eu não vejo isso como uma barreira. O senhor tem excelentes perspectivas. E minha filha terá um belo dote.

Grant prendeu a respiração, enquanto seu futuro se desenrolava diante dele.

— Não vejo por que um noivado não possa ser anunciado imediatamente. — continuou Baxendale, com um sorriso — A menos que tenha alguma objeção?

O lorde pigarreou — Não tenho nenhuma, senhor. Eu me considero muito afortunado.

— Bom, bom. — o pai de Mercy puxou a corda do sino. Quando um laçao apareceu, ordenou para que a jovem se juntasse a eles, na biblioteca — Um uísque para comemorar? Ou devemos esperar pelo champanhe no jantar? — Baxendale se virou em direção à mesa da bebida, na qual havia decantadores e copos — Espero que possa jantar conosco?

— Obrigado, senhor, eu ficaria honrado. Aceito um uísque. — ficaria feliz com a bebida, afinal, sua garganta estava tão tensa quanto um tambor. Como isso aconteceu? Sentia-se como se tivesse sido arremessado sobre as Cataratas de Gaping Gill, em uma tina. Teria que continuar sua investigação secreta, enquanto acompanhava Lady Mercy em todos os eventos sociais da cidade, desde bailes e soirées até festas de teatro e danças. Além disso, o casamento forçado se aproximava rapidamente, e ele não tinha escolha a respeito da dama com quem se casaria. Para piorar ainda mais a situação, a jovem em questão parecia ter uma tendência a se comportar de maneira imprudente e impensada. Ele não tinha o menor desejo de se casar com qualquer mulher, muito menos com uma que mal tinha saído da sala de aula e tinha ideias tolas sobre administrar negócios, mesmo que ela fosse uma das debutantes mais adoráveis da temporada. Essa perspectiva era totalmente inaceitável para ele! Além de perder sua liberdade, temia que sua vida se tornasse um verdadeiro inferno ao lado dela. No entanto, não conseguia evitar pensar sobre como a lady reagiria a todas essas informações.

Até o momento, ela havia demonstrado pouca gratidão por sua ajuda em Vauxhall. Na tentativa de animar-se, permitiu que o licor esfumaçado que Baxendale lhe havia dado escorregasse por sua garganta, na esperança de que lhe trouxesse algum ânimo para enfrentar a difícil situação em que se encontrava.

— O senhor queria me ver, papai?

Lady Mercy entrou na sala com um semblante de surpresa e inquietação refletido em seus profundos olhos azuis, que rapidamente se encontraram com os de Grant. Seus cabelos loiros estavam elegantemente puxados para cima e presos em um coque, enquanto seu vestido matinal, de estampa floral rosa, revelava uma gola de musselina branca delicadamente bordada no pescoço. Contudo, mesmo com a vestimenta, não era possível disfarçar sua figura atraente e suas curvas suaves, que ele havia notado na noite em que se conheceram. Um sinal de preocupação marcou sua lisa testa, enquanto ela mordiscava seu lábio inferior.

Percebendo sua reação, o visconde rapidamente cruzou as pernas, tentando ignorar o instante passageiro de luxúria que o invadiu. Sentia-se frustrado com a reviravolta que seus pensamentos haviam tomado, pois ficou claro que a senhorita não estava feliz em vê-lo.

— Como está seu tornozelo, Lady Mercy? — esperava que ela o perdoasse por não se levantar para cumprimentá-la.

A jovem o olhou de soslaio — Muito melhor, senhor, obrigada. E agradeço por me ajudar, ontem à noite. É gentil da sua parte visitar, mas não era necessário. Escrevi para agradecer.

— Sente-se, minha querida. — disse Lorde Baxendale — Tenho ótimas notícias. Lorde Northcliffe pediu a sua mão.

— Oh, não! — parecendo abatida, Mercy afundou no sofá listrado de creme e bronze.

Seu pai fez uma careta — Essa não é uma resposta graciosa. Eu esperaria melhores maneiras, minha filha.

— Mas Lorde Northcliffe não pode estar falando sério. — reclamou a jovem, com a voz embargada.

Grant sentiu que algo dele era necessário. Não havia como voltar atrás agora.

— Mas falo sério, senhorita. Eu ficaria muito honrado se concordasse em se tornar minha esposa.

Ela apenas ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça.

— Excelente. — Lorde Baxendale se levantou — Eu os deixarei a sós por alguns minutos, para resolverem as coisas entre si. — caminhou até a porta com uma confiança surpreendente, fechando-a atrás dele, com um clique final.

Seguiu-se um momento de silêncio.

Sentou-se no sofá ao lado dela, pegando-lhe a mão, em seguida, pigarreou — Lady Mercy, pode me dar a honra...

Rapidamente, a senhorita afastou as mãos e se levantou — O senhor sente-se obrigado pela honra a fazer isso porque eu fui comprometida. Isso é tolice. O senhor não deseja se casar comigo, e eu não posso aceitá-lo.

O lorde a olhou, de repente irritado. A jovem achava-lhe uma perspectiva tão ruim? — Neste momento, tenho menos a oferecer, quando comparado aos seus outros pretendentes, mas...

Ela plantou as mãos nos quadris e fez uma careta feroz — O senhor acha que eu sou uma interesseira?

— Nós não nos conhecemos muito bem ainda. — observou Grant, levantando uma única sobrancelha — Mas, com o tempo, acredito que isso irá acontecer. Receio que seu pai já tenha decidido que nos casaremos. O dado foi lançado.

— Não tema, Lorde Northcliffe, encontrarei uma saída.

— Bem, até que ache uma, vamos prosseguir com um pouco de civilidade. — disse o visconde rigidamente, levantando-se para olhá-la — Aceitará minha proposta? — um casamento rápido seria o ideal, depois do qual ela poderia viver com seu avô e ele poderia continuar com a sua investigação.

Mercy apertou as mãos uma na outra — Sim. Suponho que devamos, por enquanto.

Difícilmente uma resposta encorajadora ou lisonjeira. Apesar de ter sido injustamente envolvido em uma situação complicada, ele conseguiu esquecer

por um momento e se concentrar em observar a pessoa à sua frente. Decidiu agir e a segurou pelos ombros. Em um tom impassível e firme, expressou seus sentimentos: — Estou tomado de alegria.



Apesar de ter se afastado, a sensação dos lábios dele sobre os seus e o toque arrepiante em sua espinha ainda estavam presentes. Desejava repreendê-lo por sua audácia, mas não tinha fôlego o suficiente para tal. Além disso, supôs que ele, como noivo, tinha o direito de selar o compromisso com um beijo, embora aquele gesto não parecesse muito educado.

Incapaz de decifrar a expressão nos olhos âmbar de Lorde Northcliffe, Mercy franziu a testa. Será que ele realmente ansiava pelo casamento entre os dois? Ela não tinha a menor ideia do que se passava em sua mente. Era evidente que o visconde não estava apaixonado por ela. E, temerosa, a jovem se questionava se ele a culpava por enredá-lo em um matrimônio indesejado.

Um pensamento terrível a atingiu: seria possível que o lorde acreditasse que ela havia inventado todo o noivado na esperança de enganá-lo e que, agora, estivesse caindo em desgraça diante dele?

— Vamos nos juntar à família. — disse-lhe, incapaz de suportar a tensão entre eles por mais um momento. Ao saírem da biblioteca, o olhou. Precisava de tempo para encontrar uma saída — Eu preferiria um noivado longo.

As sobrancelhas escuras dele se abaixaram — Por quê? Não vejo sentido para isso.

A moça fez uma pausa no corredor, desejando desesperadamente tempo para acabar com isso, antes que a situação saísse do controle — Levará algum tempo para mamãe organizar o casamento. Ela deseja que eu me case em St. George's, em Hanover Square.

Ele pegou o braço dela e a puxou em direção às portas duplas que levavam à sala de estar — Vejo que teremos que discutir mais sobre isso.

Mas não agora com ela. Como se sua opinião não valesse nada. Irritada, a senhorita Baxendale entrou na sala com ele, na qual sua mãe e seu pai estavam sentados, esperando. A matriarca se levantou do sofá de brocado creme e atravessou o tapete florido, apreensão turvando seus olhos — Mercy! Seu pai me contou a novidade. — virou-se para Northcliffe — Por favor, aceite minhas felicitações, senhor.

Naquele momento, a jovem percebeu que sua mãe se culpava — Mamãe, estou muito, muito feliz. — abraçou sua amada mãe.

— Bem, são notícias maravilhosas. — sua mãe murmurou com óbvio alívio — Não poderia encontrar uma noiva mais doce do que minha filha, Lorde Northcliffe.

O visconde beijou sua mão — Eu me considero extremamente afortunado. Sei que o conde e o duque ficarão muito satisfeitos.

— Sua Graça ainda está viajando? — sua mãe perguntou, enquanto se sentavam nos sofás, diante da lareira.

— Ele raramente deixa Yorkshire nos dias de hoje. Na verdade, não vem a

Londres há quase um ano. Sei que vai querer vir ao meu casamento, mas não tenho certeza se o seu médico permitirá a viagem.

A matriarca franziu a testa — Isso é muito lamentável, senhor. Tínhamos em mente um casamento em Londres. Nenhuma das minhas filhas me satisfizeram, e a Mercy é, claro, a minha última... — animou-se — A Catedral de York é uma boa igreja.

— O duque ficaria encantado se escolhesse York. Nossa família se casou naquela igreja por gerações.

— Então, vamos concordar com a Catedral de York. — disse o pai — Pedirei ao meu secretário para escrever para Venables-Vernon. O arcebispo seria um conhecido do seu avô, imagino.

— Ele é, senhor. Por causa da saúde do duque, eu preferiria um noivado curto. — Grant disse, olhando para Mercy.

A sobrançelha de sua mãe franziu — Claro, como desejar, Lorde Northcliffe.

— Não deveríamos esperar até que Hope e Daniel cheguem da França? — ao olhar para o rosto sério de seu noivo, a jovem sentiu-se sendo levada apressadamente para se casar com um homem que duvidava realmente gostar dela.

— Isso é daqui a alguns meses. O duque não permitirá que Hope viaje até que seu herdeiro nasça em segurança e sua esposa esteja totalmente recuperada. — disse-lhe seu pai, recusando-se a ser persuadido — E nem deveria.

Dois lacaios entraram na sala trazendo bandejas com cheiros agradáveis. Descarregaram xícaras e pires, pratos de sanduíches, bolinhos, potes de geleia e creme, junto com os utensílios de chá, em uma mesa baixa.

Sua mãe abriu a lata de chá, colocou a erva na chaleira de prata e despejou água quente na bebida — Leite ou limão, meu senhor?

— Leite, obrigado.

Sentada ao lado de Grant, Mercy sentiu sua tensão enquanto ele mexia o chá. Ela teria que pensar em uma maneira de parar essa corrida insana para o altar. Seu pai estava determinado a isso, e a moça sabia que tinha apenas a si mesma para culpar. Nem sempre foi uma filha receptiva e o pobre pai já havia resistido ao casamento de quatro filhas obstinadas antes dela. Veria isso como uma solução prática diante da perspectiva de enfrentar outra temporada cansativa, e talvez até gostasse desse homem. Bem, ela não poderia dizer o mesmo. Northcliffe era muito... muito incognoscível, decidiu. Era como se estivessem correndo inevitavelmente em direção ao desastre.

Capítulo oito

Depois que as coisas do chá foram removidas, Grant se levantou para se despedir.

— Por favor, acompanhe Lorde Northcliffe até a porta, Mercy. — Lady Baxendale disse com um sorriso — Nós o veremos no jantar, meu senhor?

Este fez uma reverência — Encantado.

A jovem lady se levantou da cadeira e o conduziu para fora da sala. No corredor, o mordomo lhe entregou o chapéu, a bengala e as luvas, depois desapareceu discretamente pela porta dos criados.

Grant e Mercy estavam parados, juntos, no chão de mármore preto e branco, em frente à porta de entrada. O olhar dele a absorveu, desde a sua expressão séria até as mãos entrelaçadas na cintura. Havia algo naquelas mãos pequenas que o atraía, os delicados dedos entrelaçados transmitiam tensão e vulnerabilidade. Recordou seu perfume doce e floral, o toque de seus lábios macios e desejava acalmá-la, prometendo cuidar de tudo. No entanto, duvidava que ela acreditasse nele ou aceitasse tal declaração. Temia que suas palavras parecessem menos sinceras do que de fato eram.

— Adeus, Lorde Northcliffe. — disse ela, rigidamente.

— O derradeiro baile dos Marchants nesta temporada será no sábado. — disse o visconde — A senhorita irá atender?

Ela arqueou as sobrancelhas finas — É claro.

— Posso acompanhá-la?

— Sim, o senhor pode, obrigada. — disse-lhe, exibindo uma lamentável falta de entusiasmo com a perspectiva.

— Vejo-a hoje à noite, no jantar. — o lorde se perguntou se deveria beijar a bochecha dela e deu um passo em sua direção.

Mercy recuou um passo — Até mais.

Grant colocou o chapéu na cabeça e se virou para a porta.

— Lorde Northcliffe?

Este se virou, esperando por algum sinal de amizade em seu olhar. Porém, não encontrou.

A jovem se levantou delicadamente na ponta dos pés, as bochechas coradas.

— Acredito que devemos conversar mais. Devemos nos unir para encontrar uma saída para essa situação.

Maldição! Ela foi francamente insultante — Teremos essa oportunidade no baile. — o visconde se curvou rigidamente.

Ao se despedir da casa dos Baxendale, Grant estava carregando consigo a lembrança daqueles olhos azuis-violetas incomparáveis. Lady Mercy não deixou dúvidas sobre sua rejeição a ele. O homem estava esperançoso que o beijo trocado entre os dois pudesse reacender a chama do relacionamento, mas isso claramente não aconteceu. O abismo entre eles apenas parecia ter se

aprofundado, deixando-o confuso e perdido.

No dia seguinte, o anúncio seria publicado na edição do *The London Chronicle*. O visconde se perguntava se eles realmente poderiam encontrar uma solução para esse impasse. O término de um noivado machuca ambas as partes envolvidas. Se Lady Mercy o rejeitasse publicamente, correria o risco de adquirir a reputação de descompromissada e sofrer consequências sociais. Por outro lado, caso Grant desistisse, sua honra e reputação seriam prejudicadas. Estava preparado para ser considerado um canalha, caso a jovem desejasse, mas relutava em assumir esse papel. Especialmente quando estava tentando construir um relacionamento melhor com seu pai.

Sentia-se perturbado com a situação em que se encontrava. Agora precisava enviar uma carta ao seu progenitor, antes que este descobrisse tudo por outros meios. Certamente seu pai ficaria chocado com a notícia repentina, mas Grant esperava que ele também ficasse satisfeito. Por algum tempo, o conde havia expressado decepção com as escolhas de vida feitas pelo seu filho. Desejava vê-lo encontrar estabilidade antes de sair dessa espiral autodestrutiva, como ele - e, originalmente, Shakespeare - havia dito. Seu pai sempre gostou muito de Hamlet. O visconde sabia que não tinha defesa. Em sua busca pelo assassino, era necessário manter seu pai alheio ao seu trabalho para a Coroa. Explicaria isso como uma forma de apoiar Jenny, o que, sem dúvida, não seria uma mentira.

Seu avô, pelo menos, era mais tolerante e costumava dizer que os jovens precisavam “semear suas aveias” antes do casamento. Mas Grant planejava semear muito mais do que apenas isso, antes de se casar. Balançou a bengala contra um poste de luz, incapaz de acreditar no que acabara de acontecer com ele. Antes que a última gota de chá fosse bebida, seu casamento e sua vida haviam sido arranjados para ele. E para Mercy, que, ao se despedir no corredor, parecia pronta para chorar ou gritar. O lorde não tinha certeza de qual seria a reação dela.

Grant sabia que ele precisava tirar o casamento da cabeça e continuar sua busca pelo atirador. Não poderia se permitir ser distraído, nem mesmo pelos pensamentos sobre sua futura esposa. Afinal, eles não tinham ideia do que motivou esse assassinato insensível. Poderia ter ou não conexão entre o assassinato e a destruição da linha ferroviária. Quem quer que fossem os perpetradores, agiriam novamente, disso, ambos tinham certeza. O que eles não tinham certeza era de quando e onde.

Então, sem perder tempo, o visconde decidiu focar em seu próximo alvo, Jimmy Bent. A informação que ele tinha era que o homem trabalhava em uma taverna nas docas. Sem pensar duas vezes, Grant vestiu seu casaco e suas calças gastas, que ele sempre manteve para esse tipo de ocasião, pois lhe ofereciam um certo grau de anonimato.

Ao chegar no *The Black Crow*, pediu uma cerveja quente e tomou um gole. Jimmy Bent estava lá, um sujeito de aparência franzina e com uma tosse desagradável.

Contudo, para sua surpresa, este se recusou a participar da competição.

— Não toco em um rifle desde a guerra. — professou — Vendi minha Baker há alguns anos.

— Isso é decepcionante. — disse Northcliffe — Para quem vendeu, o senhor se lembra?

— Sim. Um Bow Street Runner de profissão, chamado Williams. Bert Williams.

— Um policial?

— Ele tinha uma Baker durante a guerra. Disse que era a melhor arma para pegar um sujeito à distância.

— Costumava usar em seu trabalho, então. — o visconde refletiu.

— Foi para isso que ele disse que queria. Disse que as armas que os Runners usavam eram boas, mas uma Baker poderia salvar sua vida de maneira rápida e eficiente.

O lorde deixou a taverna e se dirigiu para Bow Street. Ao consultar a lista de Scullen, percebeu que esse nome não estava lá, e parecia improvável que Williams fosse o homem que procurava, mas não podia deixar nenhuma possibilidade passar despercebida.

Ao chegar ao tribunal do magistrado, recebeu a notícia de que Williams estava fora da cidade, em algum lugar ao norte, cumprindo uma missão pessoal, para encontrar o irmão desaparecido de um homem desconhecido.

Sentindo-se ainda mais determinado, Grant retornou ao seu quarto para trocar de roupa. A ocasião exigia formalidade, afinal, ele e sua noiva seriam observados de perto durante o jantar que deveriam comparecer naquela noite. Mas, o pior de tudo seria se sua noiva, sentada do outro lado da mesa, olhasse para ele com desconfiança.



Em seu quarto, Mercy estava enxugando os olhos com um lenço quando Charity enfiou a cabeça na porta entreaberta.

— Está chorando, minha irmã? — perguntou ao entrar — Eu esperava encontrá-la animada e não infeliz.

Mercy saltou e agarrou a manga da irmã, puxando-a para dentro do quarto.

— Silêncio. — rapidamente fechou a porta — Não quero que mamãe ouça.

— O que, diabos, aconteceu para angustiá-la assim? — Charity segurou uma almofada de tapeçaria com firmeza e se sentou em uma cadeira de brocado cor de marfim. Ela não parecia se encaixar na imagem esperada de uma duquesa — Northcliffe é bonito e agradável, mas não está apaixonada por ele, não é mesmo?

Impaciente, a Baxendale mais nova a interrompeu com um aceno de mão. Relatou toda a história, quase em uma longa frase. Sem fôlego, caiu na cama — Não quero incomodar mamãe porque ela se culpa pelo que aconteceu.

— Mas, querida, não pode simplesmente se casar com um homem por esse motivo. Mamãe não gostaria que fosse infeliz.

— Tudo aconteceu tão rápido. Papai agiu de repente.

— Papai faz isso. Northcliffe herdará um ducado. Ele pertence a uma família rica, cuja ancestralidade remonta ao Barão Rotherham, uma figura listada na Magna Carta. Mas, certamente, Northcliffe deve ter pedido sua mão primeiro.

Mercy fez uma careta — Northcliffe não quer se casar comigo. Ele provavelmente esperava que seu pedido de casamento fosse rejeitado, já que não herdará por anos. — arregalou os olhos — Ele me odeia. Acredita que eu o enganei. Mesmo que eu tenha sugerido que poderíamos chegar a algum tipo de acordo para acabar com isso. Mas ele realmente não acredita sinceramente que eu quis dizer isso.

— Oh, meu Deus. — a dúvida cruzou o rosto de Charity — O que ele disse sobre essa sugestão?

— Que poderíamos conversar mais no baile dos Marchants.

— Isso parece razoável, pelo menos. Não acha que feriu os sentimentos dele, quando o rejeitou de imediato?

— Bem, talvez. Mas seria desonesto da minha parte não ter feito isso. Ele deixou claro que desaprova uma esposa que realiza qualquer coisa fora de seus deveres habituais. Riu da minha ideia de fazer cosméticos. — torceu o pedaço de linho encharcado nas mãos — Eu preferiria muito mais me casar com Lorde Bellamy.

— Papai nunca concordaria com Bellamy. — observou a irmã — E não tenho certeza se ficaria tão feliz com isso.

— Por quê? Ele é charmoso e me faz rir.

— Ele é muito charmoso com todas as debutantes. Eu o conheço muito bem. É um bom amigo de Robin e está sempre presente em Harwood.

— Ah... Aquela coisa de libertino de novo. Eles tendem a se estabilizar, sabe?

— Alguns deles. E alguns podem partir o coração de uma mulher.

Ela franziu a testa — Mamãe pensou que Northcliffe era um libertino, no início. — Mercy brincou com a borda de renda de seu lenço — Tenho que pensar em uma maneira de fazê-lo desistir.

Charity deixou a cadeira e se sentou ao lado dela, na cama — Espero que não se machuque. Minha primeira impressão dele foi favorável. Talvez ele mude de ideia sobre seus negócios...

— Charity! Eu sempre gostei de Robin, mesmo quando declarou claramente que não queria se casar com ele. Eu tentei persuadi-la?

A duquesa riu — Não, não fez isso. Mas, querida, não seja muito apressada. Reserve um tempo para conhecer Northcliffe, talvez possa mudar de ideia.

— Robin nunca foi reservado. Sempre soube onde se situava com ele.

— Sim. — sorriu enganosamente — Ele é um querido.

— Há algo misterioso em Northcliffe. No começo, achei intrigante, mas quando se trata de colocar sua vida nas mãos de um homem, é diferente. Agora ele me preocupa. Há um traço de uma personalidade mais severa sob

sua fachada sociável.

As sobranceiras de Charity franziram — Suspeita que ele possa ter um lado violento em sua natureza?

— Fiquei muito grata quando ele veio em meu auxílio, nos Jardins de Vauxhall. Mas deveria ter visto como ele lidou com aquele patife. Foi tão meticuloso! Como se esperaria de um soldado.

— Ele não pode ter feito parte da guerra, ela já tinha acabado quando ele atingiu a idade para se alistar. — disse a duquesa, pensativa — Muitos cavalheiros aprendem a lutar boxe na academia de Gentleman Jackson.

— Sim, mas não era assim que eu imaginava que os cavalheiros lutariam um contra o outro. Ele virou o homem de cabeça para baixo! Suas ações foram bastante implacáveis e nada ortodoxas. Fiquei extremamente grata, é claro, mas temi que ele pudesse matar o sujeito.

Charity estreitou os olhos — Eu não me importaria se ele tivesse. Mas pensei que talvez pudesse contar a papai sobre isso?

Mercy balançou a cabeça — Papai aprovaria. Ele diria que Northcliffe é um sujeito viril!

— Sim, ele aprovaria.

— Ele vem para o jantar. Espero que venha com Robin também.

— Não podemos, querida. Temos outro compromisso. No entanto, estarei no baile dos Marchants e darei uma olhada mais de perto no visconde. Se eu não gostar do que vejo, darei minha opinião, embora duvide que papai dê muita importância a ela.

Mercy a abraçou — Obrigada, irmã querida. Apenas tê-la ao meu lado me faz sentir muito melhor.

Quando a porta se fechou, a jovem Baxendale se deitou e contemplou os delicados enfeites de damasco rosa que pendiam sobre sua cama. Enquanto seus pensamentos vagueavam, os olhos de Lorde Northcliffe surgiram em sua mente, lembrando-a do colar de âmbar que pertencera à sua mãe. Eram olhos bonitos, realçados por cílios pretos e espessos, porém, não transmitiam suavidade. Pelo menos, não quando a viram na última vez.

A moça não conseguia encontrar maneiras de explicar a ele o erro que desencadeou toda aquela situação. Ela tinha afirmado a Arabella que jamais o faria, mas, de algum modo, não era culpa de sua irmã que Mercy tivesse ido atrás dela. Por mais que tentasse se justificar, sabia que Northcliffe continuaria a ter uma visão negativa dela. Talvez um casamento iniciado sobre bases tão instáveis não pudesse prosperar.

Capítulo nove

Grant entrou no salão de baile dos Marchants após ter visto o anúncio de seu noivado no jornal. Um grupo de amigos se aproximou para parabenizá-lo pelas suas próximas núpcias. Adam deu-lhe um tapa nas costas, e o visconde piscou em resposta. — É um homem esperto, — disse este — afirmava que nunca se casaria por anos. Juro pela minha alma! Testemunhei como a encantadora Mercy Baxendale conquistou o seu coração à primeira vista.

— Sim, bem. Ela é a debutante mais bonita desta temporada, não é? — um rubor quente de orgulho surpreendeu Northcliffe.

Hugh riu — Não posso dizer que o culpo, ela é uma dama atraente. Quase tão bonita quanto Felicity Abbott.

O lorde seguiu o olhar do homem até onde Mercy, em um vestido branco delicado, estava entre um grupo de pessoas. Voltou-se para o amigo — Então, decidiu por uma das gêmeas Abbott, Hugh.

— Gêmeos não são tão parecidos quanto se possa imaginar. — disse-lhe — Felicity tem uma pequena pinta ao lado da boca, e quando ela sorri...

Grant colocou a mão no ombro do amigo, manifestando solidariedade por mais um tolo apaixonado, antes de se afastar. Dirigiu-se em direção à Mercy, e a multidão se abriu para permitir sua passagem, acompanhada de suspiros e felicitações, particularmente das mulheres presentes. Lorde e Lady Baxendale o receberam calorosamente. Embora a testa da senhora denotasse uma leve preocupação, manteve sua graciosidade.

O pai de sua noiva expressou seu desejo de ver novamente o pai de Grant e o duque.

— Dois homens que tenho em alta estima. Acredito que ainda não tenha ouvido falar do conde.

— Uma missiva chegou por entrega especial, esta manhã. Tanto meu pai quanto meu avô estão satisfeitos com minha escolha de noiva. Estão exultantes com a perspectiva de um casamento em York e expressaram o mesmo desejo de vê-lo novamente, senhor.

Lorde Baxendale sorriu — Escrevi para eles, esta manhã. Podemos nos encontrar amanhã para discutir o acordo, digamos, duas da tarde?

— Certamente, senhor.

Mercy emergiu do centro do grupo animado com elegância, trajando um adorável vestido decorado com flores e fitas de cetim. Sua presença era como a de uma delicada flor, como se fosse uma peônia ou uma rosa primaveril, pensou Grant. A luz do lustre, no alto, transformava seus suaves cachos loiros em fios dourados reluzentes. No entanto, seus olhos azuis sérios não se mostraram receptivos a ele.

O visconde fez uma reverência — Lady Mercy, aceita dar uma volta pelo salão comigo?

Ela afundou em uma reverência graciosa — Certamente, senhor.

Caminharam ao longo da orla da pista de dança, desfrutando da suave melodia que ecoava pelos salões do baile.

O lorde colocou a sua mão sobre a mão enluvada dela, que repousou levemente em seu braço. Embora concordasse com ela que o modo como o noivado aconteceu fosse um choque, sabia que tais acordos eram comuns na alta sociedade. Depois da efusiva resposta de seu pai e avô ao anúncio do casamento, o jovem se resignou e considerou que ter uma linda esposa, segura em York, esperando suas visitas familiares, não era tão ruim, afinal. A casa do avô era uma verdadeira fortaleza, onde certamente Mercy estaria protegida. Quando a ameaça que pairava sobre eles fosse eliminada, Grant compraria uma casa em Londres para a temporada, onde ela poderia desfrutar da sociedade. Respirou fundo, a ideia de ter um filho o satisfazia. Um sorriso se formou em seus lábios enquanto a observava. O único obstáculo era Mercy. Northcliffe se perguntava o que havia feito para deixá-la tão desconfiada dele. Afinal, ele a resgatara e ela ainda se mostrava ingrata.

— O senhor prometeu me ajudar a encontrar uma saída para acabar com esse noivado. — murmurou a jovem por trás de seu lindo leque, acenou e sorriu para Lady Coe.

Grant fez uma reverência ao passar por Liverpool, que conversava com Wellington — Eu prometi?

— Certamente não voltará atrás na sua palavra. — a lady sussurrou, olhando-o com uma expressão perturbada — Acredito que deseja essa união tanto quanto eu.

— Precisamos ter uma conversa, Lady Mercy. Encontre-me no terraço depois do baile.

O mestre de cerimônias acabara de anunciar uma quadrilha e os casais estavam formando quadrados na pista de dança. Ele e a moça estavam um de frente ao outro, no final da fila, quando os músicos começaram a tocar. Os passos rápidos da dança dificultavam a conversa. O visconde firmou os lábios. Não estava com disposição para continuar a conversa sob coação e para o entretenimento dos outros dançarinos ao seu redor.

Meia hora depois, juntou-se a Mercy, que estava com o xale caído pelos cotovelos, no terraço — Permita-me. — Colocou-o nos ombros dela. Por um momento, as mãos dele descansaram em seu corpo pequeno — A noite está um pouco gelada, espero que não esteja com frio.

Quando ela balançou a cabeça, um cacho dourado quicou em volta de sua orelha. A visão daquele movimento gracioso fez com que o lorde sentisse uma vontade repentina de beijar aquela orelha, que mais lembrava uma concha. Era inegável que o aroma dela seria agradável e doce, assim como o resto de sua pessoa.

— Pensei que talvez se eu... — a lady começou, enquanto ele pegava sua mão e tirava sua luva, dedo por dedo.

Ela arfou.

— Não adianta, Mercy. — o visconde tirou uma caixinha do bolso que

continha um belo anel de diamante, enviado a ele por um mensageiro especial — Vamos nos casar. Está feito. Não há nada que a senhorita, ou eu, ou juntos, possamos fazer para mudar isso, sem provocar muita perturbação sobre nossas cabeças e infelicidade para as nossas famílias. — disse, enquanto colocava o anel no dedo dela — Ah, encaixa-se perfeitamente e não requer alterações.

A jovem estudou o diamante reluzente à luz do salão de baile — É muito bonito.

— Pertencia à minha mãe.

Entregou-lhe a luva — Além disso, não desejo terminar o noivado.

Ela piscou — Não?

— Um homem deve se casar, algum dia. — arqueou uma sobrancelha — Assim como a senhorita, Mercy, nesta temporada ou na próxima. Está apaixonada por algum cavalheiro? — o pensamento de repente o atingiu de forma alarmante.

Ela se distraiu com a luva — Não.

— Vou precisar de um herdeiro, em algum momento. — acrescentou, com um pouco de alívio — Um dia, em um futuro distante, espero, serei duque e a senhorita será minha duquesa. — inclinou a cabeça — Certamente isso não é uma coisa tão ruim, não?

Os lábios da jovem tremeram e ela o observou atentamente. O queixo dela se levantou — Então cumprirei meu dever, senhor. — afastou-se como se temesse que ele selasse o pacto com um beijo — Agora, se me der licença, gostaria de ver minha irmã e meu cunhado, que chegaram a pouco tempo.

O lorde a seguiu para dentro. Seu dever? Maldição, esse casamento não teria amor e nem afeto. Ele nunca quis isso, seu desejo era se casar por amor.

O duque e a duquesa de Harwood ofereceram seus parabéns.

— É muito afortunado em sua escolha de noiva, senhor. — a duquesa o levou para longe dos outros — Não é somente porque Mercy é minha irmã que digo isso. Ela é uma garota calorosa, afetuosa e bastante inteligente, como o senhor descobrirá.

— Estou ansioso por isso, Lady Harwood. — especialmente descobrir sobre a sua natureza calorosa, escondida dele até agora.

— Está mesmo? Folgo em saber. Nem todo homem quer uma esposa criativa e inteligente. Tive a sorte de me casar com Harwood. Espero que seja um desses homens, senhor. Mercy merece o apoio de seu marido.

— Ah, sim. — Grant havia esquecido sobre o empreendimento de sua futura esposa. Algo a ver com a escrita. Ele não conseguia se lembrar exatamente o que era, tanta coisa tinha acontecido desde que falaram sobre isso.

Mercy se juntou a eles.

— Uma exposição de minhas pinturas será realizada em Londres, no próximo outono. — disse Lady Harwood, com um sorriso largo — O duque acabou de me dizer que arranjou tudo.

— Oh, Charity, isso é maravilhoso! — Mercy abraçou a irmã — Isso não

poderia acontecer com uma pessoa melhor ou com uma artista melhor.

Os olhos da duquesa ficaram enevoados — Obrigada, querida.

Grant reprimiu o desejo fútil de que Mercy mostrasse tal calor e entusiasmo por ele. Avistando Black, percebeu que o coronel estava tentando ganhar sua atenção, do outro lado do salão.

Quando a duquesa se virou para conversar com outra dama, o visconde chamou a noiva de lado — Se me der licença, minha querida, há alguém que eu preciso ver.

Ela lançou um rápido olhar na direção que ele indicou — Certamente, senhor.

— Voltarei para a primeira valsa. Por favor, guarde-a para mim.

— É claro.

Black esperava-lhe na biblioteca deserta. Sentaram-se um em frente ao outro, em cadeiras colocadas diante da lareira vazia.

— Outro ataque foi feito na ferrovia. — disse o senhor, sem preâmbulo.

Grant se inclinou para frente.

— Outro?

— Uma seção da linha férrea explodiu durante a noite.

— Alguém ficou ferido?

— Não. Estava a quilômetros de qualquer lugar habitado, mas alguém ouviu a explosão. Meus homens encontraram o local, esta manhã. Vai demorar um pouco para a empresa substituir o comprimento do metal torcido. Eles não preveem que isso atrase a abertura, desde que nenhuma outra tentativa ocorra. Mas ninguém acredita nisso. Esses sabotadores estão determinados a interromper o progresso da empresa. A tensão entre muitos dos investidores está se intensificando e os nervos estão à flor da pele. A situação financeira atual já limita os recursos disponíveis para a empresa. Até o momento, não conseguimos identificar os culpados por esses atos de sabotagem. Existe a possibilidade de que sejam agricultores, que temam perder partes de suas terras. Além disso, não conseguimos estabelecer uma conexão entre a morte de Haighton e esses eventos perturbadores.

O tiro parecia mais uma emboscada para Grant — Vou visitar novamente a viúva de Haighton. Ela pode ter mais informações para compartilhar.

— Está certo de que será capaz de dar toda a sua atenção a isso? — Black perguntou, dúvida em seus olhos — Ouvi que está prestes a se casar.

— Não vejo como isso fará diferença.

— Mas vai. — disse o coronel — O senhor não seria humano se não estivesse um pouco preocupado e protetivo com sua esposa. Eu deveria substituí-lo, mas temos poucos homens capazes. Em algumas semanas, talvez, se isso não for resolvido até lá.

— Pretendo continuar esta investigação. — disse o visconde, em tom firme — Isso é pessoal. Nathaniel Haighton era amigo de longa data da minha família.

— Espero que não seja pessoal. O senhor já tem o suficiente para distraí-lo.

— Pode confiar em mim, Black. Assim que nos casarmos, terei liberdade para continuar.

O senhor ergueu uma sobrancelha e sorriu — Não viajará em lua de mel?

— Será adiado. — duvidava que Mercy quisesse uma — Minha esposa quer viajar para a França para visitar sua irmã, em algum momento. — tinha certeza de que ela iria gostar disso. Harwood agradou à duquesa com uma surpresa, organizando uma exposição de seu trabalho. Grant desejava fazer algo semelhante. Sentiu a necessidade de ver os olhos da noiva brilharem de prazer. Na verdade, quanto mais pensava sobre isso, mais percebia que iria gostar da viagem também.

Ele se levantou — Estou comprometido com minha noiva para a primeira valsa. Partirei para Yorkshire na segunda-feira.

— Quando será o casamento?

— Devo confirmar a data com Lorde e Lady Baxendale amanhã.

Entrava no salão de baile quando Arabella correu em sua direção — Mercy disse que estão noivos! Poderia ter me contado, meu irmão.

— Eu pretendia contar esta noite.

— Está... está feliz com esse casamento, Grant?

— Mas é claro que estou, por que não estaria?

Ela franziu a testa, preocupada — Mercy não parecia estar nas nuvens.

— A maneira como tudo aconteceu não foi a ideal. Mas serei um bom marido para ela, Bella. — sorriu carinhosamente para a irmã.

— Vai mesmo?

— Duvida de mim?

— Não. — relaxou visivelmente — É um homem bom, Grant. Eu sei disso. Mas as mulheres precisam ser um pouco tranquilizadas. Os homens nem sempre percebem isso.

Ele sorriu — Talvez eu seja negligente nisso, homens são criaturas egoístas. Vou me esforçar para melhorar. Vai me conceder uma dança, mais tarde?

— Sim, eu adoraria dançar contigo.

— Ah, eles estão chamando para a valsa. Por favor, dê-me licença, vou procurar Mercy.



Mercy moveu-se em direção aos braços de Northcliffe. As cordas de uma valsa de Haydn preenchem o salão de baile. Ela inspirou o aroma masculino almiscarado dele, enquanto contemplava seu belo rosto sorrindo-lhe. No entanto, sua mente ainda estava inquieta. Quem ele acabara de ver? Certamente não era Lady Alethea Archer, pois esta continuava envolvida em uma animada conversa com amigos. Apenas se Grant tivesse confessado seu amor por ela, Mercy se sentiria mais confortável em renunciar a seus próprios planos e permitir que sua vida fosse governada pelo homem que revelara pouco sobre suas esperanças e seus sonhos. Será que ele pretendia manter sua amante? Esse era o segredo mais mal guardado em Londres, e apenas o

pensamento disso a perturbava. Só de imaginar os dois juntos, um desânimo profundo a invadia, e ela ansiava por estar de volta a Tunbridge Wells, com Wolf aos seus pés, enquanto trabalhava em seus experimentos. Até mesmo Arabella, irmã de Northcliffe, que anteriormente tentara exaltar as qualidades do irmão, agora apenas tentava acalmá-la. Mercy suspeitava que a amiga se sentia culpada pela noite nos Jardins de Vauxhall, embora a tivesse assegurado de que a culpa era sua por ter se envolvido em tal confusão.

— Onde vamos morar depois de nos casarmos? — perguntou.

— Acredito que seja melhor ficarmos com meu avô em Thornhill por um tempo.

— Isso é em Yorkshire?

— Sim.

A quilômetros de qualquer lugar, imaginou — Há muita sociedade por lá?

— Meu avô não recebe muitas visitas atualmente. Nem o meu pai. Participaremos dos bailes e entretenimentos em York.

— Isso seria bom. — murmurou. Tunbridge Wells era um lugar animado, que a sociedade visitava com frequência, e bailes eram realizados regularmente na cidade. Ela tinha certeza de que York seria mais paroquial.

— Ficarei feliz em acompanhá-la quando estiver lá.

— Quando estiver lá? — repetiu, seu choque fazendo-a parecer estúpida.

— Nem sempre estarei em casa, Mercy. Mas passaremos parte da temporada em Londres.

— Onde mais o senhor estará? — estreitou os olhos. Não desejava tê-lo submetido à sua vontade, mas era preferível que ele não estivesse pensando em aproveitar a oportunidade para envolver-se romanticamente com sua amante enquanto ela estaria ausente.

— Eu tenho... interesses comerciais que podem me afastar, às vezes.

— Interesses comerciais... Posso saber quais são?

Ele balançou a cabeça com um sorriso — Duvido que esteja interessada.

— Duvido que saiba o que me interessaria.

Ergueu uma sobrancelha — Se eu não soubesse, suspeitaria que está tentando provocar uma briga. É sobre alguns trabalhadores e gerentes de moinhos que a entediariam.

— Talvez o senhor esteja certo. Posso aproveitar para visitar minha irmã em Northumberland, enquanto estiver fora.

— Eu preferiria que permanecesse em Thornhill enquanto eu estiver fora. — disse abruptamente.

— Por quê?

Cílios escuros esconderam seu olhar enigmático e castanho-avermelhado dela.

— Tenho boas razões.

Ela franziu a testa — E essas razões são tão secretas que não pode me contar?

Ele apertou a mão dela — Não pode simplesmente aceitar que eu desejo

que fique em casa? Podemos visitar sua irmã juntos.

— Não, e não vejo por que não pode me dizer. Eu não tenho a intenção de esconder nada do senhor. — o lorde fez uma careta e ela viu que tinha acertado.

— Sua mãe se envolve nos negócios de seu pai?

— Não, mas sei de muitas mulheres que sim. — disse, embora não soubesse.

— Verdade? E quem são elas, pode me dizer?

— Não consigo pensar em seus nomes neste momento. — respondeu, irritada.

— Ótimo. Porque, neste momento, eu gostaria de dançar.

Ao perceber que estava rigidamente indignada, ela foi praticamente levantada do chão por Grant. Ele era um dançarino muito talentoso, mostrando-se confiante em seu traje escuro formal e gravata branca, que realçavam sua aparência agradável. No entanto, ele não deveria estar tão certo dela. E se imaginasse que poderia abandoná-la no campo com seu avô e esquecê-la... bem, em breve entenderia o erro de suas ações!

Capítulo dez

Apesar das boas intenções de Grant em fazer as pazes com Mercy, essas intenções foram frustradas logo no primeiro obstáculo. Ficou irritado e passou a maior parte da longa jornada para o norte pensando em maneiras de melhorar a situação entre eles. No entanto, devido à necessidade de manter suas atividades em sigilo, isso parecia quase impossível. Mercy, a mulher inteligente com quem estava prestes a se casar, não era apenas uma debutante dedicada ao lar, era também uma mulher independente e forte. O fato dela ser tão franca e honesta sobre os assuntos entre os dois o deixava louco. No caminho, Grant contornou uma fileira de amieiros repletos de folhas e chegou a uma pastagem plana, na qual encontrou a área elevada com o solo escurecido onde o trilho havia sido explodido. Os canalhas escolheram um local estratégico, pois as árvores bloqueavam a visão de ambos os lados da linha, permitindo que pusessem em prática seu plano grosseiro.

Depois que desmontou do cavalo, seguiu caminhando pelo chão duro, porém não obteve nenhuma informação reveladora. Com um gesto frustrado de cabeça, subiu novamente em seu cavalo.

Uma hora mais tarde, Grant chegou à estalagem da vila de Oaktree, uma habitação de enxaimel situada em uma rua feita do mesmo material. Ali, fez uma pausa para descansar e alimentar seu cavalo. Na taverna da estalagem, ficou sabendo sobre uma carruagem que havia passado em alta velocidade pelo vilarejo, durante a noite da explosão.

Saiu da rua principal do vilarejo e passou pela antiga igreja de pedra acinzentada, assim como pelo adro da igreja, onde havia um estande com teixos antigos. Ao seguir as placas de sinalização, direcionou-se para a propriedade de Haighton. Enquanto trotava com sua montaria ao longo de uma pista esburacada, pôde observar uma antiga parede de pedra em ruínas. O ar do campo estava perfumado com o cheiro do feno recém-colhido e das rosas campestres. A luz do sol conferia um tom dourado a um campo de trigo próximo, que estava em plena maturação. O seu cavalo, chamado Ares, atravessou um pequeno riacho, o qual havia sido represado após um desmoronamento na margem do Rio Tees, que passava pela mansão Haighton. O cavalo então escalou a margem oposta e caminhou até um prado coberto de margaridas, pertencente à propriedade do conde.

Grant localizou o bosque de olmos perto do lugar onde Nat havia sido atingido pela bala de um pistoleiro. O zumbido das abelhas, agrupadas em torno de um ramo de flores frescas no chão onde ele havia caído. Apesar da beleza natural da área, uma sensação de ameaça persistia. O visconde atribuiu isso ao excesso de sentimento por um homem decente do qual ele gostava e a quem respeitava.

Após não encontrar nada mais interessante, dirigiu-se para o Parque Haighton, a vários quilômetros de distância. Ao chegar à imponente mansão

de pedra, no início da tarde, um mordomo anunciou sua presença e o conduziu até a sala de estar, que estava perfumada com urnas cheias de flores.

Jenny ofereceu-lhe chá, porém ele recusou em favor de um uísque fortificante. Sentada em frente a ele, em um dos pares de sofás cobertos de cetim da cor de ostra, a mulher vestia um elegante vestido de seda preto, seu rosto parecia pálido e tenso.

— Não consegui pensar em nada, embora não tenha feito outra coisa. — disse, em sua voz suave — Especialmente durante a noite, enfrento dificuldades em conseguir dormir. Durante o dia, tenho a responsabilidade de cuidar das crianças e administrar não somente esta propriedade, mas também as demais que pertenciam ao meu falecido marido. Esta tarefa tem se mostrado um desafio. Nathaniel tinha o controle absoluto sobre todos os aspectos de sua fortuna. Agora, eu gostaria que ele tivesse me confiado um pouco dessa responsabilidade. — suspirou — Os homens parecem pensar que criar filhos ocupa todos os pensamentos de uma mulher. Nós, mulheres, somos muito mais capazes do que isso.

Grant aceitou o copo de uísque de um laiaio. Depois que este deixou a sala, ele se sentou na ponta do sofá, cheio de compaixão por ela — A senhora tem ajuda adequada? — ficou surpreso ao saber que ela tinha essas preocupações. Criados confiáveis podem ser muito úteis para facilitar a administração e o funcionamento dos negócios da propriedade.

— Sir Ewan Snowden recentemente recomendou um novo secretário. Ele se mostrou bastante crítico em relação ao desempenho dos funcionários atuais. Expressou a opinião de que suas contribuições não valem a pena e sugeriu a contratação de pessoas mais competente. Sir Ewan tem se mostrado um apoio incansável para nossa equipe. Ele nos visita diariamente, quando retorna de suas viagens a Londres. Sou extremamente grata por seu generoso apoio.

Grant assentiu, achando estranho que Nat empregasse criados inadequados. O amigo era astuto demais para lidar com funcionários preguiçosos.

— A senhora sabe se Nathaniel possuía ações da Companhia Ferroviária Stockton e Darlington?

— Ora, sim, ele era um dos principais acionistas. — Jenny franziu a testa — Seu valor diminuiu substancialmente desde o primeiro ataque à linha, não foi?

— Acredito que sim. Mas, se nada mais ocorrer para impedir a abertura da ferrovia, acredito que as ações subirão novamente.

Ela inclinou a cabeça — Mas o senhor acredita que haverá outra tentativa.

— Não tenho como saber, mas, para ser honesto, acredito que seja provável.

— Sir Ewan me disse que o mercado financeiro entrou em pânico. — entrelaçou os dedos — A situação nunca foi tão alarmante. Ele a comparou à Mania das Tulipas do século XVII, na Holanda, quando o mercado entrou em colapso com resultados desastrosos. Ele diz que, embora a

promessa de um novo e mais rápido modo de viajar tenha causado grande excitação em muitos lugares, há quem acredite que seja uma abominação. Desejam ativamente acabar com isso por qualquer meio.

Grant considerava que Snowden era extremamente inútil — Não devemos perder a esperança de que tudo isso seja resolvido rapidamente e a ferrovia siga em frente. — disse gentilmente, alarmado com o bem-estar dela. As manchas escuras sob seus olhos denunciavam sua ansiedade e falta de sono — Vamos encontrar os culpados e acabar com isso, prometo. Enquanto isso, a senhora deve tentar descansar.

— Sim... sim. — ela suspirou e passou a mão sobre a testa — Não consegui suportar visitar o lugar onde Nathaniel foi morto. Mas eu sei que devo.

Ele ergueu as sobrancelhas — Quem poderia ter ido lá, hoje?

— Ninguém. Por quê?

Ele hesitou, imaginando se deveria mencionar as flores, então considerou que poderia ser importante — Uma pequena coroa de flores foi deixada lá, bastante fresca.

Seus olhos se estreitaram — Flores? Não conheço ninguém que... — balançou a cabeça — Pode me levar até lá, Lorde Northcliffe... Grant?

Ele a observou com cuidado, ponderando sobre qual impacto isso poderia ter em sua delicada constituição. Após reflexão, concluiu que não deveria acrescentar mais aflição ao sofrimento que ela já havia vivenciado. Contudo, a postura firme de seus ombros deixava claro que a senhora estava decidida, mas ele não concordava com a ideia de ela cavalgar até lá sem acompanhamento — Sim, claro.

Ela se levantou — Levarei apenas um minuto para me trocar.

Uma hora depois, Grant encontrava-se ao lado dela, vestindo seu hábito roxo escuro, enquanto ela contemplava o ramo de flores no chão, que aos poucos murchava sob a luz do sol. O silêncio permeou o ambiente, até que retornassem para casa. Durante todo o trajeto, Jenny se absteve de proferir qualquer palavra — Não faço ideia de quem possa ter deixado a coroa.

As flores presentes nos campos não eram flores silvestres ou papoulas, embora sua abundância as fizesse parecer assim. Eram mais parecidas com flores cultivadas em estufas, apesar de ele não possuir muito conhecimento sobre o assunto. Geralmente, costumava encomendar um buquê de flores para ser entregue a uma dama, mas somente uma dama teria deixado aquelas flores.

Ele não queria acreditar que Nat tinha uma amante, mas não esperava que homens casados fossem fiéis. Enquanto observava o céu levemente nublado, olhou para cima e conseguiu identificar um falcão, pelo formato de suas asas longas e pontiagudas. Por um breve instante, o pássaro parecia desafiar a gravidade, antes de mergulhar e desaparecer de vista.

Grant não descartava a possibilidade de ter uma amante, caso seu casamento fosse insatisfatório. No entanto, considerando o trabalho perigoso

que realizava, era provável que morresse antes de sua esposa. O fato de Mercy se lembrar dele dessa forma o deixava desconfortável e, naquele momento, decidiu que, independentemente do estado de seu casamento, resistiria a viver dessa maneira. Isso o fez sentir-se determinado a conquistar, pelo menos, o respeito da noiva, mesmo que não pudesse conquistar seu amor.



O baile estava extremamente cheio naquela noite. Mercy se encarava no espelho do vestiário feminino, que havia se esvaziado quando a próxima dança foi chamada. Ela estava num misto de desânimo e preocupação. Seu noivo rebelde estava desaparecido há quase uma semana, deixando-a cada vez mais angustiada. Nem mesmo seu pai, durante o café da manhã, deixou de comentar sobre a ausência dele.

Em meio aos seus pensamentos, uma senhora de cabelos escuros e perfumada adentrou o vestiário, posicionando-se ao seu lado, no espelho. Embora tivesse um rosto bonito, sua expressão azeda arruinava completamente sua aparência — Seu noivo parece nada desejoso de sua companhia, Lady Mercy. Ouvi dizer que o casamento será de conveniência.

Esta se virou para encarar a amante de Northcliffe — Então suas fontes estão erradas!

Lady Alethea arqueou as sobrancelhas escuras — Northcliffe certamente não poderia estar tão apaixonado pela senhorita quanto está por mim — disse, com um tom de conversa — afinal, ele nunca me abandonaria por uma semana inteira. — seu olhar se dirigiu à porta — Ele me deseja demais, pois não pode viver sem prazer.

— De fato! — Mercy disse friamente, embora seu coração estivesse batendo forte e ela visse seus olhos escurecerem em seu reflexo — Ouvi dizer que ele ficou entediado com a senhora. — embora na realidade a jovem nunca tivesse ouvido falar tal coisa, ficou contente ao perceber os olhos de Lady Alethea brilharem e sua expressão facial cair em desagrado.

Quando duas senhoras entraram no vestiário, Mercy pegou seu xale e retícula e saiu, desejando que suas irmãs estivessem aqui para apoiá-la.

Sua raiva por seu noivo ausente chegou ao ponto de ebulição. Quando Lorde Bellamy veio convidá-la para dançar, ela prontamente aceitou.

— Devo dizer que fiquei chocado ao saber de seu noivado, Lady Mercy. Foi tão repentino, que todos nós fomos pegos de surpresa e estamos consignados a lamentar o que poderia ter sido.

A retórica exagerada de Lorde Bellamy começou a perder seu charme. Mercy balançou a cabeça — Lorde Bellamy, não posso acreditar em uma palavra que diz.

— Eu protesto! Sou um sujeito sincero. — os olhos verdes dele brilharam quando se juntaram na dança — A senhorita subestima seus encantos. É verdade, então, está mesmo noiva?

— Sim, Lorde Bellamy. — afastou-se.

— Não vou perder a esperança até que a senhorita e Northcliffe estejam no

altar. — disse, quando novamente teve a chance de falar — A propósito, onde está o sujeito? Se eu fosse ele, estaria de joelhos diante da senhorita, beijando a bainha do seu vestido.

Ela sentiu as bochechas esquentarem — Negócios o levaram para fora da cidade.

Ele olhou por cima da cabeça dela, na direção da porta.

— Uma breve visita, infelizmente.

— Perdão?

— Northcliffe acabou de chegar.

Ao avistar o noivo entre a multidão, Mercy se virou e constatou que ele estava se movendo sem demonstrar qualquer reação ao vê-la. Esse fato inesperado causou uma estranha batida em seu coração, fazendo-a franzir a testa. Afinal, eles estariam casados em questão de semanas, e seus dias estavam dedicados inteiramente a compromissos relacionados à costura e às compras para o enxoval. Northcliffe desejava que o período do noivado fosse curto, entretanto, isso não significava que ele não pudesse esperar para torná-la sua esposa. Poder-se-ia supor que ele aproveitaria o tempo restante para passar mais tempo ao seu lado, mas o lorde não parecia sentir tal compulsão. Ah, será que ele passou toda a semana com Lady Alethea? A senhora parecia tão segura do afeto dele por ela.

Elegantemente vestido e com uma beleza sombria, ele estava parado próximo à pista de dança, observando-os atentamente, enquanto executavam os passos finais. Após a música terminar, Mercy evitou olhar na sua direção. Riu e colocou a mão delicadamente no braço de Lorde Bellamy, enquanto este a conduzia para fora da pista. O lorde inclinou a cabeça e murmurou um comentário engraçado sobre a expressão impactante de seu noivo. A descrição era perfeitamente adequada!

Ela riu nervosamente — É bastante ultrajante, senhor.

Ao chegar a Northcliffe, ela tirou a mão do braço de Bellamy.

Este fez uma reverência — Northcliffe. — e se virou para Mercy — Obrigado por sua companhia encantadora. Espero que possamos dançar novamente.

— Aguardarei ansiosa por isso, Lorde Bellamy.

— Não se pode deixá-la sem dançar durante todas as danças. — continuou Bellamy — Mulheres bonitas ficam tão charmosas executando os passos. Não concorda, Northcliffe?

Este, no entanto, inclinou a cabeça, com desdém, dirigindo seu olhar dourado para Mercy.

Bellamy, com um olhar divertido para ela, os deixou.

Grant ergueu as sobrancelhas — A senhorita parece ter pouca dificuldade em preencher o tempo durante minha ausência.

Seu peito inchou de indignação — O que o senhor quer que eu faça? Que fique sentada em casa, bordando, noite após noite? Ah... — bateu no queixo com o leque — Não é isso que tem em mente para mim, enquanto me mantém

presa no campo, senhor?

Pegou-lhe o braço e eles cruzaram o salão em direção ao lugar em que sua mãe estava sentada, com sua tia Jane — Talvez prefira a companhia de Lorde Bellamy. Eu não gostaria de mantê-la longe dele.

Mercy deu-lhe um olhar fulminante — Lorde Bellamy é um amigo de longa data, não posso dançar com ele?

— É claro que sim, mas não gosto que minha noiva flerte abertamente enquanto estou fora. Tal comportamento chama a atenção.

Ela corou e puxou a mão do braço dele — O senhor não é nada generoso.

Northcliffe franziu a testa — Mercy, eu...

Esta observou-lhe atentamente a expressão facial e depois virou de costas. A maneira como ele parecia cansado era evidente, refletida em seus olhos pesados e na leve curvatura de seus ombros. Porém, ela decidiu que era melhor seguir seu caminho através da multidão, sem que ele a acompanhasse. Essa decisão surgiu da confiança de que ele não ousaria segui-la, especialmente nesse momento. Afinal, eles já haviam provocado escândalo suficiente anteriormente. Diante do medo de chorar, ela apertou os lábios com força.

Encontrou Arabella no vestiário feminino.

— Meu Deus, o que aconteceu? Parece que vai explodir. — disse-lhe a amiga.

— Seu irmão não está de bom humor. — Mercy olhou para o espelho e, desanimada, tirou o lenço para conter o fluxo de lágrimas.

— Minha querida! O que Grant fez? Eu não sabia que ele estaria aqui, esta noite.

— Ele chegou há pouco tempo e não ficou nada feliz em me ver.

— Certamente ele não foi rude, isso não é nada parecido com seu caráter. Devo falar com ele?

Mercy respirou fundo e fungou, arrependida por ter mencionado isso.

— Por favor, não. Foi apenas um pequeno desentendimento, passará logo.

Arabella sorriu, mas sua expressão estava obscurecida de dúvida.

— Nervos do casamento, eu imagino.

— Sim, é claro. — o olhar de Mercy embaçou no espelho.

Capítulo onze

Grant não era tão facilmente provocado. Não conseguia entender, mulheres gostavam de flertar. Normalmente, ele não se incomodava com isso, mas, agora, sendo noivo, algo parecia ter mudado. Sentia uma tensão em seus músculos enquanto viajava de volta para Londres, após uma longa jornada em York.

Em seu caminho de volta, teve a oportunidade de parar e descansar em uma pousada, mas decidiu ignorar essa opção e seguir em frente. Ao chegar às pequenas fazendas e plantações agrícolas, nos arredores de Londres, estava exausto e desejando desesperadamente por uma súbita onda de energia.

Não estava acostumado a sentir seu corpo se recusando a colaborar com seus desejos. Sempre foi uma pessoa obstinada, e isso só o impulsionava ainda mais a cumprir suas obrigações. Rapidamente, ele se banhou e se arrumou, antes de se dirigir ao salão de baile, onde sabia que seria esperado.

A verdadeira motivação por trás dessa determinação era ver Mercy novamente. Já fazia uma semana, desde que a deixou em Londres, e ela era o único pensamento que o acompanhava durante todo o trajeto de volta. Sua mente estava cheia de preocupação após lidar com os problemas de Jenny Haighton e a saúde de seu pai. Estava ansioso para melhorar as coisas entre ele e Mercy, e isso o impulsionava a seguir em frente.

Mas então fez exatamente o oposto, exibindo uma fachada sem charme e sem humor, o que não condizia com sua verdadeira personalidade. Não foi por ciúmes que agiu dessa forma; tampouco era uma desculpa o fato de estar cansado e de ainda não ter visto Black em seu clube, para informá-lo sobre o conhecimento limitado que havia adquirido. Frustrado, desejava se aproximar de Mercy, e não se afastar dela.

Agora as coisas estavam piores entre eles. Devia encontrá-la e acalmar as coisas. Mas, antes que pudesse ir em busca de sua noiva, Arabella correu até ele — Grant, Mercy está aborrecida, o que disse para ela?

Ele praguejou em silêncio — Aborrecida? Sinto muito por isso, Bella. Vou falar com ela para consertar as coisas.

A jovem colocou a mão no braço dele — Está feliz pelo casamento, não está, Grant?

— Estou. Porém, no momento, estou apenas um pouco cansado, viajei de York até aqui. Papai e vovô mandam lembranças.

Ela sorriu — Os dois estão bem?

Sua preocupação com o pai o incomodava, mas ele rapidamente a suprimiu.

— Sim, os dois estão muito bem.

Arabella se remexeu com o leque — Preciso confessar-lhe algo.

O olhar dele percorreu o salão de baile. Devia consertar as coisas, mas não conseguia localizar Mercy, em seu vestido de primula.

Quando a palavra *confessar* se infiltrou em sua mente, ficou tenso.

— Uma confissão? — olhou para Bella, um pouco preocupado e culpado. Andava muito ocupado ultimamente para cuidar dela.

— Percebo que não tenho cumprido minhas promessas e sido de pouca ajuda em seu debute, sinto muito, querida. Reconheço que diversos problemas surgiram em minha vida recentemente. No entanto, embora não sejam mais importantes do que é para mim, requereram muito do meu tempo e atenção. Mas devo ressaltar que estou completamente à sua disposição, caso esteja enfrentando algum tipo de problema.

— Não, Grant. É sobre o que aconteceu na noite em que fomos aos Jardins de Vauxhall.

Ele sorriu aliviado.

— Sim?

— Mercy me pediu para não contar, mas sinto que devo. Mesmo que seja tarde demais para...

Ele deu um sorriso encorajador e pegou sua mão, guiando-a para uma cadeira e sentando-se ao seu lado — Conte-me o que aconteceu, Bella.

— Mercy não tinha ido ver o Pavilhão Chinês, como disse. Não a culpe pela falsidade, Grant. Receio, mas ela estava me procurando.

Ele sabia que Mercy não estava no Pavilhão, pois acabara de vir de lá quando a encontrou sendo atacada. Acreditava, na época, que ela estava perseguindo um flerte que se tornou perigoso — Por que, onde estava?

— Aceitei o convite de um cavalheiro para dançar. Depois, passeamos pelo bosque. Foi precipitado da minha parte, porque nunca fomos apresentados. Talvez ele não fosse o tipo de homem que aprovaria, embora fosse muito respeitoso e...

Ele puxou a mão enluvada dela — E?

— Era só que ela se preocupou com a minha segurança. Quando não pôde me ver na pista de dança, pensou que eu tinha deixado o bosque. Seguiu um grupo de pessoas até a alameda. Foi quando foi abordada.

Então, ao ouvir isso, ele se sentiu extremamente feliz, embora já tivesse concluído que Mercy não era a garota ingênua que acreditava ser inicialmente. Frequentemente demonstrava bom senso e sabedoria consideráveis para alguém tão jovem, algo que talvez faltasse em sua irmã — Sua confissão me agrada, Bella. Espero sinceramente que tenha aprendido uma lição com essa experiência. O mundo em que está prestes a adentrar é perigoso e deve sempre contar a verdade para a tia Jane. Não tenha encontros secretos com pretendentes por trás das costas dela. Os homens podem ser excessivamente encantadores quando desejam algo, e uma jovem tão bonita assim, com um dote tão atraente, vai despertar a atenção deles. Promete que tomará mais cuidado?

Ela abaixou os cílios e assentiu — Prometo, Grant.

— Este incidente não muda nada, então, é melhor esquecermos.

— Mas se eu tivesse confessado antes, talvez não tivessem...

Ele a acariciou sob o queixo — Querida, não lhe ocorreu que algo maravilhoso poderia vir disso? — gostaria de poder se sentir tão confiante quanto conseguiu soar.

O rosto preocupado da jovem clareou — Ah, espero que sim.

Bella era uma jovem em sua primeira temporada e deveria sentir-se feliz e desfrutar do momento. Ele se levantou, pegando o braço dela e se aproximou — Já conheceu um cavalheiro que lhe agrade?

— Bem, tem o Lorde Graham, mas sinto que papai não o aprovaria, porque ele não tem fortuna. E tem o Sr. Kingsley...

Grant estava apenas parcialmente prestando atenção enquanto ouvia a conversa, uma vez que havia percebido que sua irmã não estava correndo o risco iminente de se apaixonar por um libertino. Reconheceu que deveria ser mais observador e não depender tanto de sua tia Jane. Afinal, nunca se perdoaria se a estreia social de sua irmã fosse arruinada devido à sua negligência — Eles estão anunciando uma dança campestre, tem um parceiro?

— Sim, eu tenho. — ela olhou em volta e Grant avistou um cavalheiro fazendo seu caminho determinado em direção a eles. Cumprimentou o honorável Sr. Fairview, um sujeito decente o suficiente, e assistiu enquanto eles partiam para a pista de dança.

Em seguida, procurou com os olhos a figura esguia em um vestido amarelo pálido, que esperava ver no meio dos dançarinos. Onde ela estava?



Risos e conversas pareciam aumentar e o lustre queimava calorosamente no alto. Mercy colocou a mão na sua testa dela — Mamãe, estou com dor de cabeça. Podemos ir embora em breve?

Sua mãe a puxou para o assento ao seu lado — Podemos, minha querida. Seu noivo ainda está fora, então não era necessário termos vindo esta noite.

— Northcliffe está aqui. Eu o vi mais cedo, quando dançava com Lorde Bellamy.

— Ele está? —sua mãe olhou em volta — Ah, sim, ali está ele, vindo em nossa direção. Certamente gostaria de passar algum tempo com seu noivo antes de irmos, sim?

Ela não tinha esse desejo — Sim, mamãe.

Sua mãe a olhou de forma cuidadosa — Está mesmo feliz em se casar com ele? Eu sei que perguntei várias vezes, e sempre pareceu ter certeza, mas eu me preocupo em como tudo aconteceu. — suspirou — Esse arranjo não foi de sua escolha, minha querida, e, embora Baxendale esteja muito satisfeito com a união, é você quem deve estar feliz, acima de tudo.

O visconde havia sido detido por um momento por um amigo. Enquanto isso, ela ponderava sobre a possibilidade de pedir ajuda à sua mãe para terminar o noivado com ele. No entanto, sabia que isso poderia desencadear a fúria de seu pai e a alegria maliciosa da *ton*. No entanto, considerando que sua reputação já estava manchada nas páginas dos escândalos, mais uma indiscrição pouco importaria.

Mercy levantou os olhos, depois de alisar as longas luvas brancas. Northcliffe curvou-se diante delas em seu traje noturno e seu olhar convincente a manteve imóvel. Mesmo visivelmente cansado, sua complexidade e seus segredos misteriosos apenas aumentavam seu fascínio. Ela sabia que existiam mulheres envolvidas, mas se recusava a mergulhar nesse tópicio delicado. Afinal, ele também era um homem excitante. Será que eles poderiam superar suas diferenças e cuidarem um do outro? Ela afastou esse pensamento, por um momento. Não queria ser apenas mais uma garota da família Baxendale. Se ao menos tentasse ir além das aparências, talvez encontrasse a felicidade que buscava.

— Lorde Northcliffe, fico feliz em vê-lo. — disse sua mãe, quando este se curvou sobre a mão dela — Espero que sua viagem tenha sido bem-sucedida.

— Foi, obrigado. Mas lamento por ter ficado longe por tanto tempo. — seu olhar castanho-claro fixou-se em sua noiva — Eu esperava dançar a valsa com Lady Mercy.

— O exercício pode clarear sua cabeça, minha querida. — disse sua mãe em voz baixa — Se não, iremos para casa, logo após o baile.

O lorde a carregou para a pista, assim que os primeiros acordes de uma valsa soaram.

— Peço desculpas pelo meu mau-humor, minha única desculpa é o cansaço. — inclinou a cabeça — Talvez eu não devesse ter vindo, mas esperava vê-la. E, agora que a tenho em meus braços, meu cansaço desapareceu. Sua beleza é uma panaceia para todos os males, Lady Mercy.

— Muito bem-dito, senhor. Lamento que tenha tido uma jornada tão cansativa. — olhou para cima em busca de um sinal de que ele estava falando sério, concentrando-se em sua mandíbula quadrada e lábios firmes. Ele realmente tinha a intenção de consertar as coisas entre eles? — O senhor não mencionou o motivo pelo qual foi chamado para longe.

— Não, foi o empreendimento em que estou envolvido.

Os cavaleiros não pareciam estar constantemente envolvidos em negócios. Ele não possuía propriedades para ocupar seu tempo, o que a levou a questionar o motivo de sua viagem para o norte. Caso estivesse relacionado à sua família, com certeza ele explicaria. Antes que pudesse fazer qualquer pergunta, este colocou a mão em suas costas, proporcionando um calor reconfortante e a deixando sem fôlego por um momento.

— Sinto muito que a jornada tenha me mantido longe por tantos dias. — disse em um tom rouco, enquanto a conduzia para uma rotação — Posso esperar que tenha sentido minha falta?

Mercy ergueu os olhos para os dele — Senti um pouco. — ficou surpresa ao admitir. Londres tinha sido um tédio sem ele para discutir.

Um sorriso apareceu nos cantos de sua boca — Um pouco? Isso é uma melhoria na indiferença, pelo menos.

O homem poderia ser muito atraente quando quisesse. Ela estava furiosamente zangada e chateada com ele, apenas alguns momentos atrás. Ele

presumiu que poderia simplesmente sorrir e se desculpar, fazendo com que tudo o que foi dito entre eles se dissipasse? Seria ela tão frívola que ele poderia ter esse tipo de poder sobre ela? Com um ar de determinação, apertou os lábios e tentou afastar de sua mente as palavras confiantes da viúva, que afirmava ter um relacionamento intenso e apaixonado com Northcliffe. Apesar dos pensamentos conflitantes que surgiram em sua mente, Mercy não pôde deixar de notar a elegância e a graciosidade dele. No entanto, quando finalmente se deitasse na cama e sua cabeça encontrasse o travesseiro, ela se daria conta de que a consciência de que ele não a amava, de que havia sido forçado a se casar com ela e a culpava por isso, iria lhe atormentar incessantemente. A incerteza de que talvez ele estivesse apaixonado por Lady Alethea também rondava seus pensamentos. Apesar disso, a jovem decidiu que, por enquanto, só queria aproveitar o momento. Convenceu-se de que aquele momento era sobre a valsa em si, uma dança emocionante, e não sobre ele.

— Para ser honesta, senhor, nunca fui indiferente ao senhor. — disse-lhe, quando conseguiu recuperar o fôlego, depois de uma curva rápida.

Ele riu — Talvez isso seja algo para ser desenvolvido?

— Espero que sim. — admitiu, com um sorriso relutante.

— Não pretendo deixar Londres novamente, antes de partirmos para Yorkshire. Espero que possamos passar um tempo juntos.

— Eu adoraria isso.

— Amanhã, então, um passeio de carruagem até Hyde Park? Se o tempo permitir.

— Isso parece muito agradável.

— Excelente. — inverteu-os ordenadamente em meio aos outros dançarinos — Visitarei às cinco horas.

Talvez surgisse um momento em que ela pudesse aplacar suas dúvidas, apesar de sua mãe tê-la advertido para nunca perguntar sobre amantes.

— Rezo para que nunca seja o seu caso, minha querida. Mas, se assim for, é algo que uma esposa deve aceitar com graça. — disse-lhe a matriarca, quando tentou fazer a pergunta. Mercy sabia que não podia compartilhar com ela sobre o ataque rancoroso de Lady Alethea. O mundo havia mudado desde a juventude de sua mãe. Embora suas irmãs estivessem visivelmente apaixonadas, a jovem Baxendale duvidava que levariam uma possível traição tão a sério quanto ela própria.

Capítulo doze

Embora tenha dito a Mercy que permaneceria em Londres, Grant seguiu para o sul ao amanhecer. Dirigiu seu curricle, puxado por um par de cavalos cinza, pela estrada de acesso, bem no interior do país. Apoiando a bota no estribo, bocejou. Depois de deixar o baile, na noite anterior, encontrou Black em seu clube e o informou sobre um veículo que foi ouvido passando por um vilarejo próximo, na noite da explosão. E como seguiu a trilha do sabotador mais ao sul, até chegar a um beco sem saída, nos arredores de York. Ninguém com quem conversou havia visto os ocupantes da carruagem. Desanimado com o fato de a busca ter sido interrompida, compartilhou vários conhaques com o Coronel, em sinal de comisseração.

Grant olhou para o dossel do céu azul sem nuvens, que indicava a chegada do verão. Sentindo-se desconfortável, abaixou o chapéu para proteger seus olhos do sol escaldante. Apesar de já estar cansado quando fez uma pausa anteriormente, agora lidava com uma dor de cabeça incômoda.

Ao meio-dia, parou na estalagem *The King's Head*, uma construção de tijolos vermelhos, de aparência respeitável, onde decidiu tomar um café da manhã tardio e descansar, permitindo que seus cavalos se refrescassem. Optando por não ficar em um quarto privado, ele se sentou entre os outros viajantes, enquanto apreciava sua refeição de presunto e ovos, acompanhada de uma caneca de cerveja.

Posteriormente, o estalajadeiro indicou a fazenda de propriedade de Thomas Melford, o homem que ele estava procurando. Com essas informações, Grant continuou sua jornada pelas ruas arborizadas, sentindo o calor da terra aquecida pelo sol e desfrutando do aroma das plantas que permeavam o ar. Comparada à agitação de Londres, a tranquilidade do ambiente, com apenas o som dos pássaros cantando e uma vaca pastando, era extremamente agradável.

Quando finalmente chegou ao portão de madeira da placa que indicava “Fazenda Melford”, dirigiu seu cabriolé para a entrada. O estalajadeiro havia falado muito bem de Thomas Melford, mencionando sua bravura como soldado e sua posição de destaque no exército de Wellington. Whitehall também havia dado o seu nome, assim como Scullen, nos Jardins de Vauxhall.

Grant encontrou-se diante de uma moradia simples, construída com casas de sapé, que apresentava persianas verdes e uma organização impecável dos edifícios agrícolas ao seu redor. Caminhos ordenados levavam aos vastos campos agricultáveis além da habitação. Ao bater na porta amarela, uma mulher prontamente atendeu à sua chamada. Seu cabelo escuro estava preso em um coque, de forma um tanto desarrumada, e ela trajava um avental sobre um vestido cinza. Enquanto segurava o bebê rechonchudo, cujo rosto estava manchado de comida, outra criança, com cabelos loiros, espreitava timidamente de trás das suas saias.

Seus olhos castanhos surpresos percorreram o casaco de viagem de várias camadas, as botas brilhantes e, em seguida, o cabriolé azul e os cavalos cinza inquietos na entrada — Posso ajudá-lo, senhor?

— Lorde Northcliffe, Sra. Melford. Espero ter uma palavrinha com seu marido. Ele está em casa?

— Melford está no celeiro. Por favor, entre. Pedirei a uma criada para buscá-lo. — ergueu uma mão suja de farinha para limpar os fios de cabelo em sua testa — Posso oferecer algo para comer e beber, milorde?

Grant sorriu — Obrigado, não é necessário. Acabei de ter uma excelente refeição no King's Head. — colocou o chapéu — Por favor, não incomode sua criada, a julgar pelos deliciosos aromas que estão vindo de sua cozinha. Irei sozinho até o celeiro.

Ela arregalou os olhos, incapaz de esconder sua curiosidade — Bem, se o senhor tem certeza.

— Tenho, obrigado.

Ele parou do lado de fora do celeiro, observando Melford com atenção. Este, um homem de porte avantajado e cabelos louros, aparentava ter cerca de trinta anos. Seus músculos robustos se destacavam através da camisa fina que usava, enquanto ele trabalhava incansavelmente, jogando esterco de cavalo em um carrinho de mão. O aroma pungente e fumegante pairava no ar, envolvendo o local. Assim que Melford percebeu a presença de Grant, imediatamente apoiou as mãos no cabo da pá e, franzindo a testa, dirigiu-lhe um olhar cauteloso — Posso ajudá-lo, senhor?

Grant percebeu que preferiria não estar do lado errado dele. Observando a determinação silenciosa em seus olhos azuis, estava convencido de que Melford seria capaz de se virar bem, independentemente de possuir ou não uma arma. Rapidamente, explicou sobre o concurso e mencionou que Scullen foi quem lhe deu o seu nome.

— Scullen, hein? Faz muito tempo desde que vi aquele desordeiro. — o nome de Scullen pareceu despertar uma memória em Melford, pois um sorriso leve apareceu em seus lábios. Era como se ele estivesse recordando velhos camaradas e uma faísca de interesse iluminou seus olhos — Eu certamente poderia usar o dinheiro, milorde. Ainda tenho a Baker. — virou-se e desapareceu no interior escuro do celeiro. Grant permaneceu à espera, mantendo a mão apoiada discretamente no bolso do seu casaco, no qual sua pistola estava guardada. Momentos depois, Melford retornou, carregando a arma e segurando-a de maneira despreocupada em uma das mãos.

Depois que lhe entregou o rifle, Grant passou as mãos pelo focinho da arma, examinando o fecho arredondado identificável com um engatilho em forma de pescoço de ganso — Ela está em ótimas condições. — o rifle estava em excelente forma, polido e lubrificado com cuidado e devoção.

— Sim, mas não sou o atirador que fui. Estou muito enferrujado, para ser honesto. Não tenho muito tempo para lazer. E eu não uso para caçar. — Melford sorriu amplamente, mostrando um conjunto de dentes brancos e

uniformes — Já atirou com uma Baker, milorde?

— Não, não tive essa experiência.

— Gostaria de ter?

Grant gostou da sensação da arma em suas mãos — Eu adoraria.

Melford, então, retornou com uma bolsa contendo balas e chifre de pólvora. Segurou o rifle com os joelhos, inserindo a bala no cano, usando uma vareta e batendo a pólvora com o chifre. Fechou a válvula e entregou a arma a Grant.

Em seguida, Melford pegou um pequeno pedaço de madeira do bloco de corte próximo ao celeiro e caminhou até uma cerca, a alguns metros de distância. Colocou a madeira no topo de um poste e retornou, preparado para a demonstração de tiro.

— Isso é muito perto. Vamos fazer um teste de verdade. — Grant apontou — E aquele poste mais distante?

Melford sorriu e foi substituir o bloco de madeira, colocando mais quarenta metros adiante.

— Terá que ser um bom atirador para acertar a essa distância, milorde. — disse ele, retornando.

Grant engatilhou a arma com destreza, posicionando-a cuidadosamente em seu ombro e direcionando seu olhar ao longo do cano. Sua respiração foi contida enquanto pressionava suavemente o gatilho. Um repentino estampido ecoou no ar, acompanhado da explosão da madeira em estilhaços. O tiro havia sido certo.

— Ora essa, milorde! O senhor certamente venceria seu próprio concurso, eu apostaria!

Com uma risada, Grant esclareceu: — Na verdade, não tenho intenção de participar do concurso. — no entanto, estava tão envolvido no estratagema, que ficou tentado a reconsiderar.

— Eu adoraria participar, mas minha esposa não ficaria nada satisfeita se eu me ausentasse por dias e deixasse a fazenda sob sua responsabilidade.

Devolvendo o rifle, Grant refletiu sobre o comentário: — Então, nunca deixa a fazenda?

— Apenas em ocasiões específicas, como para ir ao mercado ou à feira.

Esse homem, aparentemente decente, poderia estar envolvido em um assassinato à sangue-frio? Ele não podia tomar nada como garantido — Então não vou tentá-lo.

Melford mordeu o lábio, parecendo dividido — Se eu mudar de ideia, como poderia encontrá-lo, milorde?

Grant tirou o cartão de um bolso interno, o qual continha seu endereço em Londres — Pode me encontrar aqui. Mas me dê algumas semanas. Estou prestes a me casar.

— Permita-me oferecer meus parabéns. — disse Melford — Eu recomendo o estado, milorde.

— Vejo que sim, Melford. — disse Grant com uma risada — Lamento não

ter tempo para provar um pouco da comida da Sra. Melford.

O fazendeiro assentiu, seu olhar orgulhoso — Mary é uma boa cozinheira.

Às quatro horas, Grant já havia concluído a tarefa de limpar toda a poeira proveniente da viagem e tinha trocado de roupa, enquanto seu criado se empenhava em restaurar os danos causados às suas botas hessianas pela lama do campo. Ao chegar em Portman Place, entregou as rédeas do cavalo a um laçao, solicitando que cuidasse dos animais que, animados e agitados, estavam desfrutando de um descanso merecido. Em seguida, adentrou a esplêndida residência urbana dos Baxendale. A casa, com sua atmosfera luxuosa e requintada, convidava-o a apreciar um ambiente de excelência e conforto.

Mercy, ao aparecer vestida em um elegante vestido lilás, com a aba de seu chapéu forrado em seda rosa, despertou em seu futuro marido um sentimento intenso de admiração por sua pura beleza. Naquele momento, pensou em Melford e em como este aparentava estar feliz. Seria possível que esse futuro também fosse alcançado por ele? Ou estaria deixando-se levar demais pela poesia de Wordsworth? Certamente, ele não era um fazendeiro rústico, e Mercy nunca seria a esposa de um simples fazendeiro. Ela, afinal, era filha de um conde e sua elegância estava evidente em cada centímetro de seu ser. Mesmo assim, quando seus olhares se encontraram, a jovem ainda parecia desconfiada, e ele supôs que ela tinha razão; havia muitas coisas que ele não lhe poderia dizer.



— O senhor tem cavalos em Londres? — Mercy perguntou, enquanto Northcliffe conduzia a carruagem por uma movimentada via, a caminho do Hyde Park. Ele estava elegantemente vestido com um casaco verde-garrafa, um colete listrado dourado e branco e calças castanhas. Seu chapéu castor cobria seus cabelos escuros, enquanto seus dedos longos e relaxados seguravam as rédeas, apoiados em uma bota polida no estribo.

— Meus pares cinzas ficam em Mayfair, mas esses cavalos de alta linhagem pertencem ao meu pai. É meu agradável dever exercitá-los.

— Nunca conheci o conde socialmente. Ele não vem a Londres durante a temporada?

— Não com frequência, desde que sofreu um leve ataque de apoplexia. Seguindo o conselho de seu médico, renunciou ao parlamento, no entanto, ainda encontra maneiras de se envolver na política. Escreve comentários sobre contas para o *The Gazette*. A propriedade de meu pai, Summerfield Park, fica a apenas meio-dia de carruagem de Thornhill, e ele passa grande parte do tempo com meu avô. Eles são uma boa companhia um para o outro, especialmente porque compartilham uma obsessão pelo xadrez.

— Summerfield Park, pelo nome, parece ser um lugar encantador.

— É menor que Thornhill, mas é uma atraente casa de pedra, em um parque bem-ordenado.

— Por que prefere que vivamos com seu avô? — ela perguntou — O

senhor não se dá bem com seu pai, o conde?

O sorriso dos seus olhos desapareceu — Sim, mas passei a maior parte da minha infância com o meu avô. Acredito que a casa dele é mais adequada para nós, pelo menos por um tempo.

Ela viu as cortinas baixarem sobre os olhos dele e suspirou — Estou ansiosa para conhecer os dois. — gostariam dela? Ela, certamente, esperava que sim, pois, sem dúvida, passariam muito tempo na companhia um do outro.

— Eles estão ansiosos para conhecê-la. — olhou-a como se julgasse seus pensamentos.

Chegando ao parque, Grant decidiu acelerar a marcha de sua carruagem ao adentrar a *South Carriage Drive*, na qual o fluxo de carruagens havia diminuído consideravelmente, uma vez que o horário do passeio já havia iniciado. Habilmente, controlou seus cavalos, seguindo atrás de uma elegante carruagem barouche marrom. Esta, assim como as demais presentes na fila, eram alugadas e exibiam uma aparência distinta e chamativa, sendo que também era possível avistar phaetons de alta qualidade. Um detalhe marcante era a presença de dois lacaios trajando roupas marrons, posicionados na parte traseira da carruagem pertencente ao Lorde Peterson.

— Isso é estranho, ainda não são seis horas. — disse Grant, o humor aquecendo os olhos — Lorde Peterson declarou que nunca se aventuraria ao ar livre antes dessa hora. E, como pode ver, ele gosta muito de marrom.

— Então algo deve ter mudado a mente de Sua Senhoria, talvez uma dama? — ela e Northcliffe compartilharam um sorriso.

Amigos os cumprimentaram quando o tráfego finalmente avançou, ainda que de forma lenta, devido à presença de carruagens ocupadas por pessoas conversando com pedestres. Enquanto alguns cavaleiros desceram a Rotten Row em seus puros-sangues, outros preferiram caminhar em um trote tranquilo.

— Northcliffe! — um distinto senhor de cabelos vermelhos se destacou do grupo com o qual estava passeando e se aproximou rapidamente da carruagem do casal.

— Que bom vê-lo, Lorde Gunn. — Mercy estendeu a mão enluvada, que foi prontamente envolvida pela mão grande do cavaleiro.

— Lady Mercy, bela como uma pintura. Minhas felicitações. — sorriu — Devo parabenizá-lo, Northcliffe, por ter conquistado uma irmã Baxendale, algo que muitos cavaleiros invejavam. Tentei uma vez e falhei.

— Ouvi dizer que o senhor está com o pé no altar. — disse Northcliffe.

— Sou um homem de muita sorte, de fato. Lady Esmeralda Flaunton aceitou se tornar a minha esposa.

— Então, ofereço meus sinceros parabéns, meu amigo. — Northcliffe apertou a mão dele.

Gunn recuou para melhor examinar a carruagem — Gostei da sua carruagem esportiva. É nova, sim?

Durante um breve momento, conversaram sobre os méritos da carruagem

em comparação com o phaeton, e esta terminou com uma educada diferença de opinião. Mercy então expressou seu desejo de conhecer a noiva de Gunn e ele prontamente prometeu facilitar o encontro. Este, então, retornou para seu grupo.

— Foi da senhorita que Gunn se referiu? — Northcliffé percorreu seu corpo, desde o chapéu até as botas, e novamente repousou demoradamente em seu peito. Tal olhar causou um certo desconforto e inquietação nela, que, em seguida, recordou-se de como suas irmãs a chamavam de “peituda”. Embora ela se considerasse de estatura baixa para possuir tais curvas, a moda atualmente favorecia uma cintura mais definida, e a medição da sua cintura girava em torno de cinquenta centímetros, conforme informado pela sua costureira.

— Mercy?

Ela se assustou com a impaciência dele.

— Sim?

— Gunn disse que esperava se casar com uma irmã Baxendale.

O comentário sobre Gunn e sua expectativa de casamento com uma irmã Baxendale não fazia sentido para ela. Por que ele estaria interessado nisso? No entanto, Mercy não queria trair a confiança de sua irmã, Charity, revelando algo que a sociedade desconhecia — Por que deseja saber?

Devido ao congestionamento, eles estavam presos na carruagem. Ele aproveitou a oportunidade para se voltar em sua direção, deixando-a fascinada com sua postura imponente e físico ágil. Seu gesto gentil ao tocar um fio de cabelo solto em sua bochecha a fez estremecer por dentro — Se a senhorita se lembra, perguntei se havia outro cavalheiro com quem gostaria de se casar e me disse que não.

— Gunn nunca se interessou por mim, a ponto de pedir a minha mão.

— Qual irmã ele desejou desposar?

Ela suspirou e brincou com as luvas — Charity, mas ficaria grata se o senhor não falasse sobre isso com ninguém.

Ele franziu a testa e estalou as rédeas quando a carruagem à frente deles começou a se mover — Como se eu fosse. Precisa aprender a confiar em mim.

Pode-se dizer o mesmo a seu respeito. Ele não confiava nela o suficiente para compartilhar sua verdadeira natureza.

Northcliffé, habilmente, conduzia a carruagem por um estreito espaço que surgiu, quando a carruagem à frente parou na lateral. Enquanto Grant seguia com os cavalos pelo caminho, Mercy protegia o rosto do sol, inclinando o guarda-sol, ao mesmo tempo em que o observava atentamente. Ele podia não amar, no entanto, não era totalmente indiferente a ela. Ao perceber o desagrado dele em vê-la dançar com Bellamy, sua mãe expressou a opinião firme de que um homem indiferente em relação a uma dama não teria preocupação com quem ela dançava.

Seria possível que Northcliffé estivesse desenvolvendo sentimentos por ela? Ou ela estaria nutrindo esperanças irrealistas? Observava-o fixamente,

enquanto ele estava concentrado em seus cavalos, trotando em perfeita sincronia ao longo da avenida. Sua pele levemente bronzeada dava a impressão de que ele passava muito tempo ao ar livre, em contraste com tantos cavalheiros de pele pálida, que dormiam até tarde durante a temporada. Caso ele tenha realmente desenvolvido amor por ela, precisava confessar primeiro. Afinal, ela era orgulhosa.

Capítulo treze



— O senhor não me avisou do seu noivado, Northcliffe. — disse Alethea em um tom magoado — Tive que ouvir isso de Margery Wheatcroft, e ela se gabou positivamente.

Emboscou-o no corredor que levava às salas de recepção do Neville, onde mesas haviam sido montadas para os jogos de cartas.

Grant não tinha a intenção de buscar a aprovação de Alethea, algo que nunca tinha sido sua prática. Mesmo que ela tenha trazido escândalo sobre suas cabeças, por ser indiscreta, resistia em lembrá-la disso. Ainda, estava ciente de que Alethea havia sofrido outro insulto recentemente, quando um barão de grande riqueza a rejeitou. Estava ferida e ele sentia muito por isso — Deve continuar com sua vida, minha querida.

Ela fez bico — Mercy Baxendale é apenas uma garota, Northcliffe. Eu esperava mais do senhor.

— Alethea, não pretendo discutir isso.

Depois que Mercy chegou, desejava falar com ela, antes que os jogos de cartas começassem. Com delicadeza, colocou as mãos nos braços de sua amante e a afastou suavemente. Nesse momento, três jovens damas entraram no corredor que levava à entrada. Mercy, acompanhada de duas debutantes, ria de algo quando o avistou. Ele abaixou os braços assim que elas pararam, vendo Alethea se dirigir para a sala. Mercy, seguida pelas outras duas jovens, avançou em direção a ele.

— Boa noite, senhor. — afundou em uma reverência e suas companheiras seguiram seu exemplo, coradas nas bochechas e com os cílios abaixados.

— Boa noite. As senhoritas vão jogar cartas esta noite?

A morena, cujo nome ele não se lembrava, riu e respondeu: — Não tenho cabeça para cartas, senhor.

— Pode haver algo disponível para tentá-la, talvez algo valioso. — Grant fez uma reverência — Perdoe-me, eu prometi um jogo de faro. Procurarei sua companhia um pouco mais tarde, Lady Mercy.

— Aguardarei ansiosa por isso, senhor.

A expressão nos olhos de Mercy quando se despediu, não o abandonou. Era de mágoa, decepção, suspeita?

Suspirou. Não havia nada que pudesse dizer em sua defesa e, diabos, não tinha nada pelo que se desculpar. No entanto, o pensamento de que seu relacionamento com sua pretendida havia retrocedido o incomodava.



— Honor! — Mercy correu para os braços de sua meia-irmã.

Honor, que raramente visitava Londres, porque não gostava de deixar seu filho, Lucas, e a fazenda, veio para a cidade para acompanhar seu marido, Edward, que alcançou uma posição de destaque no ramo jurídico. Estava

elegante, com seu sofisticado vestido de seda magenta, enfeitado com detalhes em trança preta. Apesar de já ter trinta anos, Honor aparentava ser mais jovem. Respondeu ao abraço com carinho.

— Como está o pequeno Lucas?

A expressão de Honor suavizou — Ele é uma criança tão animada!

— Onde está Edward?

— Está conversando com um grupo de juristas. — sorriu e apertou as mãos de Mercy — Mas, olhe só! Nossa irmã, mais nova e indisciplinada, se tornou uma adorável debutante. Vim esta noite especialmente para prestigiá-la, visto que não nos falamos desde o seu noivado.

Mercy olhou nos olhos castanhos calmos de sua meia-irmã. Honor se tornou sua heroína quando triunfou sobre a adversidade e se casou com o homem que amava, mesmo diante da desaprovação de seu pai. Mercy sorriu — Está planejando empregar seus talentos com as cartas, esta noite?

Honor balançou a cabeça — Talvez uma partida de *whist*.

— Certamente Edward não se opõe.

— Não, mas não seria nada bom lembrar a todos do meu breve período como trapaceira nas cartas e do subsequente rumor. Odiaria envergonhar Edward, dado seu novo compromisso.

— Um conselheiro do rei. Não estou surpresa, pois é um advogado brilhante. Ouso dizer que isso o trará a Londres com mais frequência?

— Certamente. — Honor riu — Não pretendo permitir que meu belo marido passe muito tempo sozinho nesta cidade corrupta. Mas vamos falar a seu respeito! — pegou o braço de Mercy e a puxou para um sofá. O pequeno salão estava quase deserto — Estou muito feliz, querida. Já pensou que um dia se tornará uma duquesa? — franziu a testa — Mas sua carta não indicava que estava gloriosamente feliz com a união.

Mercy deu um sorriso trêmulo — Nossa união foi arranjada.

Os olhos de Honor se arregalaram — Eu suspeitava disso! Então, papai finalmente conseguiu arranjar um casamento que satisfaz os desejos dele, depois que suas quatro filhas se casaram por amor, apesar de seus esforços para o contrário.

— Honor, isso não é totalmente justo. Todas as nossas irmãs se casaram com os homens que amavam. E papai foi muito paciente e razoável com Charity.

— Isso é verdade. — disse Honor, a contragosto — Mas sempre suspeitei que ele estivesse envolvido no casamento de Charity com Robin.

Honor nem sempre se dava bem com o padrasto. Discordavam com frequência, antes dela se casar com Edward, que, na época, não correspondia às expectativas dele.

— E quanto ao seu noivo, que ainda não conheci, gosta dele?

Quando Honor a estudou cuidadosamente, Mercy sabia que poderia esconder pouco — Temo que ele acredite que eu o preendi em um casamento. E Honor, ele tem uma amante. — Mercy explicou tudo, terminando com uma

descrição de como a viúva a abordou em um baile e de como viu Northcliffe com Lady Alethea, alguns momentos atrás.

Honor fixou seu olhar intenso. Ponderou sobre suas palavras, antes de dar um leve tapinha em seu elegante *chignon*, ajeitando o cabelo escuro — Homens solteiros têm o direito de ter uma amante. E temo em dizer, mas casamento não parece um obstáculo para muitos outros.

Mercy ofegou — Honor!

— Não sabe se Northcliffe pretende manter este caso depois do casamento. Espero que não. O comportamento indiscreto de Lady Alethea é imperdoável. Eu não gostaria que seu casamento começasse com sua presença indesejável. Gostaria de confrontá-la e dizer-lhe o que penso. Mas isso seria tolice. Tem que ser mais esperta que ela.

Mercy inclinou a cabeça para esconder seu desânimo, enquanto imagens daquela mulher convidando Grant para sua cama passavam em sua cabeça.

— Como posso fazer isso?

— Esta mulher não se casará com Northcliffe e, sim, você! Essa é uma vantagem clara que tem sobre ela, e ela sabe disso. Talvez seja por isso que esteja assumindo esses riscos.

— Mas, depois que nos casarmos, Northcliffe tem em mente que eu viva em York com seu avô. Imagino que pretenda vir a Londres para vê-la. — disse, mordendo o lábio.

— Quando ele a deixar em York, certifique-se de que sua mente esteja cheia de pensamentos lascivos a seu respeito e não sobre ela.

Mercy arregalou os olhos — O que quer dizer, Honor? — levou as mãos às bochechas — Estou corando!

Honor riu — Quero dizer exatamente o que está pensando. Mamã explicou sobre esse lado do casamento?

— Ainda não. — olhou para a meia-irmã ansiosamente — E sempre me excluíram quando discutiam sobre a vida de casada.

— Mamã é sempre vaga sobre o assunto, de qualquer maneira.

Mercy olhou cautelosamente para os arredores. Enquanto permanecia no seu lugar, no outro lado da sala, observou atentamente a presença de um homem e uma mulher. No entanto, reconheceu prontamente que eles não estavam dentro do alcance da voz.

— Conte-me. Mesmo que meus ouvidos queimem, prometo ouvir.

— E se essa mulher continuar a confrontá-la, deve enfrentá-la! Homens não admiram mulheres fracas, Mercy. E você não é uma, e deve resistir a desempenhar esse papel.

— Meu Deus, Honor. — Mercy deu uma risadinha nervosa — O que Edward diria se ouvisse isso?

— Ele concordaria comigo. — Ela colocou a mão enluvada na bochecha quente de Mercy — Não estou pedindo que seja desonesta, nem que abandone seus princípios, mas não se afaste dele por causa dela. Entregue seu coração a ele, seja aberta e sincera em suas comunicações e seja uma esposa generosa e

apaixonada. — ergueu a mão — Mas, se ele for um homem mal e cruel contigo, deve me dizer e eu farei com que Edward lide com ele. E Vaughn também, que sabemos ser muito bom com as mãos.

Mercy riu nervosamente diante da imagem indesejada de Vaughn e Northcliffe enfrentando-se com punhos cerrados — Não acredito que Northcliffe seria deliberadamente cruel comigo. Mas conte-me rapidamente, antes que mamãe nos encontre.

Quando Honor terminou de descrever, em detalhes embaraçosos, o que acontecia dentro de quatro paredes, foram surpreendidas pela presença de um homem. Northcliffe estava vestido com roupas escuras formais. Espiando-as por um momento, atravessou o tapete carmesim e azul até se aproximar do sofá de damasco azul-escuro, onde as duas mulheres estavam sentadas.

Mercy, ainda com os ouvidos quentes pela informação que sua irmã acabara de compartilhar, levantou-se juntamente com Honor para cumprimentar o recém-chegado. Envergonhada, corou, assim que seus olhos pousaram nos lábios bem formados do homem e, então, teve dificuldade em encará-lo nos olhos. Engoliu em seco — Honor, gostaria de apresentá-la ao meu noivo, Lorde Northcliffe. Senhor, minha irmã, Lady Honor.

— Estou muito feliz em conhecê-lo finalmente, senhor. — disse Honor — Mercy tem exaltado suas qualidades.

Ele ergueu uma sobrancelha divertida e olhou para Mercy — Fico feliz e, devo confessar, um pouco curioso para saber quais qualidades minhas poderiam tê-la inspirado tanto.

Honor riu — Não acredito que lhe direi, senhor. Gostaria que conhecesse meu marido. Podemos voltar para o salão?

— Poderia nos dar licença por um momento, Lady Honor?

— Mas é claro. — com um sorriso, deixou a sala em um farfalhar de saias de seda.

Northcliffe sentou-se ao lado de Mercy. Descansando um braço no encosto do sofá, ele a encarou — Está gostando da festa?

— Estou, agora que minha irmã chegou. — respondeu, brincando com as luvas. Sua fisicalidade e seu aroma masculino sempre a afetaram. Ele mencionaria o episódio no corredor?

— Eu queria dizer que Arabella confessou para mim sobre o que aconteceu nos Jardins de Vauxhall.

Surpresa, Mercy olhou para ele — Não era necessário. Espero que não tenha sido muito duro com ela.

Ele se recostou no sofá e a estudou — Não fui, a senhorita acredita que eu seja um controlador?

— É claro que não. — sorriu — Fico feliz que saiba a verdade. O que me preocupou foi o senhor pensar mal de mim.

Um interesse despertou em seus olhos castanhos — Por que eu faria isso?

— O senhor pode ter pensado que eu... — tropeçou nas palavras — planejei enganá-lo.

— Mercy, — pegou sua mão, com um aperto firme — nunca, nem por um momento, pensei nisso. A senhorita é bonita demais para ter que recorrer a essas artimanhas.

Essa era a sua tentativa de apaziguá-la, depois de ser pego com sua amante? Pensou e inclinou a cabeça — O senhor ficou furioso comigo na época.

— Sim, porque pensei que tivesse se colocado em grave perigo.

— O senhor achou que fui irresponsável, uma jovem tola.

Ele riu e apertou a mão dela — Eu não a conhecia na época. Mercy, por favor, não vamos brigar. Apenas estou contando isso porque esperava melhorar as coisas entre nós.

Um brilho quente fluiu através dela, apesar de suas dúvidas. Céus! Por que era tão suscetível ao charme dele? Parecia ansiar por cada migalha que ele jogava para ela. — Então, fico feliz.

— Em menos de um mês, estaremos casados. Se não é amor que sentimos, que haja pelo menos algum afeto entre nós.

Seu coração se revirou de decepção. Retirou a mão — Isso parece... sensato.

— Bom. — levantou-se e ofereceu-lhe o braço — Vamos nos juntar aos outros. Gostei muito da sua irmã e estou ansioso para conhecer Lorde Edward.

Capítulo quatorze



A mansão alugada pelo pai de Mercy, para a estadia da família em York, era um imponente edifício de três andares, construído no estilo do século anterior. Localizada em uma ampla praça de paralelepípedos, no coração da cidade, a mansão se destacava pela sua elegância e presença. Todas as pousadas e hotéis respeitáveis da cidade já estavam reservados, pois receberiam os convidados, que compareceriam à cerimônia de casamento, no sábado pela manhã.

Com a chegada da família, uma semana antes do grande dia, veio também um considerável séquito de criados provenientes de Londres. A casa, então, tornou-se um frenesi de atividades, com os preparativos em andamento para receber a recepção do casamento.

A irmã mais velha de Mercy, Faith, e seu marido, Vaughn, com seus gêmeos, chegaram na mesma tarde que Honor e Edward, juntamente com seu filho, Lucas. No entanto, o grupo não estava sozinho, pois também vieram suas babás e seus criados, que ocuparam todo o andar do sótão. Essa chegada simultânea exigiu uma grande reorganização por parte da mãe de Mercy e da governanta, a fim de acomodar a todos adequadamente.

Também veio a tia Christabel, irmã do seu pai, de Northumberland, acompanhada por Robin e Charity, além de vários criados. Sua mãe expressou preocupação com o fato de Robin poder se ofender com o quarto modesto que lhe fora atribuído, mas ele prontamente a tranquilizou, enfatizando o quanto preferia o ambiente familiar em vez de um hotel.

Durante o jantar, organizado para Grant conhecer o restante da família, seu pai compareceu acompanhado de Arabella, que havia retornado para casa, em virtude do casamento. O conde de Montrose, conhecido por sua alta estatura e seus ombros largos, não aparentava grande robustez. Dotado de maneiras impecáveis, como era de se esperar, Mercy percebeu nele uma certa rigidez e formalidade. Em verdade, ela não conseguia imaginá-lo como alguém que pudesse abraçar de forma espontânea, como fazia com seu pai. Contudo, talvez essa percepção mudasse, à medida que eles se familiarizassem mais um com o outro. Mercy desejava ardentemente que sua nova família a acolhesse bem, pois se sentiria extremamente solitária quando Grant estivesse fora, conforme já havia mencionado que estaria, em alguns momentos.

Mercy não conhecia os destinos das viagens mencionadas, e o assunto dela o acompanhar não havia surgido. Tentou não suspeitar que Lady Alethea estivesse envolvida nessas viagens, entretanto, diante da recusa dele em fornecer uma explicação, sua imaginação tomou conta da situação, gerando grande preocupação.



Após o jantar, enquanto o pai e o conde debatiam política e desfrutavam de

vinho do Porto, na sala de jantar, Robin e Vaughn divertiram a todos com um jogo de charadas na sala de estar. Logo em seguida, Arabella foi obrigada a se defender de várias acusações leves de trapaça, durante uma partida de *spillikins*.

Terminando o jogo de assobio, Northcliffe sentou-se ao lado de Mercy, no sofá. Conversaram baixinho, enquanto um jogo de rimas causava tumulto no ambiente — Eu adoraria ter crescido com muito mais irmãos. — disse Grant — Estou bastante encantado com sua família.

— O conde parece um homem quieto e sério.

— Acredito que problemas de saúde o tornaram assim. Ele era coríntio quando jovem. Excelente no esporte, já até fez a corrida de Londres a Brighton em quatro horas. Daí o apelido, Lorde Dashalong.

Ela ergueu as sobrancelhas, um sorriso puxando seus lábios.

— Como o filho dele?

Grant ergueu a sobrancelha — A senhorita acha que sou assim?

— Eu acredito que sim.

Sua boca se contorceu ironicamente — Não sou mais movido por esses desejos, Mercy.

Então, se ele não era, por que ela pensou isso? O visconde era um homem tão difícil de entender. Era como um dos peixes pegajosos que seu pai pescava, tinha a rede dela para ele no rio — O senhor, com certeza, vai gostar da minha irmã que não pôde vir, Hope, e do marido dela, Daniel. — mudou de assunto, antes de ficar tentada a provocá-lo com perguntas. Agora não era o momento — Pensamos muito neles, enquanto aguardam a chegada de seu primogênito, na França.

— Um momento difícil para sua mãe, particularmente. — levantou-se — Se a senhorita me der licença, vejo que Lady Faith espera. Estamos indo para o berçário para ver os gêmeos enquanto eles ainda estão dormindo. Então, devo me despedir, pois meu pai está ficando cansado.

Ela sorriu — Vou subir com o senhor. Adoro ver os gêmeos dormindo, todos angelicais. Quando Thomas está acordado, a impressão logo desaparece, mas Grace é uma criança doce e quieta.

Grant gostava tanto de crianças que fez o pedido? Era mais provável que o convite tivesse vindo de sua irmã orgulhosa, que acreditava que todos achariam sua prole infinitamente fascinante.

Mais tarde, quando Mercy se deitou na cama e refletiu sobre a noite, teve que reconhecer que Grant tinha sido o noivo perfeito. Encantou sua mãe, agradou seu pai e se deu extremamente bem com todos os outros membros da família. Parecia que sempre tinha pertencido àquela casa. Suspirou tristemente ao vê-lo partir, admitindo que estava sentindo sua falta. No entanto, seus pensamentos foram interrompidos quando se lembrou da descrição excitante que Honor havia dado sobre o que acontecia entre um marido e uma esposa. Agora, ela não conseguiria dormir!



Na manhã seguinte, acordou cedo para o seu compromisso em Thornhill, com o avô de Grant, o duque de Rotherham. Com o objetivo de causar boa impressão, escolheu cuidadosamente um dos seus novos vestidos matinais, feito de musselina listrada branca com um delicado padrão floral em tons de rosa pastel e cinza pálido. Mercy gostava especialmente da saia recolhida, que era decorada com babados e drapeados na bainha. Devido ao frio do dia, adicionou à sua vestimenta uma capa de lã vermelha opaca e um gorro adornado com um laço vermelho combinando. Olhando-se no espelho, sentiu-se bem o suficiente, o que lhe trouxe a confiança necessária para enfrentar o dia. No entanto, ainda não havia abordado a questão de seu cachorro Wolf, que estava definhando em Tunbridge Wells, à sua espera. Além disso, precisava explicar a Grant que tinha o desejo de finalizar seu manuscrito e continuar produzindo suas loções. Apenas de pensar nisso, sentiu um endurecimento por dentro, pois temia que o lorde não levasse seus planos a sério.

Após a névoa da manhã se dissipar pelas árvores, o céu ficou azul-celeste. Grant, habilmente, conduziu o phaeton por uma estrada rural, cercada por sebes floridas. O aroma doce que permeava o ar envolvia a atmosfera — Yorkshire é linda na primavera. — observou, admirando sua experiência com as rédeas.

— Eu andava pelos vales, quando era menino. Via-o como um ótimo lugar para aventuras. Só agora valorizo sua verdadeira beleza.

— A poesia de Wordsworth encapsula isso perfeitamente.

Ele sorriu — A senhorita vai me entreter com um poema?

Ela riu — Não se preocupe.

— O vermelho lhe cai muito bem. Mulheres solteiras tendem a se vestir em cores menos expressivas. Como esposa, desejo que use o que lhe agrada. — olhou para ela — Espero que isso seja agradável.

— Ainda é preciso aderir à moda ou enfrentar críticas severas. Não tenho certeza se gosto das mangas bufantes que estão se tornando populares. Elas parecem muito melhores em Charity do que em mim.

— Acredito que tem seus próprios encantos, Mercy. — observou-a mais uma vez, como fizera naquele dia, no Hyde Park, com um olhar intenso que a fez estremecer — De uma variedade infinita. — acrescentou com ênfase gentil.

Ela o examinou minuciosamente, absorvendo cada detalhe de sua aparência encantadoramente demoníaca e sua aura de autoconfiança. Era difícil para ela abordar o assunto de Wolf, mas estava decidida a trazer todas as suas preocupações à tona, hoje, pois aquele era o último dia que passariam juntos, antes de se tornarem marido e mulher. Limpou a garganta — Northcliffe, ainda não conheceu o meu cachorro. Mandarei buscar Wolf após o casamento.

Ele apertou as rédeas quando a carruagem se aproximou de uma curva acentuada.

— Prefiro que me chame pelo meu nome quando estivermos sozinhos.

— Muito bem. Mas ainda não disse se se opõe ao meu cachorro.

Grant arqueou as sobrancelhas — Gosto de cachorros. Tive alguns quando era menino. Toby foi o meu último, um caçador de coelho de primeira linha, que morreu de velhice. Meu avô tem spaniels e o meu pai um galgo, chamado Rufus.

— Então talvez seu avô não se importe com Wolf. Ele prefere ficar dentro de casa.

— Ele prefere mesmo? — ergueu uma sobrancelha — Um cão doméstico chamado Wolf?

Mercy sorriu e encolheu os ombros. Ela se perguntava como ele reagiria à presença de Wolf, ele presumiu que ele fosse apenas um cão de raça pequena? O casamento teria que ser cancelado caso ele rejeitasse seu único desejo. Ela não se importaria com o que seu pai dissesse — Então, realmente não se importa?

— Bem, contanto que ele seja adestrado e não durma no quarto, essa é a minha única linha de limite.

Mercy se perguntou se eles dividiriam um quarto, isso parecia improvável em uma imponente mansão como aquela.

Esse não era um costume comum na *ton*. Seus pais tinham aposentos separados, assim como sua irmã Charity e seu marido Robin, embora ela duvidasse de que eles realmente dormiam separados, dada a intensidade de seu amor. Enquanto discutiam o assunto, ela observava as mãos de Grant segurando as rédeas, suas palavras ecoando em sua mente.

— Wolf é bem treinado e acredito que uma cama perto do fogo da cozinha seja o suficiente para ele. — afundou de volta no assento, aliviada por ter tirado isso do peito.

Ele riu — Wolf gosta de gatos? Há vários ratos vivendo na parte inferior do casarão.

— Wolf é muito sociável com os gatos. — no entanto, a situação era diferente com os pássaros e esquilos. Apesar de conseguirem sempre enganar o cachorro, ela considerou mais sensato não mencionar esse fato. Wolf apreciava companhia e ela se questionava se ele seria autorizado a se juntar a eles na sala de estar. Embora tentada a conseguir uma promessa de Grant, Mercy sabia que não seria honesto, já que ele ainda não tinha conhecido seu cachorro. Em vez disso, apenas sorriu e recordou-se do conselho de Honor, embora não gostasse de ter que pedir permissão para cada pequena coisa. Além disso, não se sentia confiante em sua capacidade de ser sempre tão solícita.

— Obrigada, Grant.

Os olhos castanhos dele brilharam de satisfação — Gosto de ouvir meu nome em seus lábios. — seu sorriso, radiante como o sol, destacou-se contra sua pele cor de oliva — Aqui estamos. — conduziu os cavalos com habilidade até os imponentes portões, onde foram recebidos por um atencioso porteiro, que sorriu e fez uma reverência quando seu mestre passou.

A luxuosa mansão, que parecia se estender por mais de um quilômetro, era imponente em sua grandiosidade. Ao se aproximarem, um par de lacaios robustos, uniformizados de verde e dourado, se dirigiu até eles. Grant, com sua costureira cordialidade, cumprimentou cada um dos dois pelo nome, entregou as rédeas ao primeiro e segurou o braço de Mercy. Juntos, atravessaram a varanda revestida de um elegante piso de mosaico, entrando pelo pórtico frontal, sustentado por seis colunas maciças. O mordomo, sempre diligente, aguardava na entrada principal, que era adornada com uma janela semicircular. Vestido de preto impecável, o mordomo remetia-lhe a imagem de um corvo imponente. No entanto, a tenacidade em seu rosto se amenizava com um acolhedor sorriso, ao receber a apresentação de Grant.

Ellison fez uma reverência — Como vai, milady? Milorde, o duque está na sala de estar.

A longa sala de estar tinha um ambiente envolvente, permeado pelos agradáveis aromas de flores frescas, cera de abelha, fumaça, lã envelhecida e até mesmo um discreto cheiro de cachorro úmido. Ao entrar, Mercy sentiu seus sentidos sendo sobrecarregados por esse conjunto de elementos, mas não se deixou distrair. Avançou cautelosamente pela sala, tentando absorver cada detalhe, deixando-se inundar por recordações e pela imponência dos enormes retratos de família emoldurados em ouro. Entre eles, percebeu a presença de um quadro que poderia ser uma obra de Van Dyke. No mesmo instante, pensou em como sua irmã, Charity, adoraria vê-los. Aquele cômodo parecia hipnotizá-la, e ela sabia que poderia passar horas ali, examinando cada detalhe interessante. Cada uma das paredes distantes era adornada por uma elegante lareira de estilo Adão, conferindo um ar ainda mais imponente ao aposento.

— Vovô, tenho o prazer de apresentar minha noiva, Lady Mercy.

Ela ficou profundamente impressionada com o cômodo e se assustou quando um cavalheiro de aspecto austero e intrigante se ergueu de sua cadeira e, com total elegância, colocou uma mão em sua bengala, fazendo uma reverência cortês.

Ela correu até ele e curvou-se em uma profunda reverência, antes que suas pernas frágeis cedessem.

— É uma honra conhecê-lo, Vossa Graça.

Ele pegou a mão dela e a levou aos lábios. Seus olhos castanhos desbotados tinham um brilho surpreendentemente jovem — Então, esta é sua noiva, meu menino. Seja bem-vinda a Thornhill, minha querida. Eu não esperava ter o prazer de receber a esposa do meu neto nesta casa. — virou-se para Grant, colocando um braço em volta de seus ombros — Boas notícias, de fato.

Grant demonstrou um gesto de afeto genuíno ao abraçar seu avô, evidenciando claramente o carinho e respeito que possuía por ele. Essa atitude revelou um aspecto diferente da personalidade dele, até então desconhecido por ela. Ao tratar o pai de forma mais formal e distante, o seu comportamento mantinha-se reservado, mesmo que respeitoso.

— Sente-se, sente-se. — o duque insistiu, sentando-se na cadeira e

colocando a bengala ao lado — Bem, Grant, escolheu bem a sua esposa, devo dizer. — os seus olhos se fixaram nela com um brilho — Seu pai e eu somos velhos amigos, Lady Mercy, embora eu não o veja há alguns anos. Costumávamos jogar um excelente jogo de xadrez, quando pertencíamos ao mesmo clube, em Londres. Ele ainda tem que me vencer, devo lembrá-lo disso. — riu — Joga xadrez, minha querida?

— Não o suficiente para jogar com o senhor, Vossa Graça.

— Veremos. — sorriu — Já pedi para trazerem chá. Tenho certeza de que a senhorita está com muita sede depois da viagem.

— Tomarei um copo de uísque. — disse Grant — Vovô?

Quando seu avô recusou, Grant caminhou até o aparador, sua superfície polida coberta de garrafas e copos de cristal.

Um laçao trouxe, com a permissão do duque, um par de spaniels de pelagem preta e branca, que foram admitidos na sala. Com vivacidade, eles percorreram o tapete produzindo sons, até encontrarem seu lugar, aos pés do duque. O pequeno fogo queimava na grade, proporcionando um ambiente acolhedor.

Mercy pulou — Oh, eles são adoráveis. — Ela caiu de joelhos para dar um tapinha em seus pelos sedosos e úmidos. Seus olhos escuros a observaram com interesse — Quais são os nomes deles, Vossa Graça?

O duque lançou um olhar afetuosamente para eles — O maior chama-se Jasper, o outro é Julian. Acabaram de tomar banho, pois, durante a caminhada desta manhã, se sujaram na lama.

— Eu também tenho um cachorro, Vossa Graça. — disse, hesitante. Enquanto se sentava no sofá verde, perguntou-se o que ele acharia de Wolf.

— Tem, minha querida? Fico feliz que goste de cães, nem todo mundo gosta. — virou-se para Grant — Quais são as notícias? Alguma novidade sobre o caso de Haighton?

Grant sentou-se ao lado de Mercy, com um copo de cristal de líquido dourado na mão — Não, vovô. Visitei Jenny, mas ela não sabe o que fazer. Acha difícil continuar sozinha.

— Imagino que sim, pobre mulher.

— Sir Ewan Snowdon a tem aconselhado. Ele é o vizinho mais próximo.

— Acredito que sim.

— Conhece-o bem?

— Não posso dizer que sim. Conheço-o socialmente, é claro. Indivíduo ostentoso. — piscou para Mercy — Fez fortuna nas Índias Ocidentais.

— Açúcar, não foi?

— Sim. O futuro não parece tão promissor na Jamaica, assim como a situação financeira geral do nosso país. No entanto, podemos considerar que Snowdon possui uma perspicácia para os negócios, o que poderia ser vantajoso para a condessa. No entanto, ela já possui uma equipe de funcionários e advogados excepcionais, os quais estão disponíveis para auxiliá-la em suas necessidades.

— Pelo que entendi, Snowdon não deu muita importância aos funcionários de Nat. Ele a aconselhou a substituir alguns deles.

— Não posso dizer que concordo com isso. Ele tinha funcionários de alto nível trabalhando para ele.

— Foi o que pensei.

Seu avô franziu a testa — Certamente ela ainda tem seu mordomo? Ele era inestimável em cuidar dos inquilinos.

Grant tomou um gole da bebida — Não sei. Imagino que sim.

O astuto olhar castanho do duque se fixou em Mercy — Não devemos incomodar Lady Mercy, pois ela não tem conhecimento de quem estamos falando. Espero que esteja satisfeita por passar algum tempo nesta residência, minha querida. Não posso expressar o quanto isso me agrada. Gosto de estar cercado por jovens, e Arabella raramente nos visita, agora que está em Londres para a temporada. Os pretendentes certamente irão se formar em fila para cortejar sua mão em casamento. Sua tia Jane está realizando um trabalho excepcional, auxiliando-a em sua estreia social, não é mesmo, Grant?

— Sim, está. Ficarei de olho em Bella, sempre que estiver em Londres, vovô. Gostaria de poder fazer mais. Pedi à tia Jane que me mantivesse a par das novidades, assim como papai. Bella prometeu escrever com frequência.

Mercy ficou feliz por Grant não ter mencionado o lapso de etiqueta de Arabella ao avô. Sua lealdade à irmã era admirável.

— Será um prazer ficar aqui, Vossa Graça. — disse Mercy — Thornhill é uma casa muito bonita, e o parque é magnífico.

— É muito gratificante ter alguém que aprecia isso. Essas pernas cansadas já não me levam para muito longe, hoje em dia. Além disso, não costumo dar festas. Possuímos um estábulo de excelente qualidade. A senhorita monta?

— Sim, monto. Adoraria visitar os estábulos.

— Grant pode acompanhá-la após o chá. — sorriu — Vai me dar um momento ou dois para descansar os ossos, antes do jantar.

Dois lacaios entraram na sala, levando bandejas imponentes, que carregavam um serviço de prata e porcelana delicada, adornado com um brasão de ouro. Com habilidade, descarregaram as bandejas sobre uma mesa de nogueira baixa, estrategicamente posicionada ao lado de Mercy.

Com destreza, esta despejou a bebida do bule de prata em xícaras finas e serviu os homens com a gentileza e atenção de uma anfitriã habilidosa. Surpreendentemente, enquanto realizava essas ações, sentiu uma mudança sutil em si mesma. Era como se o destino já tivesse alterado seu caminho, passando de uma jovem incerta sobre seu futuro para uma mulher cuja trajetória já estava sendo traçada.

Embora pudesse ser motivo de preocupação renunciar à sua independência, naquele momento, Mercy achou prazeroso sentar-se em companhia daqueles dois homens encantadores e interessantes.

Olhou para Grant, que havia dado uma mordida generosa em um sanduíche, enquanto rezava para que eles pudessem encontrar a felicidade

juntos. Considerou seguir o conselho de Honor e se esforçar para ser vivaz e interessante o suficiente, para fazê-lo esquecer Lady Alethea. No entanto, estava cheia de dúvidas e entendia que, no final das contas, só poderia ser ela mesma.

Após desfrutarem de um chá suntuoso, com sanduíches de presunto, bolinhos de manteiga com mel escorrendo e bolo de ameixa, Grant a acompanhou, pelo terreno, até os estábulos.

— Devo montar todos os dias, caso contrário, engordarei com a comida servida aqui. Foi impossível resistir ao bolo de ameixa.

— Leve um cavaliário enquanto eu estiver fora e, por favor, fique dentro da propriedade. — um magnífico cavalo castanho relinchou e enfiou a cabeça por cima da cocheira. Grant acariciou o pescoço do animal — Este é o meu cavalo, Ares. Johnson escolherá uma montaria adequada para a senhorita.

— Eu dificilmente precisaria ir além da propriedade. — disse, com um sorriso — Acredito que alguns milhares de acres serão suficientes para me satisfazer.

— Mesmo assim, leve Johnson. Ele lhe mostrará as melhores trilhas. É muito fácil se perder aqui. — recostou-se na parede do estábulo e a estudou com seus olhos claros e observadores — Promete?

— Por Deus, o senhor está tão sério. — disse, acenando com uma mão — Olhe para este lugar glorioso, é o paraíso na terra.

— Para mim, é. — inclinou-se em direção a ela e acariciou a sua bochecha com um dedo — Espero que também seja feliz aqui.

A voz dele, suave e rouca, provocou uma sensação de desejo, que percorreu todo o corpo dela. Ao sentir o toque do dedo dele em seu pescoço, um arrepio percorreu sua pele. Surgiu, então, a dúvida se ele a beijaria, o que a deixou nervosa quando o olhar dele vagou pelo seu rosto. Consciente da importância de deixar suas intenções claras antes do casamento, ela temia que a situação comesse de forma inadequada. Nesse momento, sua atenção foi direcionada ao telhado de uma pequena construção, que se destacava entre as árvores.

— Eu já amo a casa e o duque é um querido. O que é aquela cabana que posso ver à distância?

Ele abaixou a mão e se virou — Onde?

Apontou — Ali.

— Apenas uma cabana de armazenamento. Por que o interesse? — deu-lhe um de seus olhares críticos, mas ela não seria desviada de seu propósito.

— Porque eu preciso de uma.

— Mas por que, diachos, a senhorita iria precisar de uma cabana?

— Eu posso explicar melhor quando a vermos.

Ele olhou para ela, confuso — O caminho é mais curto se passarmos pelas hortas. A cozinheira mantém algumas aves lá e os jardineiros a usam para armazenar algumas de suas ferramentas.

— Podemos ir lá agora?

Ele balançou a cabeça e pegou o braço dela — Vamos. A senhorita é

insondável às vezes, Mercy.



Prosseguiram contornando a mansão imponente, percorrendo as imaculadas hortas. Suas passadas ecoaram em um caminho de cascalho, cuidadosamente disposto, levando-os até uma discreta barraca de olmos. Grant sentiu-se tentado a questioná-la, mas uma sensação de desconfiança o incitou a não o fazer. No dia do noivado, quando finalmente a beijou, percebeu que ela estava longe de compartilhar seu entusiasmo. Ela demonstrava uma indiferença incomum para alguém em sua posição, o que o levou a agir com cautela. Talvez fosse mais sensato esperar. No entanto, a cada encontro com Mercy, sua impaciência crescia. Quanto mais tempo passava com ela, mais intenso era seu desejo de tê-la para si e desvendar os segredos de sua mente, além de seu corpo. Grant ansiava pelo dia em que ela finalmente confiaria nele.

Não encorajou a confiança dela e percebeu que essa pequena dama tinha uma mente própria. Consciente de que o início conturbado do casamento podia ser desastroso, mesmo que ele fosse capaz de abandonar a investigação, ele não poderia ignorar o sofrimento de Jenny Highton. Nat esperaria a ajuda dele.

Juntos, emergiram das árvores e caminharam até uma clareira, atravessando um portão de madeira. No centro desse pequeno terreno, cercado por um galinheiro e um lago, encontrava-se uma modesta casa de pedra do campo, com um telhado coberto de líquen. Além da casa, podia-se avistar a borda da floresta e uma estrada que se conectava com a propriedade central. Grant segurou a mão de Mercy e a guiou para o interior da casa sombreada, impregnada com o aroma de terra compactada, feno e sacos de ração. Feixes de luz solar criavam um ambiente de poeira dançante sobre o piso de terra. As ferramentas estavam organizadas em pilhas, ao longo de uma parede, enquanto uma prateleira na altura da cintura continha uma variedade de equipamentos utilizados pelos jardineiros.

Mercy se moveu, examinando o espaço com uma expressão absorta que o interior humilde dificilmente merecia — O que está procurando? — ele perguntou, finalmente perdendo a paciência.

— Um lugar para trabalhar. — disse-lhe, com notável desenvoltura.

Grant arqueou as sobrancelhas — Trabalhar? — sabia do desejo dela por algum negócio ou outro. Aparentemente, ela não havia abandonado a ideia — A senhorita está escrevendo um livro, não é mesmo? Por que precisaria de uma cabana?

Ela o olhou, um olhar levemente ansioso em seus lindos olhos azuis. Esse olhar sozinho aqueceu diferentes partes de seu corpo. Ciente de que estavam sozinhos, ele olhou para uma pilha de feno com aroma adocicado e sorriu.

— Preciso de um lugar para meus experimentos.

Ele sentiu seu sorriso sumir — Experimentos?

A jovem franziu a testa — Acredito que contei sobre minhas loções para a pele. Meus suprimentos serão enviados, com Wolf, depois do casamento.

Ele cruzou os braços e todos os pensamentos de sedução, por mais improváveis que fossem, desapareceram — Não pode trabalhar aqui, Mercy. Não é seguro.

— Não é seguro? — seus olhos se arregalaram — O que devo temer, as galinhas?

— Não vou deixá-la aqui sozinha, por horas.

Ela arqueou as sobrancelhas delicadas — O senhor ainda não explicou por que não é seguro.

— E se sofrer um acidente?

Ela corou e tocou a cicatriz do tamanho de uma covinha no queixo — Eu tomo mais cuidado, agora.

— Então não tomou no passado. — afirmou categoricamente, aproveitando a oportunidade para defender seu ponto de vista. Colocou um dedo gentil no local perto do lábio inferior carnudo dela — Isso foi o resultado de um desses acidentes?

Mercy se afastou dele e examinou uma prateleira empoeirada — Sim. Cera de vela explodiu.

— Então, se queimar a cabana contigo dentro, eu não devo me preocupar?

— Não preciso mais de velas. Adquiri um pequeno fogão a querosene, que é perfeitamente seguro.

Sua boca se contorceu ironicamente — Então pretende preencher este espaço com garrafas, algumas das quais provavelmente contêm líquidos inflamáveis.

Não suportava tê-la exposta a qualquer tipo de perigo enquanto não estivesse por perto. Mesmo aqui, na propriedade de seu avô, era possível que algum canalha mal-intencionado atacasse sua família, para impedir a investigação de seus crimes. Foi por isso que escolheu trazê-la para morar aqui, em vez de Londres, e providenciou para que o casamento ocorresse sem demora. Uma noiva era tão vulnerável quanto uma esposa, se não mais. Simplesmente não podia permitir isso.

— Devo insistir que não. — assim que disse as palavras naquele tom acentuado, viu que lidou mal com a situação, pois os lábios dela mostraram resistência.

— Não gosto de receber ordens como se eu fosse uma criada. Não estou tão desamparada que não possa passar algumas horas sozinha, longe de casa.

— Não estou sendo irracional, Mercy. Tenho uma boa causa. Pediria que confiasse em mim. — já havia pedido isso a ela antes, e temia que não parecesse mais convincente agora.

Com uma carranca desconfiada, ela colocou as mãos nos quadris — O senhor me pede para confiar, mas nunca explicou suas ações! O senhor é o enigma aqui, meu lorde. Não eu. Fui completamente honesta consigo, meu senhor.

As curvas de sua forma feminina o distraíam, levando-o a manifestar a frustração que nunca havia sentido de forma tão evidente. Um homem deve

ter direito a mais respeito de sua senhora. E se ele a jogasse por cima dos ombros e a levasse para um lugar mais convidativo? Não, não serviria.

— Devo insistir. Escreva seu livro em casa. Temos um excelente escritório e há a biblioteca. Podemos falar sobre as loções que deseja criar em um momento melhor.

Os olhos dela brilharam. Ele encontrou seu olhar com arrependimento, enquanto ela firmava sua boca, muito beijável — Já tenho muitas fórmulas de sucesso, mas preciso testá-las. Não posso fazer isso, até que sejam inventados.

— Sim, estou vendo isso. Só peço que adie seus experimentos por um tempo.

— Quer dizer que vai sancionar meu negócio? Eu preciso apenas suspender meus planos?

Meu Deus, por que isso lhe era tão importante? Não conseguia entender — Sim, porém acredito que pode achar outras coisas mais atraentes com o tempo.

— Sem dúvida, é o que o senhor espera. — olhou-o — Eu sabia, desde a primeira vez que o conheci, que o senhor não concordaria com o meu empreendimento. No entanto, conheço pessoas que podem me ajudar.

O lorde segurou-lhe o braço — Não estamos chegando a nenhum consenso aqui. — decidiu levá-la para dar uma volta e respirar ar fresco, aproveitando a manhã tranquila. No entanto, assim que chegaram ao lado de fora, foram rapidamente cercados por um bando de galinhas cacarejantes, esperançosas por comida. Uma horda de gansos os observava com o olhar que ele suspeitava ser cheio de maldade. A proximidade dos gansos fez com que temesse que, em breve, as aves assumissem a tarefa de expulsar os intrusos do quintal.

— Isso soou como uma ameaça. — disse, depois que ela encolheu os ombros.

A jovem deu-lhe um olhar fulminante — Eu não faço ameaças.

— Quem é essa parte interessada?

— Sir Ewan manifestou interesse em apoiar meu negócio.

Grant gemeu — Snowdon não. — não gostava do sujeito, mais do que seu avô.

Os olhos de Mercy ficaram pedregosos — Por que não?

— Eu não confio nele.

— Mas por quê?

— Tenho meus motivos.

— E suspeito que não vai me dizer quais são esses motivos. — virou-se e voltou para as árvores.

O visconde a alcançou. Estava enfrentando dificuldades em sustentar seus argumentos nessa discussão e, mais uma vez, demonstrava uma carência acentuada de habilidades diplomáticas. Era intrigante observar como sua capacidade de manter a cabeça fria ao lado dela ficava comprometida. Possivelmente, a teimosia de sua noiva contribuía para esse desequilíbrio em

suas interações. Isso deixava-o mal-humorado — Mercy, espere até que esse meu outro assunto seja resolvido. Então, vamos conversar de novo, prometo.

Esta procurou-lhe os olhos, depois se virou e continuou em direção à casa.

— Muito bem, Grant.

Deveria ter sentido alívio diante da sua resposta afirmativa, no entanto, sua concordância parecia fora do comum. Seria necessário que ele se preocupasse com ela a todo momento em que estivesse ausente? Após o casamento, talvez conseguisse fazê-la compreender a razão por trás disso. Contudo, até agora, seu desempenho havia sido lamentável.

Capítulo quinze



Mercy estava em seu quarto, que tinha vista para a movimentada praça. Estava se preparando para um evento especial, no qual usaria um elegante colar de pérolas com uma cruz cravejada de diamantes, que repousava delicadamente contra seu decote. Sua mãe estava ao seu lado, auxiliando-a a fechar o fecho do colar em sua nuca. Ao se olhar no espelho, a jovem notou o rosto corado de prazer de sua mãe. Embora estivessem cercadas de dúvidas e incertezas, Mercy sabia que, ao seguir por esse caminho, estava deixando seus pais orgulhosos. Mas, ao mesmo tempo, esse pensamento imbuía seus nervos de tensão.

Por outro lado, Charity, em seu encantador vestido cor-de-rosa *pompadour*, estava atrás dela, cuidadosamente ajustando o laço de cetim branco em sua cintura — Tenho certeza de que você e Grant serão muito felizes, querida. Ele foi muito atencioso na noite passada. — era sua madrinha de casamento.

— Seu noivo se encaixa perfeitamente em nossa família. — disse Faith, alisando suas saias de seda rosa — Ele tem um ótimo senso de humor e gosta muito de crianças.

Movendo-se pouco a pouco em seu vestido carmesim, os sérios olhos castanhos de Honor encontraram os dela no espelho — Está linda, minha querida. Northcliffe é um homem de sorte. Tenho certeza de que ele sabe disso.

— Concordo. — disseram todas em uníssono.

Mercy sabia que suas irmãs estavam preocupadas com ela, afinal seus casamentos foram momentos de alegria, quando se uniram aos homens que amavam. No entanto, ela ainda carregava consigo uma grande insegurança. Desesperada por entregar seu coração a Grant, percebia que o amor e a confiança estavam intimamente ligados, mas que ele permanecia distante.

As quatro irmãs se reuniram em frente ao grande espelho, como as rosas que Robin, um dia, havia batizado cada uma delas. Em um gesto simbólico, o buquê de Mercy era composto por rosas de damasco rosa pálido e peônias. O vestido de cetim branco, por sua vez, estava adornado com pérolas e bordados prateados, que enfeitavam a bainha reforçada e o decote redondo. Acariciou as mangas de tule, que havia insistido para que a costureira diminuísse. Segurando as saias, examinou minuciosamente seus sapatos de cetim branco — Espero que essas pérolas não caiam.

— Elas estão bem costuradas. — sua mãe ajustou o véu de renda Mechlin flutuante e transparente, prendendo-o a uma tiara de diamantes e pérolas incrustado sobre os ombros de Mercy — Acredito que é hora de descer e mostrar aos homens como todas estão adoráveis.



Na sala de estar, Edward e Vaughn estavam ao lado de Robin enquanto seu

pai, vestindo um traje escuro e ostentando um *boutonniere* na lapela, aguardava. Com um sorriso acolhedor, Robin aproximou-se de Charity e sussurrou algo em seu ouvido. Ao mesmo tempo, sua mãe, vestindo um elegante traje lilás pálido, exibia um sorriso radiante ao receber um beijo na bochecha de seu marido — Bem, o que acha de suas filhas, Baxendale, não estão lindas?

— Sim. E, hoje, Mercy é a mais linda de todas.

Com um murmúrio de concordância, os maridos de suas irmãs conduziram suas esposas para as carruagens que aguardavam.

Seu pai a ajudou a entrar na carruagem e se sentou na sua frente, de costas para os cavalos — Estou muito orgulhoso, minha filha. Pode não ter desejado este casamento, mas se comportou com bravura, altruísmo e, acredito, sensatamente.

Mercy colocou a mão no estômago, que se contorceu de apreensão.

— Sensatamente, papai?

— Um homem da minha idade se torna um bom juiz de caráter. Northcliffe me impressionou desde o início. Mesmo que não concorde hoje, com o tempo, chegará a concordar com a minha avaliação. — sorriu — Seu futuro agora está garantido, minha querida. Está se casando com uma família antiga e nobre. — Ele se inclinou-se para frente e apertou-lhe a mão — Northcliffe se importa muito contigo.

Ela olhou para o buquê — O senhor acha?

Seu pai riu — Os homens nem sempre estão tão dispostos a se casar, porém, em nosso caso, deixei claro que ele estava livre de qualquer culpa, mas, mesmo assim, Northcliffe escolheu fazer a coisa honrosa, ao pedir sua mão em casamento. E, sem hesitar, eu aceitei. A maneira como ele a olha, minha querida, confirma que tomei a decisão correta. O visconde realmente a adora. Por isso, peço-lhe para ser gentil com ele.

Ela, gentil com ele?

— O que quer dizer, papai?

— Tem uma independência de espírito, todas as minhas filhas têm — suspirou — Por isso, precisava se casar com um homem forte que a respeitasse. E Northcliffe é um homem de força considerável. Mas também precisa ceder um pouco, Mercy.

Ela fechou os olhos e viu o rosto de Grant. Sua boca generosa e seus olhos, que se transformavam em cor de mel derretido, quando estava entretido ou satisfeito. O simples pensamento de fazê-lo rir e conquistar sua aprovação fazia seu coração bater descompassado, enquanto a esperança voava em suas asas. Amava seu pai profundamente. Desde sempre, o admirava e considerava um homem astuto, alguém em quem podia confiar. Assim, orava fervorosamente para que a sua percepção estivesse correta e que seu noivo realmente se importasse com ela.

As nuvens, que se movimentavam no céu azul pálido, como baforadas brancas da respiração de um dragão, eram impulsionadas pela força de uma

brisa forte. Tanto seus braços quanto seus pelos estavam arrepiados, embora mais de nervosismo do que pelo frio. Após percorrer as ruas estreitas, a carruagem finalmente parou diante da imponente fachada ocidental gótica da Catedral de York.

Mercy, segurando o braço de seu pai, adentrou o enorme interior da catedral, atravessando as altas portas em arco e caminhando ao longo do belo piso de mosaico de mármore. Enquanto as melodias da Música Aquática de Handel enchiam o espaço ressonante do órgão da igreja, a luz do sol anunciava sua chegada, transformando a magnífica rosácea em cores brilhantes.

Sentia-se pequena naquele imenso e grandioso local. Teria preferido se casar na igreja da família, em Tunbridge Wells, assim como suas irmãs, porém, sua opinião jamais foi considerada nesse assunto.

Enquanto observava da sua posição diante do altar, Grant vestia um sobretudo azul-escuro elegante, com uma camélia branca na lapela, colete azul pálido e calças lustrosas. Ao seu lado, encontrava-se seu padrinho, o barão Sexton, vestido em um terno cinza.

Ela sentiu uma mistura de emoções ao se deparar com rostos familiares e desconhecidos, ao passar por eles. Com um esforço para controlar o tremor em suas mãos, sorriu para o pai de Grant. Os olhos do conde brilharam de forma encorajadora, enquanto este estava sentado no banco da frente, acompanhado de Arabella e tia Jane. Do outro lado do corredor, sua mãe estava radiante de alegria, juntamente com sua família. Quando Mercy se juntou a Grant, seu pai se afastou discretamente.

— Aqui estamos. — disse-lhe o noivo, com um sorriso largo.

Com a aprovação calorosa e a tranquilidade que ela encontrou em seus olhos, seu nervosismo desapareceu. Mercy se virou para o ministro que começara a entoar as palavras da cerimônia de casamento.

— Queridos amados, estamos reunidos aqui aos olhos de Deus...

Endireitando os ombros, enfrentou com coragem o seu futuro, entrelaçado ao lado deste determinado homem de cabelos escuros.



As palavras do ministro trouxeram à tona emoções contraditórias em Grant, selando um destino que ele inicialmente temia, mas que, aos poucos, passou a aceitar e agora até mesmo a acolher. Antes disso, nunca havia ponderado tão profundamente sobre o tipo de mulher com quem um dia se casaria. Essa possibilidade parecia tão distante, tão imersa no futuro. Esperava estar mais maduro, mais estabelecido, pronto para se tornar um marido e pai responsável e estável. Sua futura esposa seria uma parceira ansiosa por compartilhar a vida e criar seus filhos, alguém que o amasse tanto quanto ele a amasse. Alguém tranquila e sensata. A presença da jovem de mente forte ao seu lado, entretanto, desafiava sua vaga noção de uma esposa adequada. Temia ter falhado de alguma forma em atender às suas expectativas de marido ideal.

Mas Mercy estava muito bonita em seu vestido de noiva branco. O traje era

delicado, mas de forma alguma frágil, e realçava suas costas esguias, tão retas quanto uma vara. A beleza dela sempre o seduziu, era capaz de excitá-lo apenas com um olhar. No entanto, ele também admirava suas outras qualidades, como sua inteligência, seu espírito animado e sua complexidade. Sabia que essas características poderiam tornar sua vida mais complicada, mas, ainda assim, ela era profundamente interessante para ele. Desejava ardentemente que Mercy o amasse, mas estava consciente de que esse sentimento ainda não existia por parte dela.

Ele repetiu as palavras... *para amar e respeitar, de hoje em diante... e, com esse anel, eu prometo a minha fidelidade.* Colocou o anel em seu dedo e olhou em olhos tão azuis que era possível se perder neles.

— Então, eu os declaro marido e mulher.

Grant abaixou a cabeça e deu um breve beijo nos lábios de Mercy — Vou fazer o meu melhor para ser um bom marido. — murmurou.

— E eu, uma boa esposa. — respondeu com um sorriso notavelmente passivo.

Pegou-lhe a mão, antes que entrassem na sacristia, para assinar o registro.



A recepção do casamento dos Baxendale foi excepcionalmente organizada, considerando o pouco tempo que tiveram para se preparar.

Desde os primeiros acordes de Haydn, Grant conduziu sua esposa em uma bela valsa e, logo em seguida, outros convidados se juntaram ao casal na pista de dança.

Durante esse momento especial, ele notou algo intrigante no olhar profundo de Mercy. Seria isso desejo? Grant sentia o forte desejo de responder, porém, os cílios da esposa baixaram e, quando ela voltou a olhar para cima, aquela expressão misteriosa havia desaparecido.

Ela sorriu-lhe educadamente — O duque parece estar se divertindo.

Grant olhou para onde seu avô mantinha a corte, cercado por vários homens — Ele gosta de companhia. É uma pena que não aguente mais longas viagens de carruagem. Espero realizar festas de tiro em Thornhill e talvez um baile de caça, em outubro.

— Ele vai gostar disso, assim como o conde.

Sua testa franziu — Papai realizava esses eventos, todos os anos, em Summerfield. — girou-a — Já lhe disse como está linda?

Mercy riu — Sim. Numerosas vezes.

Apertou a mão na cintura dela — E que estou impaciente para tê-la apenas para mim?

Ela corou — De fato, acredito que esteja, senhor. — observou, com um aceno de cabeça, as requintadas decorações e as urnas de flores que permeavam o ar com um aroma perfumado nas salas de recepção, as quais foram habilmente abertas, para criar um amplo salão. Os tapetes estavam preenchidos com graciosos dançarinos. Lacaios, em trajes impecáveis, circulavam entre os convidados, oferecendo finas taças de champanhe e negus

— Hoje foi perfeito.

— Ainda não acabou. — disse ele e foi recompensado com um sorriso tímido — Devo acrescentar que suas irmãs ficam muito lindas em tons de rosa.

Mercy sorriu — Robin nos comparou com rosas, desde a tonalidade mais clara até a mais escura.

— Muito apropriado. — Grant sorriu — Mas, por mais adoráveis que sejam as rosas, elas podem espetá-la, se não tiver cuidado.

Ela inclinou a cabeça — Está sugerindo que eu o repreenderia por alguma suposta falta de respeito?

— Apenas por algo que tenho certeza de que mereço. — riu, determinado a manter as coisas equilibradas. Nesta noite, conscientemente, escolheu não alimentar as brasas que ainda ardiam em seu peito. Guiando-a, apreciou sua leveza em seus braços. Naquele momento, optou por não abordar as divergências de opiniões e desejos. O futuro lhe causava um entusiasmo que jamais imaginara possível. Ser parte de uma família, unida e acolhedora, que o recebeu de braços abertos, e ter essa encantadora mulher como esposa, eram fontes de grande felicidade para ele.

— É maravilhoso ver os irmãos mais velhos de Edward e Vaughn, Bartholomew e Chaloner, aqui. — disse-lhe, quando diminuíram a velocidade — E a esposa de Bartholomew, Emily. A paróquia de Bart não fica longe de York.

Mercy sorriu para Sibella, enquanto ela dançava com o marido, o marquês de Strathairn — A propriedade rural de Sibella e John não fica longe de York.

Sorriu-lhe — Então, a sociedade não será tão enfadonha, aqui em Yorkshire.

— Pensou que eu estava relutante em morar aqui?

— Bem, além de sua irmã, em Northumberland, a maior parte da sua família mora no sul.

— Estamos todas dispersas. Com Hope, a mais distante, na França.

— Então, devemos viajar para a França e visitá-los.

Seus lindos olhos se iluminaram — Podemos? Eu gostaria muito disso.

— Talvez após o nascimento do filho deles. — feliz em vê-la feliz, a conduziu na pista.

Quando Mercy pediu licença para falar com sua mãe, Grant caminhou em direção a Adam e Hugh. Antes de alcançá-los, o mordomo o interceptou.

— Tem uma pessoa que deseja falar-lhe, milorde. — murmurou com desgosto — Um sujeito vestido de forma grosseira. Devo mandá-lo embora?

— Não. Eu irei vê-lo.

O homem estava parado na entrada. Seu rosto exibindo bochechas fundas e livre de barba. Suas vestes encontravam-se manchadas — A sua presença é necessária, milorde. — disse quando o mordomo os deixou — No beco dos fundos.

Grant franziu a testa, irritado e desconfiado — Quem me procura?

— Notícias do coronel Black.

Ele praguejou baixinho — Espere por mim lá.

Ninguém leva uma arma para um casamento, Grant pensou ironicamente. Pegou uma bengala da mesa do corredor e se dirigiu aos fundos da mansão. Com o intuito de passar despercebido, entrou pela porta de serviço e encontrou um sujeito esperando na meia sombra. Sem falar nada, este se virou e conduziu Grant a um beco próximo à praça.

No beco, o odor de lixo, roupas íntimas e gatos era bastante forte e desagradável, levando o lorde a expressar seu descontentamento com palavras de protesto. Nesse momento, um segundo homem surgiu, contornando o edifício na luz fraca, e tirou o chapéu.

Seu nariz grande parecia vermelho e ele fungou — Becknell, milorde. Viemos direto de Londres.

O peito do visconde se apertou — Quais são as notícias?

— Houve outro ataque na linha ferroviária que corre ao longo do rio. Desta vez, os trilhos foram arrancados por mais de um quilômetro.

— Maldição! Alguém trouxe informações?

— Não, mas tenho uma carta do coronel para o senhor.

Grant recuou até onde a última luz do dia filtrava pelos edifícios. Abriu a carta e examinou a missiva que Black havia escrito em um rabisco apressado.



Caro Northcliffe,

Gostaria de felicitá-lo por suas núpcias e, por favor, transmita as minhas felicitações à Lady Mercy. Apesar de não ser do meu feitio pedir-lhe favores pessoais, sinto-me compelido a informá-lo sobre uma situação preocupante. Recebi uma carta de Lady Haighton relatando uma tentativa de roubo. O escritório do marido dela foi revirado e um de seus lacaios foi deixado inconsciente. Embora ela tenha chamado a polícia local, achei pertinente trazê-lo a par dos acontecimentos, considerando a proximidade de sua família com a senhora.

Os eventos estão avançando rapidamente por aqui. Quando nos encontrarmos, terei prazer em fornecer detalhes mais específicos, mas já posso adiantar que o parlamento convocará uma sessão especial para discutir a questão do vandalismo na linha férrea. Infelizmente, tememos que o mercado esteja sendo manipulado, visando benefícios próprios. Devo informar-lhe de que o terreno da linha ferroviária foi adquirido da propriedade do honorável Ambrose Fury. Como Fury é um vizinho próximo dos Haighton, sugiro que entre em contato com ele para obter informações adicionais, caso julgue oportuno.

Por fim, é importante mencionar a morte de Scullen, um acontecimento trágico, que ocorreu recentemente. Meus homens estão encarregados de obter todos os detalhes pertinentes a esse caso, os quais estarão disponíveis para a sua análise.

Atenciosamente,



Maldição! Grant enfiou a carta no bolso e se virou para os homens.

— O que é isso sobre Scullen?

O homem fungou — Um jovem que trabalhava no Pavilhão Chinês, nos Jardins de Vauxhall. Mandamos segui-lo, como o senhor instruiu. Ele foi esfaqueado até a morte.

Um músculo estalou na mandíbula do lorde — Quando foi isso?

— Três noites atrás, uma equipe de agentes prendeu o agressor no local do crime. Atualmente, o sujeito se encontra detido em uma cela na Bow Street. Durante a prisão, o acusado foi ferido, devido à resistência oferecida e, consequentemente, encontra-se em silêncio, recusando-se a cooperar com as autoridades. Ainda não podemos determinar a relevância das informações que ele possui para a investigação, uma vez que se nega a falar. — balançou a cabeça — E o sanguessuga diz que pode bater as botas antes disso.

O criminoso obviamente havia sido severamente espancado quando detido sob custódia. Se o médico não pudesse ajudá-lo, Black ficaria furioso. Assentiu para os homens.

— Não devem ter dormido para chegar aqui tão rápido.

— Não, milorde. — o homem fungou enquanto o outro arrastava seus pés de maneira desajeitada.

— Vou mandar comida e cerveja. Voltarão ainda hoje?

— Sim, milorde.

— Diga ao Coronel Black que lidarei com isso amanhã.

Grant voltou para casa, sentindo-se angustiado. Não conseguia deixar de pensar se ele e os outros estavam errados ao acreditar que Nat teria sido morto por ter testemunhado algo perigoso. A situação estava se tornando cada vez mais difícil de lidar a cada dia. Não havia como ser pior. Sabia que seria forçado a contar a verdade ao avô, mas como, diabos, explicaria isso para Mercy? Estava sentindo como se o casamento deles estivesse começando com uma mentira.

Capítulo dezesseis



Em uma confusão de emoções, Mercy decidiu sentar-se em frente ao espelho da penteadeira, enquanto sua criada pessoal, Penny, cuidadosamente retirava os alfinetes e escovava seus longos cabelos. Infelizmente, ao desembaraçar uma pequena parte, uma pontada de dor aguda percorreu o couro cabeludo da lady. Como sua cabeça já doía um pouco, esta optou por se afastar momentaneamente — Isso é tudo, obrigada, Penny. Pode ir. — a criada, consternada, deu um passo para trás e guardou a escova.

— Sinto muito, milady.

A governanta, em um tom excessivamente clemente, expressou suas desculpas pela inexperiência da criada, informando-a que enfrentaram dificuldades para preencher a vaga após a candidata selecionada ter sido chamada de volta para casa, devido à doença de sua mãe. A senhora explicou-lhe que Mercy deveria substituir a jovem, caso a considerasse inadequada para a posição. Sentindo-se envergonhada por sua demonstração incomum de impaciência, girou no banquinho com um sorriso encorajador.

— Vamos nos familiarizar mais uma com a outra, com o tempo.

Penny, uma garota do campo com sardas, na faixa dos quinze ou dezesseis anos, fez uma reverência — Certamente, milady.

— Vou chamá-la de manhã, quando precisar da sua ajuda.

A criada fez uma reverência rápida e deixou o quarto correndo.

Deixada sozinha, Mercy arrancou a fita de seu *peignoir* rosa e olhou para a porta interconectada. Ficou aliviada ao descobrir que ela e Grant tinham aposentos separados, com uma sala de estar entre eles. Seu olhar percorreu o quarto. O ambiente exalava charme e conforto, proporcionando-lhe uma sensação de familiaridade neste elegante casarão. As paredes eram adornadas com uma estampa Chinoiserie requintada, delicadamente pintada à mão, retratando flores e pássaros, em um fundo cinza suave. As colunas da cama eram esbeltas e feitas de pau-rosa, ricamente douradas e adornadas com cortinas de creme e damasco branco. O tapete, de uma densidade e maciez agradáveis, ostentava uma tonalidade cinza sutil e, em frente à lareira de mármore branco, erguia-se um par de cadeiras francesas, em um delicado tom de rosa.

Seu quarto tinha uma delicada escrivaninha branca e dourada posicionada próxima às extensas janelas, que ofereciam uma vista agradável para o murado jardim de rosas. — Para a sua escrita. — no dia anterior, Grant sugeriu que o local seria perfeito para ela escrever, demonstrando sua preocupação em apaziguá-la, via isso agora. Mas ficou tão consternada com a discussão que tiveram, que não conseguiu responder. Questionava a si mesma se também era culpada pela distância entre eles, se sua atitude havia sido irracional. Lembrou-se das palavras do pai, incentivando-a a ser gentil, corando devido ao sentimento de desprezo que nutria por cada palavra e ação

de Grant. Afinal, ele não havia expressado seu amor por ela. No entanto, a situação mudara, pois eram agora marido e mulher. Essa nova realidade trouxe-lhe uma onda de esperança e excitação.

Surgiu-lhe então a dúvida sobre se seria melhor deitar-se sob as cobertas. Enquanto estava prestes a fazer isso, um som na porta a fez parar subitamente.

— Entre. — Mercy lutou com o tecido delicado, prendendo-o em uma unha.

Grant entrou no quarto, exibindo um estilo descontraído e elegante. Seu vestuário consistia em um banyan de seda azul-escuro, conferindo-lhe um ar sofisticado. Com chinelos abertos atrás, nos pés, chutou a porta atrás dele, ao adentrar. Em suas mãos, segurava uma garrafa de champanhe e duas taças na outra. Uma mecha de cabelo levemente úmido caía de forma despretensiosa em sua testa.

Ela fez uma pausa e, cuidadosamente, agarrou o tecido rendado que cobria parcialmente seus braços.

Ele sorriu — Sou bem-vindo? Está se vestindo ou se despindo?

As bochechas de Mercy aqueceram — Eu estava... hum... estava indo para a cama. — desistiu do *peignoir*, tirando-o e colocando-o sobre uma cadeira.

Ele colocou a garrafa de champagne e as taças cuidadosamente dispostas em uma mesa. Em seguida, voltou sua atenção para ela, cuja expressão revelava um vislumbre de desejo. Ela deu um passo em direção aos seus braços, acolhendo-o em um abraço caloroso. Quando se aproximaram, ele exalava um suave perfume de sabonete amadeirado, enquanto trocavam um beijo leve e delicado — Está cansada, minha querida? — perguntou com tom gentil.

— Sim. Não. Só um pouco. — Mercy não queria que ele pensasse que ela não o queria.

Grant voltou sua atenção para o champanhe na mesa. Soltou a rolha com um estalo e serviu a bebida — Foi um casamento lindo, não acha? Uma noiva linda, o serviço lindo. Todo mundo achou a mesma coisa.

O coração dela se alegrou — Ah, sim, tudo correu muito bem.

Ofereceu-lhe uma taça e, quando ela aceitou, Grant ergueu a sua, em um brinde — Pelo nosso futuro feliz e duradouro — seu olhar a envolveu em carinho — Fica linda com o cabelo solto.

— Obrigada. — enquanto bebia com avidez, tomando um gole atrás do outro, a bebida gelada e borbulhante percorria seu esôfago, alcançando seu ventre agitado. Uma sensação de arrepio a percorreu, acentuada pelo ambiente gélido que se mantinha, mesmo com a tímida chama crepitante na lareira. Pegando a taça dela, ele colocou ambas na cômoda e começou a esfregar seus braços nus, numa tentativa de aquecê-la. — Está com frio. Vamos, vou levá-la para a cama.

No conforto do quarto, Mercy acomodou-se na cama espaçosa, com o braço de Grant gentilmente a envolvendo. Os lençóis perfumados com o suave aroma da lavanda acariciavam seu nariz, enquanto ela se cobria até o peito.

Ele aconchegou-se na cama com ela — Parece cansada, gostaria de um chocolate quente?

— Não, obrigada. Estou bem quente agora. — sentiu o calor subir pelo seu rosto quando ele se inclinou para frente e puxou uma mecha do cabelo dela pelos dedos.

— É como um lenço de seda pálido. — levantou a mecha até o nariz — E cheira docemente à flor.

— É o meu xampu caseiro. Eu mesma preparei em Tunbridge Wells. Ele deixa o cabelo... — ficou repentinamente sem fôlego quando Grant se aproximou por baixo do edredom.

Ele se ajeitou na cama e passou os dedos pelo seu cabelo — Eu adoraria saber mais, tem um aroma irresistível.

— Misturo extrato de flor de pêssago com água de rosas e...

Respirou fundo enquanto ele a abraçava e beijava o seu pescoço e a sua face.

— Prometo escutar... depois, meu amor. — acariciou o rosto dela com a mão e seus lábios se encontraram, seu beijo, mais uma gentileza. Com o coração acelerado, ele intensificou o beijo.

O coração de Mercy pulsava aceleradamente quando Grant a beijou com intensidade, desencadeando sensações arrebatadoras pelo seu corpo. Impelido pela paixão, ele se ergueu e retirou a sua camisa, expondo um peito musculoso e bronzeado. Incapaz de resistir, ela deslizou os dedos pela pele macia do lorde, sentindo os músculos dele contraindo-se de forma poderosa e vigorosa. Ao afastar o lençol, deparou-se com uma visão de nudez masculina que apenas tinha testemunhado em livros de arte emprestados por Charity. Incomparável às estátuas de mármore, este homem em carne e osso emanava calor e vigor, derretendo-a completamente. Mercy se viu envolvida num estado de relaxamento e fervor.

Ele puxou um pedaço do tecido leve de sua camisola, uma peça linda e decorada, que ela adorava — Vamos remover isso? — em um movimento rápido, estava nua.

A proximidade do corpo dele contra o dela a deixou assustada, porém fez com que se questionasse se ela o agradava. Lutou para esquecer a presença da outra mulher, que transmitia tanta segurança. Não essa noite.

Os beijos dele eram simplesmente adoráveis. Quando sua língua invadiu a sua boca, ela se surpreendeu com a intimidade do momento e não pôde deixar de soltar um suspiro. Enquanto enrolava seus dedos nos cabelos escuros dele, sentia-se grata pela conversa que tivera com Honor. Mesmo com a ajuda do champanhe e do vinho que consumiram anteriormente, ela se viu incapaz de fazer algo além de permitir que Grant liderasse a situação. Era evidente que ele conhecia bem o corpo de uma mulher. Seus carinhos sussurrados a fizeram suspirar, enquanto explorava cada parte do seu corpo, até chegar àquela área mais íntima, entre suas coxas. O estômago dela se contraiu e pulsou de forma intensa, ansiando por mais. E a carícia dele fez com que um gemido escapasse

dos seus lábios.

— Mercy, — murmurou suavemente — é tão macia, tão doce. Eu não quero machucá-la. Vou tentar não fazer isso.

Ela sentiu uma confiança nele que nunca tinha sentido antes. Enquanto ele agarrava punhados de seu cabelo sedoso, suas respirações ofegantes se misturavam, a dele, adocicada pelo sabor do champanhe. Uma curiosidade insaciável e um desejo ardente fizeram com que ela gemesse e gritasse, ansiando por uma libertação inexplicável, que parecia estar além de seu alcance.



— Bom dia, dorminhoca. — Grant apoiou a cabeça na mão, ao lado dela — Dormiu bem?

Deu-lhe um sorriso preguiçoso, que aqueceu seu sangue — Sim, e você?

Ele acordou novamente de madrugada e observou sua encantadora esposa dormir. A beleza delicada dela o fascinava, com seus cílios grossos tremulando em suas bochechas cremosas. Recordou-se da primeira vez que a viu, quando se sentiu atraído por ela. No entanto, nunca imaginara isso. Era mais do que um desejo passageiro, como ocorria com suas amantes, ou mesmo o afeto que nutria por elas. Sentiu seu coração bater fortemente em seu peito ao observá-la. Apesar de admirar seu espírito independente, ficava frustrado por ela sempre lhe resistir quando ele apenas almejava protegê-la. De repente, tornou-se de vital importância para ele que sua esposa o amasse e, além disso, o estimasse.

A curiosidade sincera de Mercy na noite passada prometia uma vida amorosa emocionante. Tinha ansiado por reencontrar-se com ela na intimidade, consciente de que a primeira vez nem sempre era a melhor para uma mulher, mas também reconhecendo a necessidade de descanso e cura para o próprio corpo. E não parecia certo com o que precisava lhe dizer agora — Está com fome, meu doce?

Ela se sentou, o lençol caindo de seus seios cheios, enviando outro lampejo de desejo através do seu corpo.

— Estou, um pouco. — tímida, agarrou o lençol — Importar-se-ia de puxar a corda do sino?

Grant recostou a cabeça no antebraço e sorriu-lhe — Confesso que estou tão confortável aqui, que ainda não quero me levantar. Por acaso pode fazê-lo?

Seu rosto bonito ficou nublado e ela olhou para o roupão por cima de uma cadeira, do outro lado do quarto. Sua camisola estava em algum lugar, no chão. Mordiscou o lábio e balançou a cabeça lentamente.

Ele riu — Não?

Ela riu e cruzou os braços sobre os seios que ele desejava tocar.

— Ah! Uma pena. É maravilhosamente decorativa. — jogou os cobertores para trás e desceu da cama, passeando pelo tapete, para puxar a campainha.

Virou-se e a encontrou o observando.

Ela balançou a cabeça — Nunca vi um homem nu antes. Nunca desejarei ver outro, apenas você.

Grant sorriu — Não é surpresa, mas eu também não. — entregou-lhe sua camisola, recusando-se a juntar-se a ela na cama novamente, uma vez que a tentação de fazer amor seria impossível de resistir. Sua mente já lutava para encontrar a maneira mais prudente de contar-lhe toda a situação. No entanto, na realidade, não havia nada que pudesse dizer para amenizar o fato de que precisava se ausentar.

Ao se inclinar para beijá-la, ela envolveu os braços em torno do seu pescoço e o puxou para baixo, pressionando sua suave boca contra a dele — Eu falo de verdade, é lindo. — sussurrou.

Encantado com suas palavras doces, ele lutou contra o desejo e se afastou dela — Bobagem. As mulheres são lindas. Você é linda. Os homens são apenas músculos, tendões, pele e ossos.

Ao baterem na porta, vestiu o seu roupão e calçou seus chinelos — Entre.

Um lacaios entrou carregando uma bandeja cheia. Colocou duas xícaras e pires, torradas, manteiga, conservas e um bule de chocolate em uma mesa, abriu as cortinas, cuidou do fogo e depois saiu.

— Um delicioso café da manhã para a Milady. — disse Grant — Vou comer na sala de café da manhã. Preciso de algo mais robusto.

— Irá montar esta manhã? Eu gostaria de me juntar a ti.

Ele voltou para a cama e pegou-lhe a mão — Querida, — começou, seus olhos capturando os dela — devo deixá-la por um tempo, hoje. Negócios importantes precisam da minha atenção.

Mercy franziu a testa e tirou a mão da dele. Apertou o roupão — Por quanto tempo? — sua voz sufocada o fez querer contar a verdade. Mas fez um juramento à Coroa que considerava sagrado. E ele não tinha certeza do que Mercy faria se lhe contasse.

— Alguns dias, no máximo, voltarei assim que puder... Odeio deixá-la, minha querida, por favor, acredite em mim. Nossa primeira noite juntos foi gloriosa. Foi perfeito.

— Vai para Londres? — perguntou, com a voz fria. Desceu da cama e amarrou as fitas do roupão, afastando-se dele, que temeu suas emoções.

— Não. Vou em direção ao norte. O vovô ficará tão zangado comigo quanto está.

— Duvido disso. — sentou-se em uma das cadeiras estofadas em cetim rosa e serviu duas xícaras de chocolate.

Ele se sentou e bebeu a bebida grossa, embora preferisse café — Só posso dizer que é algo que devo fazer. Não tenho escolha no assunto.

— O marido de Hope, Daniel, era diplomata, mas nunca aprendi muito sobre isso.

Ele conseguiu sorrir — Espero que ache em seu coração acreditar em mim, quando digo que detesto deixá-la.

— Pede demais. — lágrimas iminentes ameaçavam escorrer dos seus olhos.

Com evidente indignação, enxugou-as rapidamente. Em seguida, Mercy ergueu-se e chamou sua criada. Ao desviar o olhar da janela, ele percebeu em seu rosto uma expressão distante, enquanto seus lábios se mantinham firmes.

— Pode me dar licença, por favor? Eu gostaria de me vestir. Acredito que vou montar, esta manhã. Promete ser um dia adorável.

Ela parecia tão frágil, que o coração dele doeu — Um cavaliário deve acompanhá-la, Mercy. Vou pedir a Johnson para lhe selar uma égua.

Grant saiu do quarto rangendo os dentes. Parecia claro que não havia mais nada que pudesse dizer ou fazer. Estava ciente de que era seu dever cumprir as ordens de Black e admitia que desejava ver Jenny. Afinal, a viúva de Haighton ainda permanecia em situação de perigo.

Capítulo dezessete



Sozinha, Mercy caiu em desespero. Obviamente não conseguiu despertar o interesse de Grant no quarto. Seu casamento estava condenado. Seus encantos masculinos e a maneira gentil como fez amor a fizeram acreditar que ele se importava profundamente com ela. Que tolice. Esperava que passassem as próximas semanas juntos, descobrindo mais um sobre o outro, ao passo que pudesse aprender a agradá-lo e mostrar-lhe o que a agradava. No entanto, depois de ter feito apenas o mínimo do que considerava necessário para um novo marido, ele simplesmente se foi. Provavelmente visitar sua amante, como se estivesse respondendo ao chamado de uma sereia. O dia se arrastou solitário e longo.

Suspirou, sentindo uma mistura de emoções. A noite passada havia sido repleta de uma intimidade intensa que a fascinava. Deixou-se envolver por um sentimento de paixão avassaladora, acreditando sinceramente nas palavras amorosas que lhe haviam sido ditas. Acordar ao lado dele, naquela manhã, foi a experiência mais gratificante de toda a sua vida. No entanto, tudo mudou quando Grant lhe revelou algo. Era um mau presságio quanto ao futuro.

Despertando para a nova realidade, permitiu que Penny a auxiliasse ao se vestir. O traje escolhido foi um elegante conjunto de montaria, composto por uma camisa azul-celeste ajustada, decorada com botões prateados e detalhes trançados nas mangas. Essa vestimenta representava a sua nova vida, na qual ansiava por impressionar Grant, mas aqui estava ela, cavalgando sozinha. Com as pernas envoltas em botas de montaria pretas e a cabeça protegida por um chapéu, Mercy calçou suas luvas de couro e pegou o chicote, antes de sair de casa, seguindo pelo caminho de cascalho em direção aos estábulos.

O cavaliço emergiu do interior sombreado, tocando o chapéu — Johnson, milady. Sua Senhoria pediu que eu selasse uma montaria adequada para a senhora.

— Obrigada, Johnson.

Ele conduziu uma égua cinza delicada — Esta é Hebe, espero que goste dela.

— Ela é perfeita. — Mercy acariciou o focinho acetinado da égua.

Depois que Johnson a ajudou a subir para a sela lateral do bloco de montagem, ele montou um cavalo marrom e liderou o caminho do pátio do estábulo ao longo de uma trilha equestre por meio das árvores. A luz do sol se filtrava através do dossel verde. Como o tempo poderia estar tão perfeito quando ela estava tão infeliz?

— Lorde Northcliffe montou seu cavalo ou viajou de carruagem, Johnson? — perguntou quando o cavaliço se aproximou dela. Embora isso lhe desse uma pequena pista da direção de Grant, precisava perguntar.

— Ele saiu a cavalo, milady.

— Certamente é uma longa viagem até Londres?

— É, sim, senhora, mas a Sua Senhoria costuma cavalgar. — segurou um galho para permitir que ela passasse por baixo, liberando um cheiro de pinheiro no ar. — Prefere montar a uma carruagem fechada.

Ela ficou tensa. Estava prestes a saber que Grant havia mentido para ela? Ficou relutante em ouvir a verdade.

Enquanto um esquilo vermelho corria ágil em direção a uma árvore, dois pombos voaram. As orelhas de sua égua se contraíram e o cavalo se desviou. Mercy deu um afago no pescoço brilhante do animal, firmando os lábios. A beleza e a serenidade da floresta pareciam inacessíveis para ela.

— Não foi essa a direção dele hoje, é claro. — trouxe o cavalo para mais perto. — Norte, acredito que ele disse.

— De fato, milady. — disse Johnson, enquanto emergiam em um prado gramado.

Aliviada porque Grant não estava visitando Lady Alethea, ela bateu levemente no traseiro da égua cinza com o seu chicote — Eu gostaria de galopar, Johnson.

Sua égua galopou rapidamente pelo terreno. Enquanto se movia, ela sentia a agradável brisa acariciar suas bochechas quentes. Johnson seguia logo atrás, mantendo uma distância discreta, em sua própria montaria. Por um momento, a sensação de liberdade a animou, mas ela permaneceu insatisfeita, sua curiosidade sobre Grant despertou ainda mais.

Ao chegar em casa, Mercy escolheu usar um vestido matinal, listrado de açafrão e branco, e se dirigiu à sala de café da manhã, onde Sua Graça desfrutava de uma xícara de café e lia o jornal, à mesa próxima às amplas janelas.

— Oh, por favor, não se levante, senhor.

— Mas é claro que devo me levantar para uma dama. Suas bochechas estão rosadas, minha querida. Esteve cavalgando?

— Estive, senhor. Foi glorioso. Vou cavalgar até o rio, amanhã.

Ele se sentou — Como é delicioso tomar meu café da manhã na companhia de uma jovem encantadora novamente. Faz um homem esquecer sua idade.

Mercy riu. Não conseguiu comer um pedaço da torrada em seu quarto. Mas agora descobriu que estava faminta. No aparador, aromas deliciosos e fumegantes subiram no ar, quando ergueu as tampas prateadas. Ela se serviu de omelete, presunto e peixe.

— Fico feliz em vê-la tomar um café da manhã saudável. — observou o duque — Muitas mulheres comem como um pardal, preocupadas com suas figuras. Não sei por que, pois os homens gostam de um corpo bem definido.

As bochechas de Mercy ficaram quentes. Seu neto a fez corar quando ele disse a mesma coisa.

Um laçao serviu chá.

— Traga torradas e conservas, Geoffrey. — o duque se virou para ela — Então, Grant viajou?

— Sim, logo pela manhã.

— Ah! Abandonando a esposa em um momento como esse. Espero que possa perdoá-lo, Mercy. Lady Haighton é uma querida amiga da família.

— A casa de Lady Haighton é longe daqui?

— Cerca de meio dia de viagem, para a maioria de nós. — deu-lhe um olhar sobre a xícara de café, um ligeiro vinco entre as sobrancelhas — Aparentemente, Grant precisa ajudá-la com um assunto urgente.

Isso mal explicava a necessidade de Grant partir na manhã seguinte ao casamento, e ela suspeitava que o duque concordava consigo, mesmo que nunca se colocaria contra seu amado neto. Nem Mercy gostaria que ele o fizesse. Ao lembrar-se de uma conversa sobre Lady Haighton, durante sua primeira visita, ela se perguntou se a recente viuvez da mulher poderia torná-la uma rival pelo afeto de Grant. Esses pensamentos a perturbaram, fazendo-a questionar se estava se transformando em uma pessoa horrível e ciumenta. Mal se reconhecia. No entanto, esperava que Wolf, seu cachorro que chegara no dia seguinte, ajude-a a relembrar a pessoa que costumava ser. Quando ele chegasse, poderiam desfrutar de um agradável passeio pelo parque.

Mastigou um pedaço de presunto, que tinha gosto de poeira na boca.



Enquanto cavalgava, Grant estava perdido em seus pensamentos, dominados por sua nova esposa. A maneira como ela se sentia era evidente em seu lindo rosto e em seus olhos notáveis. Sua abertura, ternura e carinho desvaneceram quando teve que lhe dizer que precisava deixá-la. Foi como se uma faca tivesse sido cravada em seu coração, ter que negar a verdade para sua esposa. Esta manhã, foi compelido a confiar em seu avô a situação. O senhor aceitou em grande parte e expressou seu orgulho por ele. No entanto, Mercy era uma questão completamente diferente. Ela ficaria horrorizada ao saber a verdade e viveria com medo constante por ele. Não a culparia se ela pedisse que se demitisse. Mas ele não tinha intenção de fazer isso, estava determinado a seguir em frente.

Após o meio-dia, a estrada seguiu ao lado do Rio Tees. Grant se aproximou da Mansão Haighton, localizada no topo de uma colina, com vista para jardins exuberantes e o sinuoso curso d'água.

Ao ser admitido na sala de estar pelo mordomo, Jenny se apressou em cumprimentá-lo, com sombras profundas sob seus olhos, demonstrando medo. Ele sentiu compaixão por ela e segurou suas mãos, buscando lhe dar conforto — A senhora está bem?

— Sim. Muito obrigada por ter vindo. — apertou as mãos dele antes de soltá-las — Estou consumida pela culpa por tê-lo afastado de sua esposa.

— Lady Northcliffe entende.

A lady ergueu uma sobrancelha — Então ela é uma mulher melhor do que eu. Por favor, sente-se. Posso oferecer-lhe uma bebida?

— Café, obrigado.

Ela pediu a bebida, depois se juntou a ele no sofá — Iremos ao escritório depois, que está uma bagunça terrível. Ben, nosso laçao, está se recuperando

do ataque, graças a Deus.

— Ele viu quem o atingiu?

— Não. Era meia-noite. Ele estava no corredor da frente e ouviu um barulho e foi atingido por trás, quando foi investigar. Naquela parte da casa, as velas nas arandelas haviam se esvaziado. — um papel farfalhou quando ela o tirou do bolso de seu vestido preto de bombazina — Tenho tentado arrumar a bagunça, já que o novo secretário ainda não chegou. Encontrei isso, escondido em um livro-razão.

Ele pegou a carta dela e a leu.

Foi avisado. Se não acertar as coisas, nas próximas duas semanas, farei o que prometi. Pense em sua família, Haighton, como deveria ter feito, meses atrás.

— Não está assinado, como pode ver.

— E está sem data. Não tem ideia de quem pode ter enviado, ou quando?

Ela deu de ombros, sentindo-se impotente — Nenhuma.

— A senhora se lembra de algo incomum que tenha ocorrido nos últimos meses?

— Lembro que Nathaniel ficou bem mal-humorado comigo. Não era do seu feitio. Ele falou em mandar a mim e as crianças para Brighton no verão, e ficou com raiva quando me recusei a ir sem ele.

— O ex-secretário pode ter visto esta carta. Onde posso encontrá-lo? Ele deixou um endereço?

— O Sr. Grayson estava infeliz por ser demitido depois de tantos anos de serviço. — fez uma pausa — Ele foi embora sem dizer para onde. Mas sua mãe mora em Harrogate.

— Tem o endereço dela?

— Nathaniel deve ter anotado. Estará em algum lugar no escritório dele — levantou-se — Vou procurar nos seus arquivos.

Grant a seguiu.

A descrição do estado da sala feita por Jenny não refletia de forma completa a totalidade da desordem presente no escritório. A busca realizada de maneira maliciosa e frenética resultou em danos excessivos. Pintura foi respingada na superfície da mesa, bem como no tapete persa e no estofamento de damasco dourado de uma cadeira de asas. As gavetas foram viradas de cabeça para baixo, deixando à mostra seu interior. Cada armário teve seu conteúdo removido e espalhado pelo chão. Livros retirados das prateleiras foram deixados jogados pelo chão, alguns deles com páginas rasgadas. Um quadro emoldurado foi arrancado da parede, sem qualquer cuidado, sendo posteriormente esmagado. Por fim, o pequeno cofre foi violentamente forçado a ser aberto.

Grant examinou a madeira estilhaçada da moldura da janela — Ele entrou por aqui. Como conseguiu escalar a parede e atravessar o terreno, sem ser visto por seu vigia?

— Tivemos uma tempestade naquela noite. Com trovões e relâmpagos.

— Isso teria dificultado ainda mais a invasão. A menos que ele soubesse para onde ir.

Jenny esfregou os braços — O senhor acha que ele já esteve aqui antes?

— É improvável que seja um criado. O bilhete foi escrito por alguém que sabia ler e escrever bem. Alguém disfarçado de criado, talvez?

— Não tenho certeza se o mordomo contratou algum novo criado para o jardim. Teria que lhe perguntar.

— A senhora colocou mais homens para vigiar a casa?

— Sim. Homens armados patrulham à noite.

— Ótimo.

Ele se agachou para examinar o pequeno cofre. A porta tinha sido escancarada, o conteúdo espalhado — Ele poderia estar atrás de dinheiro ou joias. — Grant pegou os livros e começou a colocá-los nas prateleiras, mas a tarefa de arrumar o escritório demoraria mais do que o tempo que se levaria para dar corda em um relógio que só precisa ser reajustado uma vez por mês. Demoraria para devolver esta sala à sua antiga elegância.

— Nathaniel não guardava dinheiro ou objetos de valor neste cofre. Apenas contas e papelada. — Jenny se virou da mesa. Entregou-lhe um pequeno livro de couro — A agenda de endereços dele.

Grant pegou e folheou as páginas — Há um endereço Harrogate para Grayson aqui, presumivelmente o da mãe dele.

— Se eu encontrar alguma coisa, depois que as arrumadeiras arrumarem o cômodo, enviarei um laçao com uma mensagem. — disse Jenny, enquanto caminhavam pelo corredor.

Ele enfiou o bilhete com a ameaça no bolso do colete — Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— É muito gentil da sua parte, mas agora o senhor deve voltar para sua esposa. — suas bochechas ficam vermelhas — E eu tenho uma pessoa para visitar. Sir Ewan. Ele contratou os guardas armados para o terreno, e tem muito conhecimento sobre a propriedade e em como lidar com os investimentos do meu marido.

— Snowdon mencionou as ações ferroviárias do seu marido?

— Sim. Ele acredita que eu deveria comprar mais ações.

— Ele planeja investir na empresa?

Seus dedos brincavam com o broche de camafeu em seu pescoço — Ele disse que não. Diz que seus fundos são necessários em outro lugar.

Grant assentiu — Preciso ir. Vou notificá-la sobre qualquer coisa que descobrir.

Ela colocou a mão no braço dele — Por favor, diga a Lady Northcliffe que estou ansiosa para conhecê-la. Lamento não ter podido comparecer ao casamento.

Grant cavalgou Ares ao longo da estrada que beirava o rio, apreciando a serenidade do ambiente, embalado pela cacofonia de cantos de pássaros. Os patos cambaleavam desajeitadamente sobre a margem, enquanto os salgueiros

balançavam suavemente ao vento. Em sua mente, não conseguia afastar o pensamento do bilhete misterioso que carregava consigo. Será que Nat tinha se envolvido em algo obscuro? A conexão entre sua morte e a ferrovia permanecia um mistério, e suas investigações, até agora, não haviam rendido respostas concretas. Grant sabia que uma imagem mais clara poderia surgir, quando o agressor de Scullen decidisse se pronunciar.

A atitude de Jenny o surpreendeu. Ela ficou enrubescida ao mencionar Sir Ewan Snowdon. Seria possível que eles estivessem se aproximando? Embora seja comum que viúvas voltem a se casar após o período de luto, essa atração, se é que se poderia chamar assim, parecia fora de lugar, considerando o quanto Jenny e Nat pareciam apaixonados um pelo outro. No entanto, ninguém podia ter certeza do que realmente acontecia atrás de portas fechadas. Grant ajustou seu cavalo para um trote mais rápido, e esperava que Snowdon não estivesse prestes a se aproveitar de uma dama em perigo. Caso ele tentasse, encontraria a sua espada o enfrentando. Snowdon parecia ter se tornado bastante confortável no local. Mas onde estava ele no dia da morte de Nat?

Capítulo dezoito



— Se mover seu bispo para lá, eu tomarei a sua rainha. — o duque sorriu com simpatia para ela.

— Sinto muito, Vossa Graça. — Mercy apressadamente moveu a peça de volta. Analisou cuidadosamente o tabuleiro e encontrou um local mais seguro para se posicionar, ciente de que era inevitável que o duque a vencesse nos próximos movimentos. Desde a partida de Grant, duas noites longas e solitárias haviam se passado. O duque mostrava-se uma companhia agradável e ela apreciava sua presença, porém, consciente para não o cansar, evitava procurar sua companhia com frequência, durante os longos dias. Isso permitia que ela se concentrasse em finalizar os capítulos finais de seu livro. Sentada à mesa, percebeu os jardineiros diligentes que trabalhavam arduamente, canteiro após canteiro, e varriam os caminhos junto à janela. Anteriormente tão focada em seu trabalho, agora ela lutava para manter a concentração adequada, pois os detalhes constantemente escapavam de sua mente.

Depois de perder mais um jogo contra o duque, Mercy foi para o seu quarto. Inquieta, caminhava de um lado para o outro pelo tapete, lutando com uma ideia ultrajante. Não, não deveria fazer isso! Sentou-se novamente, reconsiderando suas opções. Talvez pudesse ocupar o tempo criando um xampu e testá-lo em seu cão, Wolf. Suspirando, colocou o seu robe *boudoir*, abriu a porta de ligação e atravessou a pequena sala de estar, adentrando o quarto de Grant.

Ao entrar, notou que o valete de Grant, Briggs, estava arrumando uma pilha de gravatas. Assustado, o jovem criado fez uma reverência, surpreso com sua visita.

— Milady.

— Briggs. Meu marido expressou a opinião de que deveria descansar um pouco, enquanto ele estiver fora.

— Sua Senhoria mencionou isso, milady? — parecia incerto.

— Eu o vi conversando com aquela linda criada, Alice, no jardim de rosas, ontem. Ela está lá de novo, conversando com um dos jardineiros.

Os olhos de Briggs se arregalaram — Acredito que vou tomar um ar fresco, milady. — disse, com voz tensa.

Após o valete sair às pressas, Mercy voltou sua atenção para a cômoda e, em seguida, para o guarda-roupa. Os casacos exalavam o cheiro do marido, envolvendo seus sentidos. Ela sentia que era vergonhoso bisbilhotar as coisas do esposo e que deveria se sentir culpada. Talvez essa culpabilidade viesse mais tarde. No entanto, naquele momento, era necessário descobrir exatamente quais negócios urgentes o haviam levado para longe de casa.

Vinte minutos se passaram e, após não encontrar nada de interessante, seu olhar se fixou na maleta dele. Ao abrir a bolsa, deparou-se com diversos papéis. Mercy decidiu levar a mala para o quarto, onde poderia procurar sem

ser detectada e verificar se algum segredo era revelado.

Sua decepção apenas crescia enquanto empilhava diversas contas, provenientes de diferentes fornecedores. Entre elas estavam as faturas da Westons, a alfaiataria de Grant, a conta de George Hoby por um par de botas de cano alto, bem como outras faturas referentes a lençóis, ceroulas e outros itens não especificados na tabela. A maioria dessas contas já havia sido paga. Em meio a essa pilha de papéis, havia também uma carta do coronel Black, na qual ele oferecia os seus parabéns. Apesar de inicialmente quase ignorá-la, ao começar a ler, seu coração começou a bater de forma acelerada. As últimas palavras da mensagem a fizeram levantar-se da cadeira abruptamente. ... *é importante mencionar a morte de Scullen... meus homens estão encarregados de obter todos os detalhes pertinentes a esse caso...*

Mercy, após recolher todos os documentos, restituiu a maleta ao quarto de Grant. Caminhou, então, de um lado para o outro, em seu próprio quarto, até que decidiu fazer uma pausa para reorganizar suas escovas na penteadeira. Ao fitar-se no espelho, notou que seus olhos estavam amplamente abertos e escuros. O que aquilo poderia significar? Talvez isso justificasse as misteriosas viagens do marido. Até mesmo naquela noite, nos Jardins de Vauxhall, ele havia saído para encontrar alguém. Mas o que ela deveria fazer? Não estava em sua natureza esconder algo dele, mas, caso ele descobrisse que o espiara, certamente ficaria furioso. Poderia enfrentar sua ira, mas seria prudente contar-lhe a verdade?

Sentou-se pesadamente em uma cadeira e olhou fixamente para a grade vazia à sua frente, desejando intensamente poder contar com o apoio de Honor ou Charity. Pressionou os lábios, consciente de que não poderia contar com isso e que teria que enfrentar a situação sozinha. Seu marido estava envolvido em algum tipo de negócio perigoso com o coronel Black. Quão difícil deve ter sido para ele tentar esconder isso dela. O fato de estarem casados tornava as coisas ainda mais complicadas. Recordou-se da conversa com seu pai, durante a viagem de carruagem rumo à igreja, quando ele havia oferecido a Grant a oportunidade de recuar. No entanto, ele havia afirmado veementemente que desejava se casar com ela. E assim fez, mesmo que o casamento fosse a última coisa que desejasse. A emoção tomou conta de Mercy ao lembrar de tudo aquilo.

No dia seguinte, Wolf chegou. Com um uivo de alegria, o cão saltou da carroça que o havia trazido de Tunbridge Wells e lançou-se ao lado de Mercy, suas patas enormes e empoeiradas empurrando-a para trás, seu rabo plumado balançando freneticamente.

— *Wolf!* — acariciou a cabeça do cachorro e esfregou suas orelhas acetinadas. Seus olhos se encheram de lágrimas — Venha, meu garoto, vamos conhecer a família. — respirou fundo. Devia acomodar o cachorro antes do retorno de Grant. Eles tinham muito o que conversar.



Grant se deparou com uma cena na linha férrea que chamou sua atenção.

Os trabalhadores estavam ocupados, aparafusando novas talas de junção, as peças de metal responsáveis por unir os trilhos. Enquanto isso, um guarda passava a cavalo, possivelmente tentando vigiar a extensão da linha férrea. O visconde percebeu o quão fútil era esta tarefa, afinal, bastava que alguém tivesse a intenção de destruí-la para que todo o esforço de vigilância fosse em vão.

Cumprimentou os trabalhadores e continuou seu caminho, virando seu cavalo em direção a uma pista coberta de mato, que levava aos portões da frente de Fury. Esperava encontrar o homem em casa e disposto a perdoar uma visita improvisada. Ainda não tinha tido a oportunidade de cavalgar até Harrogate e a ideia de voltar para Mercy parecia distante. Suspirou, lamentando o fato de que levaria vários dias até que pudesse retornar para casa.

Fury era o herdeiro de um baronato, o que lhe conferia um certo status social. No entanto, Grant notou que ele estava distante de seu pai nos últimos anos. Sua residência, em comparação com a imponente propriedade de Houghton Park, era consideravelmente menor e menos impressionante. O edifício de três andares, feito de pedra, tinha sinais de descascamento na madeira. É possível que Fury estivesse enfrentando dificuldades financeiras, já que vendeu parte de suas terras para a ferrovia. Geralmente, os cavalheiros resistiam a se desfazer de suas propriedades, mas Houghton havia feito o mesmo. Seria essa uma ligação entre eles? Ou seria apenas uma estratégia prática para permitir a passagem da ferrovia e, conseqüentemente, beneficiar-se das ações?



Após entregar seu cartão ao mordomo, Grant foi conduzido a uma sala de estar modestamente mobiliada. Nesse momento, a Srta. Fury adentrou o cômodo, trajando um vestido estampado azul pastel, o qual a fazia parecer ainda mais pálida do que da última vez que a viu.

— Lorde Northcliffe, é um prazer vê-lo novamente. Meu irmão está cavalgando com seu administrador. Acredito que chegará em breve. O senhor se importa em esperar? — sentou-se perto da lareira.

O visconde sentou-se em uma cadeira localizada à sua frente — Fico feliz em vê-la com melhor saúde, Srta. Fury.

A declaração pareceu afligi-la. Sua mão foi para seus cabelos loiros finos e ela pulou da cadeira — Por favor, perdoe minhas más maneiras. Pedirei uma bandeja de chá.

Após terminarem o chá e esgotarem diversos tópicos de conversa, como a saúde do rei, o clima, o estado lamentável do país e a recente presença de figuras importantes nas assembleias de York, os nervos de ambos foram se desgastando a cada minuto. Enquanto isso, a Srta. Fury ficava cada vez mais agitada, seus dedos tremiam ao segurar a franja do xale.

— A senhorita parecia um tanto abatida no baile de Lady Millburn. — disse Grant, percebendo que ela havia evitado o assunto anteriormente.

Esperava que isso pudesse torná-la mais aberta e disposta a lhe falar.

— Não, eu peguei um resfriado. Meu irmão achou melhor voltar para casa. — ajustou o xale nos ombros, mesmo com o calor irradiante do fogo de carvão na lareira — Não me importo muito com a sociedade londrina, então não me importei. Só concordei em visitar a cidade porque Ambrose desejou.

A porta se abriu e um homem entrou na sala. Tinha cabelos escuros e grisalhos, além de estatura mediana. Sua maneira de agir e a aparência sugeriam que ele era um ex-militar. Seu rosto apresentava contornos afiados, dando uma expressão severa, mas isso poderia ser enganador. Ao olhar para sua delicada irmã, sua expressão certamente se suavizou.

Grant se levantou — Perdoe-me por ter aparecido sem aviso prévio, Sr. Fury, mas acabei de visitar Lady Haighton. Ela mencionou que o senhor vendeu algumas de suas terras para a companhia Stockton & Darlington, para a construção da ferrovia. Parte das linhas foram danificadas. Gostaria da sua opinião sobre o assunto.

Fury fez um gesto para que Grant se sentasse novamente, enquanto ele ocupava a cadeira do lado oposto.

— Outro ataque lamentável. Esses canalhas não estão dispostos a deixar as coisas de lado. Fico angustiado ao ver um pensamento tão retrógrado. Gosto de incentivar os avanços na indústria, sempre que posso.

— Meus pensamentos, exatamente. A ideia de viajar de trem é excitante, não acha? — Grant franziu a testa — E me angustia que algumas pessoas reajam de forma tão violenta para deter esse progresso. Tem alguma ideia de quem está por trás dessa destruição?

— Ainda não, receio. Na verdade, acabei de voltar da ferrovia, estava analisando os danos. — Fury encolheu os ombros — Que ato fútil. Não há como parar o progresso. Já sofremos violência suficiente contra indústrias, no norte, as usinas e assim por diante. Nada disso fez bem nenhum, diabos! — lançou um olhar para a irmã — Desculpe pelo linguajar, minha querida.

Esta assentiu, em silêncio.

— Eles não podem esperar ter sucesso. — disse Grant.

Fury o olhou, mas a expressão em seus olhos pretos era difícil de ler — Não consigo imaginar o que eles pensam em conseguir com isso, o senhor sabe?

— Não. Mas, como comprei ações da empresa que caíram drasticamente agora, tenho interesse em descobrir.

Fury ergueu as sobrancelhas pretas — Ah, entendi. Não tenho nenhuma. Prefiro empresas mais sólidas e confiáveis, embora, hoje em dia... — encolheu os ombros — Gostaria de sair e inspecionar os danos? Eu poderia acompanhá-lo. Os trabalhadores estão quase terminando os reparos. Serão consertados até amanhã, mas, por quanto tempo... — deu de ombros novamente.

— Então não parece fazer muito sentido. — Grant se levantou — Mas, de qualquer forma, obrigado por me receber.

— O senhor tem uma viagem longa pela frente, se estiver indo para a propriedade da sua família. Fica perto de York, não é mesmo?

O visconde assentiu — Sim. Mas primeiro tenho negócios em Harrogate. Temo ter que passar a noite lá. Não estou familiarizado com aquela cidade, pode me recomendar uma boa estalagem?

— Conheço o senhorio da *The Rabbit and Fox*. Eu me hospedo lá, vez ou outra. É bem administrado.

— Poderia fazer a gentileza de me fornecer o nome dele e um mapa aproximado, com as instruções? Eu ficaria muito grato.

Fury parou e, em seguida, dirigiu-se em direção à porta. Após alguns minutos, retornou, portando um pedaço de papel contendo um mapa rudimentar, acompanhado das informações requisitadas.

— É muito gentil da sua parte. — disse Grant. Curvou-se para a Srta. Fury, que não havia proferido uma palavra desde que seu irmão chegou — Tenha um bom dia, Srta. Fury. Fico feliz em vê-la se sentindo melhor.

— Obrigado, senhor. Eu me recuperei completamente do resfriado. — fez uma reverência, escondendo o rosto de Grant, mas não antes que ele percebesse um olhar de alarme em seus olhos cinzas.

Fury deu-lhe um olhar de soslaio, mas não fez comentários.

Um cavaliço estava esperando com Ares quando Grant saiu da casa. Este não descobriu nada que pudesse agradar a Black, mas sentiu uma sensação de formigamento na parte de trás do pescoço. Esse sentimento já havia sido um sinal confiável no passado, indicando que algo não estava certo ali.

Quando cavalgou o suficiente para ficar fora da vista da casa, parou para retirar o mapa e a carta ameaçadora de Haighton do bolso. Embora Fury estivesse em Londres quando Haighton foi baleado, isso não descartava sua possível participação. Os contornos aproximados do mapa e o nome do proprietário, William Hobbs, no *Rabbit and Fox Inn*, não eram suficientes para ter certeza de que foram escritos pela mesma pessoa. Ao comparar as letras cursivas do “W”, “H” e “I”, percebeu que era possível, mas não conclusivo. Colocou os papéis de volta no bolso do casaco e seguiu em frente.

Capítulo dezenove

— Então, este é o seu cachorro Wolf? — o duque perguntou, com as sobrancelhas franzidas. O animal se aproximou e lambeu sua mão — De que raça ele é?

— Wolf é um spaniel tweed. A raça é originária de Northumberland, de onde ele vem. Papai teve um quando menino. — Mercy engoliu em seco. Estava tão nervosa que sua boca estava seca.

— Não é parte lobo, então? É um sujeito extraordinário. — disse o duque, rindo.

Ofegando furiosamente, Jasper e Julian deixaram suas cestas perto da lareira da sala de estar para investigar, abanando seus rabos e saltando para o visitante interessante. Wolf aceitou em boa parte — Sente-se, Wolf. — Mercy ordenou e o cachorro obedeceu.

— Ele é bem-educado, pelo menos.

Ela respirou fundo — Wolf só se descontrola quando alguém me ataca.

— E isso acontece com frequência? — o duque perguntou, com o brilho escandaloso aparecendo em seus olhos.

A jovem riu — Não.

— Sente-se, minha querida, parece estar prestes a explodir. Eu gosto do seu cachorro. — disse o duque — Podemos jogar um pouco de *whist*?

— É claro. Devo servir uma taça de vinho primeiro?

Ele pegou as cartas — Sim, faz isso tão bem. Meu laçao está provavelmente ofendido.

Enquanto embaralhava, olhou para ela — Talvez vejamos Grant em casa, antes do anoitecer.

Mercy foi para a mesa da bebida, na qual uma garrafa de vinho tinto havia sido deixada para respirar. Sua barriga contraiu — Espero que sim.

— Tem sido incrivelmente paciente, não tenho certeza se meu neto merece.

— Tenho certeza de que o motivo que o fez viajar foi importante. — disse, servindo ao duque um copo do líquido carmesim.

— Acredito que sim. — disse o duque de forma ambígua, enquanto aceitava o copo.

Mercy ponderou seriamente a ideia de contar a Grant sobre a descoberta da carta de Black. No entanto, decidiu não o fazer, temendo que isso pudesse distraí-lo do que quer que estivesse ocupado fazendo. Preocupada com a segurança dele, optou por manter o segredo, por enquanto.

No fim da tarde, ela e Wolf decidiram fazer uma caminhada pela floresta, em direção ao rio. Ao chegarem lá, foram envolvidos pelos aromas fortes do musgo e da água com junco. Enquanto o cachorro investigava a toca de algum ser da floresta, Mercy encontrou um carvalho retorcido, no qual pôde se recostar. Enquanto observava o rio passando diante de seus olhos, iluminado

pelos raios solares, fechou os olhos e pensou em Grant. Estaria em casa em breve?

De repente, seus ouvidos captaram o som de passos leves, que agitavam as pilhas de folhas secas espalhadas pelo chão da floresta. Imediatamente, ela abriu os olhos.

— Grant! — seu coração pulou ao ver seu belo marido. Apesar de seu trabalho exigente, parecia relaxado e em forma. Esperou que ele a castigasse por andar sozinha. Em vez disso, ele sorriu amplamente.

— Elisson me disse que estaria aqui.

Queria se jogar em seus braços, mas Wolf se postou entre ela e o intruso.

— Está tudo bem, Wolf, é apenas Grant. Ele é um excelente cão de guarda. — explicou Mercy. Não queria que o marido se preocupasse com a sua segurança.

— Este é o Wolf? — quando Grant se agachou, o cão veio até ele. O visconde acariciou suas costas e o coçou atrás de sua orelha — Eu conheço esta raça, ele é muito bonito. — Wolf mostrou sua aprovação, lambendo seu rosto e quase o empurrando. Grant se esquivou com uma risada de protesto.

Cães são sempre bons juízes de caráter, pensou Mercy.

— Imaginei um cachorrinho bobo, como os que as mulheres costumam gostar. — endireitou-se — Está constantemente me surpreendendo.

Ela tremeu sob o calor do olhar dele — Espero que sua viagem tenha sido bem-sucedida.

— Uhum — ele franziu a testa e ela se arrependeu de perguntar. Não esperava que ele lhe dissesse nada.

Grant deslizou uma mão pela cintura dela, pegou-lhe o queixo na mão e a beijou.

— Sentiu minha falta?

Ela enrolou os braços em volta do seu pescoço e olhou em seus olhos castanhos inquisitivos — Sim. — disse, com um longo suspiro — E sentiu saudades minhas?

Ele riu e apertou o aperto — A cada minuto.

Com um sorriso no rosto, ela deslizou a mão sobre o colete de seda creme em seu peito largo e balançou a cabeça em aprovação.

— Vejo que terei que convencê-la. Pretendo compensar minha negligência, querida.

Ela se libertou e olhou para ele. Queria ouvi-lo dizer que a amava. Queria tanto, que seu peito doía.

Ele tocou levemente a covinha no canto da sua boca, fazendo-a tremer ainda mais — Teremos uma lua cheia na noite de sábado. Uma dança especial de primavera será realizada na Assembleia de York. Gostaria de dançar comigo?

— É claro, eu adoraria.

— Não gosto de ver essas sombras sob seus olhos.

Ela sabia que não estava com a melhor aparência — Não tenho dormido

bem — descansou a cabeça contra o peito dele, adentrando em uma sensação agradável ao respirar o seu aroma familiar. Seu coração passou a bater em sincronia com o dele, transmitindo a sua completa satisfação ao estar envolta em seus braços.

— Vou me esforçar para que durma tranquilamente esta noite. — sua voz rouca ecoou em seus ouvidos, suas palavras a excitando. Ela queria que fosse sempre assim entre eles, mas, ao mesmo tempo, temia o futuro.

Pegou-lhe a mão e os dois caminharam juntos, de volta pela floresta. Os seus passos liberavam aromas intensos de terra, permeando o ar ao redor. Wolf mergulhou sob um tronco coberto de musgo e emergiu do outro lado, com a língua para fora.

— Como está o vovô?

— Ele parece bem. Tem me ensinado os pontos mais delicados do xadrez.

Grant sorriu — Não me surpreende.

— Nunca saberei o suficiente para desafiá-lo.

Eles se aproximaram da casa, entraram e encontraram o duque em sua cadeira favorita, na sala de estar — Grant! Seja bem-vindo de volta à casa, meu garoto!

— Como está, vovô?

— De razoável para mediano. — sorriu para Mercy — Desfrutei de uma excelente companhia na sua ausência.

O laçao limpou os pés enlameados de Wolf e o soltou na sala de estar. O cão correu para tirar os dois spaniels de suas cestas e os três brincaram pelo tapete.

— Gostaria de uma manta? — Mercy perguntou ao duque — O dia esfriou.

— Obrigado, minha querida.

Ela pegou a manta de caxemira e a colocou sobre os ombros dele.

Ele deu um tapinha na mão dela — Uma taça daquele Borgonha que Charles decantou.

Quando ela foi para a mesa, o duque se virou para Grant — Notará que fui terrivelmente mimado.

Este riu — Pelo que vejo.

Mercy voltou com uma taça de vinho de cristal — Vou levar os cachorros para jantar na cozinha.

Meia hora depois, ela hesitou na porta da sala de estar, não querendo interromper uma conversa intensa entre Grant e o duque.

— Então, descobriu alguma novidade em Harrogate? — o senhor perguntou.

— Uma perda do meu tempo. O secretário de Haighton não estava lá. No entanto, ainda suspeito de Ambrose Fury. Algo está errado naquela casa, que pode ou não estar ligada a Haighton. O que o senhor acha disso? — ouviu um farfalhar de papel — Essas letras pertencem à mesma pessoa?

— Hmmm. Certamente é possível. Mas duvido que a disputa de um vizinho por terra acabe em assassinato a sangue-frio.

— Eu concordo... — Grant começou — Vovô, há mais uma coisa que devo perguntar... — virou-se quando Mercy, não querendo mais escutar, entrou na sala.

A conversa se voltou para os cavalos e a nova safra de puros-sangues do Marquês de Strathairn, com destino a Newmarket.



Quando Grant entrou no quarto de Mercy, foi recebido com seu sorriso caloroso, quando ela se levantou da cadeira. Ele sentiu que ela tinha vontade de perguntar-lhe sobre suas viagens, mas ficou aliviado por não o ter feito. Talvez, em breve, ele pudesse compartilhar tudo com ela. Não sabia por que Mercy o havia perdoado, mas descobriria o motivo em outro momento. Agora, tudo o que lhe importava era o doce encontro de seus lábios, que fazia seu coração parar, e como os fios sedosos do seu cabelo, soltos sobre seus ombros, roçavam seu rosto, enquanto ele beijava seu pescoço. Durante toda a manhã, em seu caminho de volta para casa, havia pensado somente nisso, estava ansioso para vê-la. Segurou-lhe o rosto com as mãos, e ela retribuiu os beijos, com uma paixão desenfreada. Sob seu roupão, as curvas e depressões do corpo exuberante dela acolhiam seus toques calorosos.

— Mercy! —ele beijou sua delicada clavícula e a pele sedosa de seu pescoço, depois a pegou no colo e a levou até a cama. Garantiria que esta noite fosse memorável para ambos. Quem sabia quanto tempo teriam juntos, antes dele ser chamado para Londres?



Na noite de sábado, Mercy desceu as escadas impecavelmente adornada com luvas lilás, exibindo um vestido de tafetá de seda lilás, com mangas de tule frágil. Grant, inteiramente ciente das particularidades daquela indumentária, foi minuciosamente informado por ela, enquanto repousavam na cama, algumas horas antes. Naquele momento íntimo, após uma tarde longa e prazerosa de amor, que ainda não havia aplacado sua ânsia por ela, a memória de seus toques, súplicas e clamores, o fazia desejar retornar ao aposento com a esposa. No entanto, comprometido em proporcionar uma noite de socialização e dança, manteve sua promessa de não lhe desapontar.

— Meu amor. — colocou sua capa de noite nos ombros dela — Estava certa. Este vestido a favorece muito, está muito linda.

Seus olhos azuis dançaram — Estava me ouvindo, então.

— É claro que eu estava. — insistiu, fabricando uma indignação — Ouça cada palavra sua, mesmo quando exausto e meio adormecido.

Um rubor rosado cobriu suas bochechas e ela olhou para o mordomo que esperava na entrada.

Grant sorriu enquanto a acompanhava até a carruagem.



A assembleia estava lotada, às vinte horas. No salão de baile aquecido e excessivamente perfumado, os músicos locais tocaram os últimos acordes,

enquanto uma quadrilha terminava e os dançarinos se separavam, graciosamente. Aparentada de Mercy por casamento, Lady Sibella, Marquesa de Strathairn, acenou-lhe.

Os olhos verde azulados de Sibella brilharam — Mercy, como está encantadora. — disse.

Juntou-se a eles, nas cadeiras ao redor da pista de dança, o marido de Sibella. Grant logo estava discutindo sobre cavalos com o marquês, que era um dos homens mais experientes que ele conhecia sobre o assunto. Strathairn havia criado Ares, o melhor castrado que Grant já possuía.

O mestre de cerimônias anunciou uma dança campestre, e os casais logo tomaram seus lugares. Quando Mercy foi reivindicada para uma dança, Grant deixou o salão em busca de Black, que mandou dizer que compareceria esta noite. Procurou-o na sala de jogos, na sala de jantar, e logo o encontrou na sala de bilhar, fumando um charuto. O coronel acenou-lhe quando entrou pela porta. Momentos depois, caminharam até o final da sala, conversando.

Grant o informou sobre seus últimos dias, enquanto ele ficava de olho nos dois homens que pegaram fichas para jogar bilhar — Alguma coisa sobre o assassino de Scullen?

— Ele morreu. — os ombros de Black caíram — Devíamos ter trazido Scullen para mais perto. Decidir observá-lo foi um erro. Não adianta nada morto.

— O assassino dele não disse nada?

— Nem uma palavra. A sorte não está do nosso lado. — disse Black, mal-humorado — Há murmúrios impacientes vindos de Whitehall.

Grant passou os dois pedaços de papel para ele — Faça disso o que achar conveniente.

Alguns minutos depois, o coronel apagou o charuto — Nada conclusivo, mas interessante. Vi Fury, mais cedo. Ele está aqui, esta noite.

Capítulo vinte

Após a conclusão de uma dança tradicional escocesa, Mercy percebeu que um alfinete de pérola havia se soltado de seu cabelo. Com educação, pediu licença e dirigiu-se à sala das damas, para resolver o problema. Enquanto estava ocupada com isso, no entanto, notou que Sir Ewan Snowdon estava conversando animadamente com um homem de cabelos escuros, ambos de costas para ela.

— Preciso lhe falar, Fury. — Snowdon parecia furioso. Deixaram as salas de reunião por uma porta lateral. Mercy se lembrou de Grant falando sobre Fury com seu avô. Deslocou-se rapidamente até a janela do segundo andar, que estava aberta, e se escondeu atrás da cortina, para observar a conversa entre os homens, que agora estavam abaixo, nas pedras do calçamento. O som de suas vozes preenchia o ar noturno.

— Seu tolo. — Sir Ewan estourou com ele — Eu avisei para não se vingar de Haighton.

— Eles não podem me acusar do assassinato. Eu estava em Londres quando Haighton foi baleado.

— É um tolo arrogante, se acredita que eles não vão descobrir.

Ao ataque de Sir Ewan, Fury recuou. A luz das velas, filtrada pela janela, iluminava seu rosto.

Chocada, Mercy se aproximou da janela, para ouvir melhor suas palavras baixas.

— Queria Haighton morto. — acusou Fury, com um sorriso de escárnio — Combina perfeitamente com seus planos. Agora pode seduzir a viúva e colocar as mãos na fortuna de Haighton.

— Militares, não entendem a arte da sutileza. Por vezes, agem de forma impensada, pisoteando em tudo à sua frente, sem levar em consideração as consequências disso.

Fury balançou a cabeça e olhou para cima, de repente.

Mercy se escondeu novamente atrás das cortinas, seu coração estava batendo forte, quando as vozes abaixo dela cessaram abruptamente.

Devem ter percebido o movimento da cortina. Surpreendida, imediatamente foi em busca de Grant, mas sua procura foi em vão entre os convidados que entravam na sala de jantar. Determinada, adentrou o local, lembrando-se de que ele prometera acompanhá-la no jantar. Sem sucesso. Todavia, ele também não estava na sala de jogos. No salão de baile, ela, já com os cabelos desalinhados, empurrou a multidão, em busca de seu marido. Parecia alheia àqueles que a observavam fixamente. Onde ele estaria?

Com um olhar de preocupação, Sibella correu até ela — O que está acontecendo, Mercy?

De repente, percebeu o escândalo que estava criando. Grant não a agradeceria por isso — Estou procurando por Northcliffe. — disse, tentando

colocar a mecha de cabelo de volta no lugar.

— Por favor, permita-me ajudá-la. — Sibella a pegou pelo braço e a conduziu para fora da sala, afastando-se de um bulício.

No corredor, Mercy parou — É uma questão de urgência, Sibella. Preciso encontrar Grant. Receio não poder dizer o porquê.

Os olhos de Sibella ficaram preocupados — Então vamos procurá-lo juntas.

Na sala de bilhar, dois homens estavam inclinados sobre a mesa, mas não havia sinal de Grant.

— Devo pedir ao meu marido para procurá-lo, enquanto se recompõe?

Mercy respirou fundo, admitia o sentido daquele plano. Estava atraindo uma multidão de espectadores interessados — Se puder fazer isso por mim.

Enquanto caminhava em direção ao vestiário feminino, a porta de uma rua lateral se abriu e Sir Ewan entrou.

Mercy hesitou, dominada pelo medo. Antes que pudesse dar um passo para trás, ele deu um passo à frente e levantou a mão para detê-la.

— Lady Northcliffe. Eu estava esperando aprender um pouco mais sobre o seu negócio.

Seus dedos nervosos tentaram ajeitar os seus cabelos — Estou grata pelo seu interesse, mas não posso discutir isso agora, Sir Ewan. Estou procurando Northcliffe.

— Ele está lá fora, na rua. Desfrutando de um charuto com o Coronel Black. — sorriu — Fumar é desaprovado nos salões de festa.

Ela olhou para Sir Ewan com incerteza. Era improvável que ele a tivesse visto na janela, e mesmo se tivesse, provavelmente não daria importância. Desviando seu olhar, seguiu em frente, passando por ele até a porta aberta e observou o exterior. Sentiu uma mão em suas costas, incentivando-a a avançar.

— Black parece ter ido embora, mas seu marido permanece ao lado do poste de luz. Consegue ver?

Uma figura sombreada esperava além do círculo de luz, o brilho de seu charuto iluminando a escuridão. Devia ser ele, pois não o encontrara em nenhum dos cômodos anteriores. Ansiosa por se afastar de Sir Ewan, ela desceu correndo os degraus e atravessou as pedras do calçamento, quando lhe ocorreu que nunca tinha visto Grant fumar. É verdade que ele poderia fazer isso na companhia de outros homens, porém, não parecia possível que aquele homem fosse Grant, pois não possuía a altura característica dele. De repente, parou de caminhar, quando percebeu a presença de Sir Ewan atrás dela. O homem misterioso jogou fora o charuto e saiu das sombras. O rosto estreito e sério de Fury parecia ter sido esculpido em uma pedra.

Ela se afastou — Onde está Lorde Northcliffe? — perguntou, sem fôlego.

Fury se moveu, mas Mercy mal teve tempo de assimilar o golpe que recebeu no queixo, pois, em questão de segundos, uma escuridão a envolveu completamente.



Enquanto isso, Sibella correu ansiosamente atrás de Grant, que entrava pela porta da frente, após ter acompanhado Black, para que voltasse a Londres — Mercy está tentando encontrá-lo. Ela parece chateada, não me disse o porquê.

Já dentro do salão de baile, preenchido pela atmosfera esfumada e barulhenta, ele direcionou seu olhar para o rosto aflito de Lady Strathairn, que se encontrava sob o brilho do lustre de cristal — Eu esperava encontrá-la aqui, dançaremos a valsa.

— Ela foi ao vestiário para arrumar o cabelo, já deveria ter voltado.

Grant ficou tenso. Certamente nada poderia acontecer com ela aqui, não? — Se importaria de ver se ela está lá?

— Sim, é claro.

Um momento depois, Sibella emergiu — Mercy não está lá dentro. Isso é, de fato, estranho. A criada disse que não a viu. Talvez ela esteja procurando pelo senhor no bilhar ou nas salas de jogos.

Outra busca frenética e não conseguiram encontrá-la.

O sangue de Grant esfriou. Sempre temeu que seu trabalho colocasse Mercy em perigo. Mas, com certeza, estava errado. Ela apareceria a qualquer momento. Strathairn, marido de Sibella, encontrou-os quando entraram novamente no salão de baile.

— Não me prometeu a valsa, meu amor?

— Sinto muito, meu querido. Mas Mercy parece ter desaparecido.

Suas sobranceiras claras se arquearam — Desaparecido do baile?

— Tememos que sim. Não conseguimos encontrá-la em lugar algum. — disse, enquanto Grant iniciava outro passeio pela sala, procurando os grupos de mulheres, nos bancos ao longo das paredes. Voltou balançando a cabeça, preocupado, o peito apertado. Onde ela estava?

— Vamos encontrá-la. — disse Strathairn — O salão está cheio, hoje. Podemos estar nos desencontrando. Sibella, talvez seja melhor deixar que Northcliffe e eu tomemos conta disso. Misture-se, minha querida, e fique de olho nela. Pergunte sutilmente se alguém a viu. Não queremos causar um alvoroço.

— Muito bem. — com uma carranca preocupada, Sibella se afastou.

— É muito gentil da sua parte, Strathairn, mas eu posso tomar conta disso. — o olhar de Grant varreu a multidão, seu coração já estava batendo loucamente. Não queria ser detido em conversa, queria encontrar Mercy.

— Pode me dar um momento? — Strathairn perguntou — Lá fora. Preciso lhe falar em particular.

— Lá fora? — Grant resistiu — Preciso fazer perguntas, alguém pode tê-la visto.

— Serei breve.

— Será necessário. — quando o choque cedeu à raiva e depois ao frio, Grant o seguiu até a rua, onde uma brisa fria cheirava a excrementos de cavalo.

— Trabalha para Black. — afirmou Strathairn sem rodeios, enquanto observavam uma carruagem se afastar.

Grant olhou-lhe, o que ele sabia sobre esse homem estava em desacordo com o que agora suspeitava. John Haldane havia se casado com a família Brandreth quando se casou com Sibella, irmã de Edward e Vaughn. Ele estava ciente do distinto trabalho de Strathairn na Câmara dos Lordes, e que o marquesado lhe foi concedido pelo rei por um ato de valor — Era um agente da inteligência?

Strathairn assentiu — Aposentado. Mas duas cabeças são melhores do que uma. Está investigando a morte de Haighton, não está? Ele era meu amigo. Eu gostaria muito de colocar minhas mãos no seu assassino. Mas, primeiro, devemos ter certeza de que sua esposa está segura. Alguém poderia tê-la levado?

Grant passou as mãos pelos cabelos — Esse é o problema, não sei. Suspeito que Ambrose Fury tenha usado de trapaça, mas por que ele a levaria? — encolheu os ombros, não querendo falar. Precisava agir.

— Eu vi o sujeito, essa noite.

Grant olhou-o. Ele se afastou para entrar no edifício — Vamos ver se ele ainda está aqui.

Strathairn estava caminhando em direção à porta da frente, quando um lacaios saiu correndo — Ouvi dizer que está procurando Lady Mercy, milorde.

Grant agarrou seu braço — Diga-me o que sabe, homem!

— Eu vi a senhora na rua, com dois cavalheiros.

— Aqui?

— Não. Virando a esquina. As janelas superiores dão para baixo...

Amaldiçoando, Grant quase estrangulou o homem infeliz — Quem eram eles? Há quanto tempo?

O lacaios tropeçou — Mais ou menos quinze minutos. — ofegou — Não pensei em nada, até ouvir que o senhor estava procurando a senhora. Reconheci um deles. Sir Ewan Snowdon.

Mercy estava buscando parceria para o seu empreendimento? Grant queria desesperadamente acreditar, mas não fazia sentido. Ela nunca deixaria o baile voluntariamente — Descreva o outro homem.

— Ele era forte e tinha cabelos escuros.

— Pode ser Fury. — disse Grant a Strathairn entre os dentes. Mercy! Sua amada! Não poderia viver sem ela. Não viveria!

Contornaram a esquina, mas a rua estava vazia.

Capítulo vinte e um

O que estava causando aquele balanço? Sua cabeça e o seu queixo doíam abominavelmente. Onde estava? Mercy abriu os olhos, em busca de respostas. No entanto, a luz fraca dentro da carruagem revelou que não estava sozinha, e, por isso, rapidamente fechou os olhos novamente.

— É um idiota precipitado, Ambrose. — disse a voz de Sir Ewan — Deveríamos ter falado com a garota primeiro. Ela pode não ter ouvido nada. — Mercy não conhecia essa pessoa chamada Ambrose. O que ele queria com ela? Tentou reprimir o tremor.

— Ela ouviu, por qual outro motivo estaria escondida atrás da cortina? O marido dela tem bisbilhotado minha propriedade e tem feito perguntas.

— Não considero isso uma preocupação. A investigação dos ataques ferroviários ficou a cargo de Northcliffe. Ele é apenas um dos jovens aristocratas ociosos, em busca de ocupação, até que herdem suas propriedades. Provavelmente, ele se envolve com apostas no mercado de ações. Não teriam motivos para suspeitar de você, a menos que Lady Haighton tenha lido as cartas de sua irmã para o marido, antes que as roubasse. No entanto, ela não mencionou nada sobre isso para mim. — abaixou o tom de voz e Mercy precisou fazer um esforço para ouvi-lo — O que vamos fazer com a garota? Ela pode nos acusar.

— Cuidaremos dela quando chegarmos à minha propriedade. Lá tem um pântano onde ela pode desaparecer para sempre.

Mercy desejou poder tapar os ouvidos. Queria gritar. Seu coração batia tão forte, que tinha certeza de que eles podiam ouvir.

— Maldito idiota assassino! Eu não aprovo matar. Não vou ser enforcado por suas ações. Por que matou Haighton?

— Cuidado com o que diz ou vai desaparecer junto com a garota.

— Ela não é uma garota qualquer, é uma viscondessa, filha de um conde! Acha que eles não investigarão? Não deixarão pedra sobre pedra.

— Não tem como as autoridades saberem que eu estou por trás disso. Eu estava em York quando mandei matar Scullen, em Londres. Homens mortos não contam segredos.

Ela lutou para respirar. Com as janelas fechadas, o ar estava abafado, cheirando a pomada, charutos e cavalo.

— Excessivamente difícil.

Mercy sentiu uma grande mão em seu joelho. Chocada, lutou para ficar quieta e controlar sua respiração.

— Eu gostava dela. Era muito interessante. Inteligente. — Sir Ewan disse.

— Inteligente demais para o seu próprio bem.

Estavam falando como se ela já estivesse morta. O que poderia fazer? Estava com a sua retícula, porque pretendia arrumar o cabelo. As fitas estavam emaranhadas em seu pulso. Tentou se lembrar do que continha nela.

— A morte de Haighton foi uma loucura. E essa terrível loucura é a causa de toda essa confusão em que estamos. Descobri alguns acionistas dispostos a comprar pequenas quantidades de ações em seus próprios nomes, o que nos permitiria escapar da atenção indesejada. Se tivesse sido paciente e aguardado o momento ideal, essas ações certamente teriam nos proporcionado riqueza. *Maldito seja!* Não está na guerra agora.

— O maldito Haighton deveria ter mantido as mãos longe da minha irmã. Catherine está grávida. Devo mandá-la para longe, para ter o bebê.

— Ela parecia mais do que disposta.

— Seu canalha! — sua luta atingiu a perna de Mercy. Ela se atreveu a abrir um olho. Fury segurava uma faca na garganta de Sir Ewan — Eu também deveria lidar contigo. — rosnou — Simplificaria muito a situação.

Sir Ewan cedeu e levantou as mãos — Não se precipite, Fury. Tem um péssimo temperamento.

Fury recostou-se nas almofadas e tirou um frasco do bolso. Tomou um gole longo. — Não quero derramar sangue na carruagem e fazer com que o cocheiro testemunhe. Terei que pagá-lo do jeito que está. Caso contrário, estaria em Hades.

— Vamos manter as coisas como estão, até chegarmos à sua casa, chegaremos lá em uma hora. Não há sentido em ficar irritado, uma vez que são nesses momentos que os erros são cometidos. Poderia me dar um pouco disso, por favor? Sinto-me tão nervoso, como se a morte estivesse a apenas um sopro de distância.

Fury rosnou, mas obedeceu às ordens, e os homens permaneceram em silêncio. Seu tremor era impossível de controlar. Felizmente, Sir Ewan não fez mais nenhuma tentativa de tocá-la. Para se acalmar, examinou o conteúdo da bolsa, escondida sob as saias. Sempre carregava um pente, embora fosse inútil, grampos de cabelo e alfinetes menores, para o caso de rasgões, igualmente inúteis. Havia também um frasco de seu perfume floral caseiro, um lápis e um pequeno espelho.



Grant ficou parado na estrada, com a garganta tão apertada que mal conseguia respirar — Eles não arriscariam permanecer em York. Mas não podem ter ido longe. *Infernos!* Meus cocheiros descansaram os cavalos. Eu disse para que esperassem na taverna.

— E minha carruagem só chegará às doze. — disse Strathairn — Mas eu mantenho um par de cavalos de carruagem nos estábulos da rua ao lado.

— Vamos. — começaram a correr.

— Não estará fechado a essa hora da noite? — Grant perguntou.

— Eu duvido. Mac gosta de ficar de olho nos cavalos. Mas vamos invadir, se for preciso.

Felizmente, a porta estava aberta. Uma lamparina iluminava o interior, pesado com os cheiros de cavalo, couro e feno. Um homem estava sentado, bebendo cerveja. Levantou-se quando eles correram para dentro — Milorde?

— Traga meus dois cavalos, Mac. — ordenou Strathairn — Vou ajudá-lo a selá-los. Seja rápido.

— Selá-los, milorde? São cavalos de carruagem. Nunca foram montados, tenho certeza.

— Eles já foram, se é que se lembram disso. — respondeu Strathairn.

— Espero que os cavalos tenham boa memória, milorde. — Mac balançou a cabeça tristemente, enquanto conduzia os dois cavalos.

Montaram em cavalos de boa linhagem. O de Grant avançou e relinchou — Gostaria de ter Ares. — deu um tapinha no pescoço da montaria e falou suavemente com ele. O animal balançou a cabeça violentamente, mas não tentou jogá-lo para fora.

— Qual caminho? Eles iriam para o sul? — Strathairn firmou sua montaria com mãos experientes.

— Os dois homens possuem propriedades ao norte daqui. Meus instintos me dizem que é a Fury que queremos. Caso minha intuição esteja correta, é provável que tenham optado por seguir a estrada que atravessa Thirsk. Deus, espero estar certo, mas não temos outra pista para seguir.

Os cavalos percorreram as tranquilas ruas e, momentos depois, embrenharam-se nos campos iluminados pela luz radiante da enorme lua dourada que banhava a colheita. Com habilidade nas rédeas, os cavaleiros induziram os animais a acelerarem o ritmo na estrada que cortava os vastos campos de trigo.

Strathairn praguejou — Sempre carrego uma pistola e uma faca. Velhos hábitos. Mas não posso levar uma arma para uma festa.

— E eu deixei uma arma na carruagem. — Grant disse entre dentes — O elemento surpresa deve funcionar ao nosso favor. Eles têm cerca de meia hora de vantagem sobre nós. Temo que possamos perdê-los, assim que chegarem à propriedade de Fury. — afastou o horror dessa possibilidade. Amaldiçoando a ausência de suas botas de montaria, cutucou o flanco do cavalo, utilizando o sapato como incentivo. Se o animal mantinha uma memória agradável de ser montado ou se dava as boas-vindas a um galope, ele não sabia dizer, mas obedecia. Não com a velocidade de Ares, porém, pensou com pesar.

Capítulo vinte e dois



A carruagem parou. Os dois homens, que antes apresentavam uma postura tensa, conseguiram encontrar algum alívio, após compartilharem dois frascos de uísque. Nesse momento, Sir Ewan se mostrou um pouco desajeitado ao abrir a porta, mas logo seus braços envolveram Mercy, erguendo-a do assento. Ela permitiu que seu corpo se tornasse maleável, enquanto a brisa noturna acariciava delicadamente seu rosto. Era possível perceber o aroma da terra e da grama úmida, assim como ouvir o suave balançar e ranger do vento, que se propagava entre as árvores da floresta circundante.

— Atingiu-a com força. — murmurou Sir Ewan, em um tom grave e ressentido.

— Não está morta, está? — Fury perguntou em um tom desapaixonado. Ele deve ter sinalizado para o cocheiro, pois a carruagem partiu novamente.

A esperança de resgate de Mercy desapareceu com a carruagem partindo. Ninguém a encontraria ali, no meio do nada. Sentiu cheiro de uísque no hálito de Sir Ewan quando ele se inclinou e disse: — Não. Uma jovem tão bonita.

— Não tenha nenhuma ideia estúpida, não temos tempo.

— O que pensa de mim, senhor? Eu não sou tão canalha! — Sir Ewan tropeçou ao carregá-la — Eu não gosto disso, digo. — Sua voz se transformou em um soluço, enquanto a deitava suavemente no chão.

O frio se infiltrava gradualmente a partir do chão úmido, enquanto Mercy se questionava se poderia pedir ajuda a Sir Ewan. Ela se perguntava se ele ficaria ao seu lado ou se assistiria impotente, enquanto Fury a assassinava, sem remorsos. Assim que ouviu os passos deles se distanciando, abriu os olhos, cautelosamente. Fury segurava uma lanterna e Sir Ewan suplicava-lhe, agitando as mãos, em desespero. Fury virou-se para examinar um campo e a floresta além.

Nesse momento, seus dedos trabalharam em sua bolsa. Ao abri-la, descobriu que seu espelho havia se quebrado durante a queda. Contudo, ela o pegou, a borda afiada, possibilitando-lhe encontrar coragem para enfrentar a situação. Com agilidade, removeu a tampa do frasco de perfume.

Fury apontava para um ponto além das charnecas, enquanto Sir Ewan concordava com a cabeça. Mercy segurava um espelho em uma mão e um frasco de perfume aberto na outra. Com dificuldade, ela se levantou, desequilibrada, e começou a correr. Tinha esperanças de encontrar uma estrada adiante, onde talvez pudesse encontrar ajuda. Apesar da incerteza de sua crença, persistiu, mesmo com suas saias constantemente atrasando seus passos.

Tinha corrido alguns metros quando, de repente, pôde escutar os passos de Fury se aproximando por trás dela, e em um instante, ele a alcançou. Emitindo palavras ofensivas, suas mãos brutais agarraram com força os seus braços.

— Acha que pode me enganar?

Este a sacudiu com tanta força, que ela temeu que sua cabeça soltasse do pescoço. Mercy levantou o braço com o frasco de perfume na mão. O spray floral, feito com licor, acertou Fury nos olhos.

— Mas o que... — soltou-a e esfregou os olhos — Sua bruxa!

Mercy caiu de joelhos.

Quando ele se inclinou sobre ela, Mercy, fechando os punhos com força, cortou o seu rosto com o espelho. Fury caiu para trás, quando um vergão de sangue escorreu por sua testa, em seus olhos lacrimejantes — Aah!

Sem saber onde Sir Ewan estava, ela se levantou e correu pela alameda.

À frente, como que vindos do nada, surgiram dois cavaleiros, galopando em sua direção. Um suspiro escapou de seus lábios, demonstrando o temor que se instalava em sua mente.



O terror atingiu o coração de Grant ao perceber que a carruagem de Fury poderia ter sido perdida. No entanto, para seu alívio, ela finalmente se aproximou deles, saindo da trilha que conduzia à propriedade de Fury. O cocheiro, visivelmente perturbado, confessou ter deixado os dois cavaleiros a sós, com uma jovem — Não sei de mais nada, senhores. Siga a estrada em ritmo acelerado, há uma faixa à direita. É onde eu os deixei. Eles não pretendem coisas boas, aposto. Devo buscá-los de novo, em uma hora.

— Irá direto para casa, se souber o que é bom para o seu bem. — disse Grant.

O cocheiro tocou no chapéu — Está certo, senhor. Nunca quis participar dessa atividade perigosa.

Grant galopou pela estrada, com Strathairn atrás dele, temendo o que encontraria.

Quando viu Mercy, seu coração quase parou. Fury estava correndo atrás dela, com uma adaga na mão.

Northcliffê saltou de seu cavalo e puxou Mercy para trás dele, de onde Strathairn a agarrou e a colocou em um lugar seguro.

Com um grunhido, Fury moveu a faca no ar — Eu posso derrubar os dois. Fiz muito mais em Badajoz.

— Aposto que sim. — disse Strathairn — Teria sido um daqueles soldados que se comportou como uma matilha de cães infernais, depois do cerco de Badajoz. Me deixou com vergonha de ser britânico. Eles deveriam tê-lo enforcado.

— Lidarei com Fury. — disse Grant, com os dentes cerrados.

— Vou deixá-lo com isso. — respondeu Strathairn.

Enquanto Strathairn corria em busca de Snowdon, que havia desaparecido entre as árvores, Grant avaliou o homem diante dele. Enfurecido, Fury avançou em sua direção, com o luar brilhando em sua lâmina. No entanto, usou a mão livre para enxugar os olhos e piscou, enquanto o sangue escorria de um corte na testa. Grant decidiu tirar proveito dessa fraqueza e se aproximou. Contorceu-se, acertando um pé no joelho de Fury. A pancada foi

um estalo, seguido de um grunhido de dor. Já um pouco desequilibrado, ele praguejou e tropeçou para o lado.

— Isso é o melhor que pode fazer? Vou estripá-lo. — avançou, atacando com a faca, ameaçadoramente.

A adaga acertou a manga da camisa de Fury, fazendo com que Grant se esquivasse rapidamente, para ficar fora de alcance. Quando o adversário limpou os olhos, Grant o atacou novamente, com um chute mais alto. O impacto foi certo, atingindo exatamente onde Northcliffe planejava, e assim Fury se dobrou, em grande agonia, soltando um grito. Com uma expressão de dor estampada no rosto, caiu agachado, segurando a virilha e largando a faca. Praguejando, mas mantendo seus olhos fixos em Grant, Fury tentou pegar a faca. Percebendo que o outro estava momentaneamente vulnerável, Grant apontou sua faca para o pescoço espesso dele, desferindo um corte superior. Fury caiu desajeitadamente no chão e rolou, emitindo outro grito de dor. Ele, então, tentou se apoiar nos cotovelos, mas logo colapsou novamente, dessa vez com o rosto diretamente no chão. Depois disso, o silêncio tomou conta do ambiente.

Grant o girou. O homem encontrava-se deitado, com os braços e as pernas abertas, seu olhar ausente e sem foco, se perdendo na imensidão do céu. A adaga que ele empunhava, intrépida e afiada, projetava-se de maneira grotesca em seu peito. — Caiu sobre a própria faca.

— Uma pena. Ser enforcado, arrastado e esquartejado, teria sido um final menos humilhante. — disse Strathairn, aparecendo das árvores.

— Onde está Snowdon? — Grant fez a pergunta por cima do ombro, enquanto corria para onde Mercy estava. Com o rosto branco, ela se jogou em seus braços.

— Devo estar ficando enferrujado. O maldito sujeito escapou pela floresta. — disse Strathairn, dirigindo-se aos cavalos — Está muito escuro para encontrá-lo agora. Ele ficará vagueando a noite inteira. E tenho a impressão de que irá chover.

Mercy estremeceu ao examinar a manga rasgada de Grant.

— É apenas um arranhão, querida. — emoldurou seu rosto com mãos gentis e olhou em seus olhos lavados em lágrimas, desesperados por uma resposta — Eles a machucaram?

Ela balançou a cabeça — Ele está realmente morto, Grant?

— Sim. Não vai machucar mais ninguém agora.

— Sir Ewan não queria que ele me machucasse.

— Mas ele não teria impedido Fury de fazer isso.

Ela estremeceu — Como me encontrou?

— Teremos muito tempo para isso, depois. Primeiro, precisa se aquecer e de uma bebida quente. Vamos para Haighton Park, não é longe daqui.

Ela a ajudou a montar em seu cavalo, seu coração ainda acelerado, um reflexo da emoção recente da quase perda. No entanto, agora ela estava segura, com ele atrás dela, seus braços a envolvendo de forma protetora. Ele

também segurava as rédeas, guiando o cavalo pela estrada, com habilidade e cuidado. Mercy, por sua vez, recostou-se nele.

— Se eu a tivesse perdido, acho que não teria suportado. — Grant disse com a voz baixa.

— Oh, Grant. Eu estava tão assustada. Usei meu espelho para cortar o rosto de Fury.

— Foi extraordinária e muito corajosa! Como eles conseguiram capturá-la, querida?

Enquanto ela explicava, ele ouviu sem comentar — Eu nunca deveria ter lido sua carta. — ela prendeu a respiração em um soluço — Foi errado da minha parte. Mas eu estava consumida pelo ciúme.

Grant tentou decifrar seu relato, ligeiramente distorcido. Carta? Ela estava com ciúmes?

— Que carta, Mercy?

— De Black. Encontrei na sua mala.

— Oh. — sentiu uma onda de culpa. Ela devia estar desesperada para tomar tal atitude, e escondeu isso dele.

— Eu deveria ter contado, mas temi que isso o distraísse. — girou nos braços dele para olhá-lo ansiosamente — Está com raiva?

— Apenas de mim mesmo. Achei que seria errado lhe contar. Jurei guardar segredo quando defendo uma causa pela Coroa. — suspeitava que algo assim poderia acontecer. Mas nunca diria isso a ela — Mas de quem estava com ciúmes? Não de Lady Haighton, certamente?

— Não. Lady Alethea.

— Mas nosso relacionamento acabou antes mesmo de eu conhecê-la.

— Verdade?

— Tem motivos para duvidar disso?

— Foi só que ela me levou a acreditar...

— Ela falou contigo? — perguntou, entre os dentes cerrados.

— Grant, por favor, não diga nada a ela. Não importa agora.

Chegaram à mansão, e o laçao noturno e um dos criados de guarda que vigiavam a casa correram até eles. Northcliffe ergueu Mercy e a colocou no chão.

Ele levantou o rosto dela sob o luar brilhante e beijou suas bochechas molhadas.

— Tem razão, meu amor, não importa. Está tudo no passado.

Strathairn desmontou atrás deles — Preciso de uma bebida e de um cavalo emprestado. Este está cansado e não gosta de ser montado. Milady não dormirá até eu chegar em casa.

— Muito obrigado, meu amigo. — Grant apertou a mão de Strathairn — Estou em dívida contigo.

Strathairn bocejou — Eu aprecio um pouco de emoção de vez em quando, pois acredito que isso me mantém alerta. Embora Sibella pode não compartilhar dessa mesma vontade.

— Farei uma visita à casa de Sir Ewan pela manhã. Talvez encontre alguma pista sobre a direção dele. — disse Grant.

— Eu o acompanharei, para nos certificarmos de que o prenderemos.

— Estou confiante de que Black irá detê-lo antes que Snowdon possa sequer pensar em deixar o país.

Estendeu o braço para Mercy — Venha, querida, vamos levá-la para dentro. Sei que Lady Haighton ficará feliz em nos ver, apesar da hora.

Capítulo vinte e três



— Eu a amo, dorminhoca.

Mercy sorriu e abriu os olhos em resposta ao beijo de Grant — Como está sua cabeça hoje?

Ela esfregou o queixo dolorido — Estou muito melhor, obrigada.

Por que ele estava vestido com roupas de montaria? Embora tivesse feito amor cuidadosamente com ela, na noite anterior, Mercy ainda queria atraí-lo para sua cama quente e repetir o ato — Está prestes a sair?

— Tenho alguns negócios para tratar, esta manhã. Perdoe-me se não voltar até depois do almoço.

Ela franziu a testa — Está indo em busca de Sir Ewan?

— Não espero encontrá-lo. Mas posso colher algumas informações para ajudar na busca de Black.

— Vai tomar cuidado?

— Eu vou. — beijou-a novamente — Seu cachorro está se comportando mal.

Ela jogou as cobertas para trás, mas, lembrando que estava nua, cobriu-se com o lençol — O que Wolf está aprontando?

Grant respirou fundo, com as pálpebras pesadas. Tirou o casaco — O cachorro sente falta da dona. Mas a senhora tem uma responsabilidade primeiro para com o seu marido.

Uma hora depois, Mercy foi procurar Wolf. Ela o encontrou na cozinha, roendo um osso grande — Era a única maneira de acalmá-lo, milady. — disse a cozinheira, amassando uma massa na grande mesa esfarinhada.

— Vou levá-lo para dar uma volta.

Ao meio-dia, ela e o duque almoçaram na sala de jantar — Então, agora sabe no que seu marido está envolvido. — disse ele, espetando um pedaço de carne da travessa do laçao.

— Sim. Grant é muito corajoso.

— Sim, ele é. E muito bom no que faz.

— O conde sabe?

O duque balançou a cabeça — Grant acha que seu pai não está bem o suficiente para saber sobre isso.

— Acho que seria bom para o conde aprender sobre o filho.

— Eu concordo. Talvez possa convencer Grant. — arqueou uma sobrancelha — Ele me disse que vai se aposentar. Não acredita que deve continuar, agora que está casado.

Ela franziu a testa, enquanto passava manteiga em um pedaço de pão.

— A senhora não acha que ele deveria desistir?

— Não pelo meu bem.

— Não está pensando em ajudá-lo de novo, está? — perguntou, com seu sorriso diabólico.

Ela riu e balançou a cabeça — Acredito que aprendi a minha lição.

O duque jogou pedaços de carne para os três cães esperançosos — Grant não quer deixá-la sozinha aqui.

— Mas não estou sozinha. — disse com um sorriso — E eu tenho um trabalho a fazer.

— Seu negócio de embelezamento?

— Grant lhe contou sobre isso, senhor?

Os cachorros ergueram as orelhas e saltaram pelo chão até a porta.

Grant entrou na sala de refeição — Eu contei para ele.

Mercy olhou com carinho para o homem que amava profundamente — Grant, não deve desistir do seu trabalho por mim.

— Podemos discutir sobre isso mais tarde. — disse ele, ambíguo — Agora, se terminou o almoço, tenho algo para mostrar.

— Não quer comer alguma coisa? — ela perguntou.

— Primeiro, preciso me lavar para remover o cheiro de cavalo.

— Descobriu alguma coisa sobre o paradeiro de Snowdon? — o duque perguntou ao neto.

— Snowdon foi encontrado esta manhã na floresta, com a perna presa em uma armadilha. Parece que está quebrada. Ele está a caminho do tribunal do magistrado de Bow Street, acompanhado por dois agentes, enquanto falamos.

— Par notavelmente propenso a acidentes, não diria? — disse seu avô, levantando, sardônico, as sobrancelhas, dando a Mercy um vislumbre do homem que costumava ser. Uma força a ser reconhecida, como era seu neto.

— De fato. — Grant sorriu para o avô enquanto pegava a mão da esposa e a ajudava a levantar da cadeira.

Ela enfiou a mão no braço dele e o casal caminhou pelos corredores, até uma parte da casa, que ela ainda não tinha visto. Ele abriu uma porta — A governanta usava este espaço para arranjos de flores, mas ela lhe cedeu.

— Para mim? — disse surpresa, engolindo as lágrimas.

O cômodo havia sido reformado e ainda tinha o aroma agradável de aparas de madeira. Havia armários posicionados sob uma prateleira que se estendia até a altura da cintura. Esses armários continham uma pia. Ao olhar para as paredes, era possível notar a presença de mais prateleiras. Nelas, encontravam-se dispostos o almofariz e o pilão, um pequeno fogão a querosene e algumas tigelas de cerâmica de diferentes tamanhos. No canto do ambiente, destacava-se uma pequena escrivaninha, acompanhada por uma cadeira. Essa área, estrategicamente posicionada sob uma janela, oferecia uma vista privilegiada dos gramados, que se estendiam até a orla da madeira da casa. Ao abrir a porta de um dos armários, notou que todos os potes e garrafas estavam cuidadosamente arrumados.

— Agora pode fazer essas loções que as senhoras vão clamar para usar. — disse Grant.

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele — Sou tão afortunada. Eu o amo tanto!

— E eu a amo. — disse, ele roucamente. Fechou a porta com o pé, mas não antes de Wolf entrar furtivamente.

Epílogo

Londres, novembro de 1825

A Galeria de Imagens de Londres, em Oxford Street, estava repleta de convidados, desfrutando de champanhe e degustando os deliciosos pratos oferecidos. Diversos repórteres de jornais e periódicos estavam presentes, tomando notas dos acontecimentos. Os retratos e as paisagens criados por Charity estavam recebendo a atenção merecida. Nesse cenário, a duquesa se destacava, demonstrando confiança e elegância, enquanto seu marido, Robin, irradiava orgulho.

— Charity planeja pintar mais retratos de família. — disse Faith a Mercy — Nossos filhos, os seus e os de Honor, quando nascerem, e, claro, Hope e o filho de Daniel, Phillip.

— Ela já começou o retrato de Phillip. — disse Hope, aproximando-se deles com o querido jovem herdeiro du Ténèbres em seus braços, que era tão bonito quanto seu pai — O bebê de Charity deve nascer em meados de maio.

Mercy olhou para onde sua mãe estava com o pai. Ambos pareciam extremamente satisfeitos.

Quando ela se aproximou para inspecionar o encantador retrato da filha de cabelos escuros de Chaloner, Eugenia, Arabella se juntou a ela — Acho que ela será linda como a mãe.

— Como a avó dela, talvez. A duquesa viúva era uma beldade aclamada.

— Ouviu que Lady Alethea Archer se casou com Lorde Fallowbrook?

— Casou-se? — Mercy desejou boa sorte à mulher. Percebeu como seria difícil perder um homem como Grant.

— Ela usou um vestido vermelho decotado chocante no casamento. — disse Arabella.

— Eu não tinha ouvido isso. Os escândalos tendem a passar despercebidos por nós, em York.

— Então talvez não tenha ouvido falar que aceitei a proposta de casamento de Lorde Frederick Hargrave. — Arabella disse, sorrindo.

— Claro que ouvi, e estou feliz por você. — Mercy beijou a bochecha da cunhada — Sei que Grant aprova sua escolha. Frederick é um homem honrado, além de muito bonito.

— Trouxe aquele pote de creme para mim, Mercy? Preciso estar no meu melhor.

— Está na minha retícula. Fez maravilhas para Violet Blenkinsopp.

— Muito obrigada, querida cunhada. — disse Arabella, beijando-a no rosto.

— Sua irmã tem um talento extraordinário. — disse o conde, quando a filha se juntou a ele e Grant.

Após a revelação de seu envolvimento com Black e a aprovação de seu pai, Grant notou uma melhora no humor do conde. Sua presença em Londres

tornou-se mais frequente e seu interesse pela sociedade tornou-se mais evidente. Inclusive, chegou a adentrar na sala de trabalho de Mercy e desparafusou frascos para cheirar suas loções, solicitando de forma descontraída que ela nomeasse uma nova colônia em sua homenagem.

— Acabei de receber um pedido de Thomas Melford, o fazendeiro de quem lhe falei. — disse Grant a Mercy — Ele manifestou interesse no concurso de pontaria Baker que eu disse que realizaria. Como consegui o rifle recentemente, acredito que irei organizá-lo, se conseguir reunir competidores suficientes, é claro. — parecia pensativo — Embora os melhores atiradores não possam comparecer.

— Por que não?

Grant sorriu e apertou a mão dela — Pode-se dizer que Scullen está indisposto.

Mercy sorriu com a atitude infantil do marido. Ele ainda mantinha seus segredos, mas ela escolheria por quais lutar. E este não era um. Virou-se para o conde.

— Planejamos um grande Natal em família, em Thornhill. O duque está muito entusiasmado. Ele gostou muito do baile de caça que realizamos em outubro, especialmente a companhia de seus comparsas do Lordes.

— Mimou meu pai. — disse o conde, com um sorriso agradecido — E trouxe vida a Thornhill, Mercy.

— Eu não poderia concordar mais. — Grant deslizou um braço ao redor dela. Ele se abaixou e depositou um beijo em seus lábios.

Lady Fountain, que tinha acabado de observar o retrato do bebê de Chaloner e Lavinia através de sua *lorgnette*, percebeu a demonstração de afeto entre o casal. Contraíndo os lábios, a senhora não aprovava tais exibições públicas de amor. Em sua opinião, essas manifestações não eram adequadas para a sociedade de alta estirpe. A previsão de Mercy era de que Lady Fountain expressaria de forma dissimulada o seu desdém pelo comportamento escandaloso de Mercy na próxima edição das fofocas sociais. E, curiosamente, ela estava ansiosa para que essa referência fosse feita.

As Irmãs Baxendale

Livro1



9786580754861

Liberdade.

Isso é tudo que Lady Honor Baxendale quer para suas irmãs e para si mesma. Honor tem um plano ousado para se tornar financeiramente independente, usando uma habilidade que aprendeu no colo de seu pai. Ela procura a ajuda de um advogado e está satisfeita com sua escolha... desde que possa resistir a ele.

Lorde Edward Winborne ficou feliz pelo fato de ter vindo em auxílio de suas quatro irmãs nos últimos anos. Mas quando a filha de um vizinho, Lady Honor Baxendale, pede sua ajuda para um esquema perigoso que tem em mente, ele sente que é seu dever dissuadi-la. Quando isso falha, deseja protegê-la e, de alguma forma, descobre que quer fazer mais.

Muito mais

Livro2



9786554440790

A linda filha, Faith Baxendale, só quer agradecer. Faith não é tão aventureira quanto sua irmã mais nova, Hope, que se aventura com sua tia no continente,

nem tão rebelde quanto sua irmã mais velha, Honor, que planejava tornar-se uma estrela do cartado. E Faith não podia se perder em sua arte como Charity, de dezesseis anos. Até mesmo Mercy, aos quatorze, mostrava mais força!

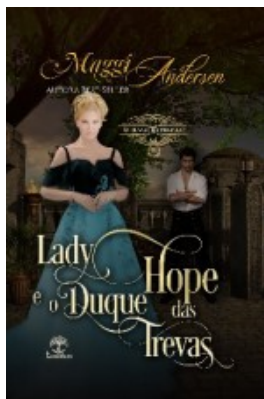
Após o fim da primeira temporada de Faith, seu pai a encoraja a se casar com o homem que ele escolher. Mas quando Lorde Vaughn Winborne, um vizinho por quem Faith se apaixonou enquanto ainda era uma menina, chega em casa para o baile de caça do Brandreth. Surpreendendo até a si mesma, Faith é atraída novamente pelo homem que seu pai jamais consideraria.

O mais jovem dos Brandreth, Vaughn, é a ovelha negra da família. Seu irmão mais velho, Chaloner, Marquês de Brandreth, ainda o vê como um jovem imprudente, e Vaughn está determinado a provar que está errado.

Uma chance se apresenta sob a forma de um escândalo que não é da responsabilidade de Vaughn, e ele deve aceitar confiar em Faith, que, na verdade, sempre conheceu sua forma de pensar.

Indicado para o PRÊMIO RONE

Livro 3



9786554441490

Em sua primeira temporada, Hope Baxendale atrai o interesse de um poderoso duque inglês, o marido que todas as debutantes desejam e pelo qual algumas lutarão sujo para conseguir. Se ao menos o belo francês Daniel Brienne, Duc du Ténèbres, não a estivesse distraindo de seu curso. Daniel demonstra pouco interesse em se casar novamente e, certamente, é apenas a tristeza em seus profundos olhos castanhos que a atrai para ele:

Daniel anseia pela solidão. Quando sua própria existência é ameaçada, ele desperta para as possibilidades de uma vida vivida com paixão. Ele sabe exatamente quem ele quer em seu futuro, mas o velho falcão, Duque de Winslow, a persegue. E será que é justo pedir a Hope que deixe sua família e seu país por ele?

Mais da Autora



9786580754083

Um romance gótico vitoriano

Uma nuvem escura paira sobre Wolfram, a antiga abadia que Laura chama de seu novo lar. Ela poderia confiar no homem misterioso com quem se casou?

Depois de um namoro relâmpago, Laura Parr se casa com um Barão, lorde Nathaniel Lanyon, que a leva para morar em sua antiga casa no sul da Inglaterra. Laura chega à Cornualha animada para começar a vida com o homem ardente com quem se casou. Mas segredos espreitam nas sombras. A morte da primeira esposa de Nathaniel nunca foi resolvida e alguns moradores acreditam que ele foi o responsável. Lutando para entender seu novo marido, Laura tenta descobrir a verdade. A cada nova descoberta, ela se aproxima do perigo.

Lorde Nathaniel Lanyon decidiu nunca mais se casar. Mas, quando conhece a Srta. Laura Parr, filha de Sir Edmund Parr, numa tarde chuvosa, percebe quase imediatamente que tem que tê-la em sua vida. E a única maneira de poder fazer isso, era se casando com ela.

Nathaniel acredita que seu passado conturbado ficara para trás e que poderá oferecer uma boa vida a Laura em Wolfram, mesmo que ele nunca possa lhe oferecer seu coração. Mas assim que passam a morar na antiga abadia, o passado volta a assombrá-lo, revelando segredos que pensava terem sido enterrados para sempre. Enquanto tenta lutar contra as forças que o ameaçam, percebe que Laura, determinada, exigirá mais do que ele pode dar a ela.

*“Um romance gótico no estilo clássico, a autora é uma mestra em criar uma atmosfera sinistra e personagens multifacetados.” **Coffee Time Romance e muito mais.***

*“O enredo é interessante e o mistério adicionado me manteve fascinado. O romance me fez pensar até o fim.” **The Romance Studios.***

“Foi difícil largar a história, pois o mistério permaneceu fora de alcance,

atraindo o leitor para além do enredo. [Isso] me manteve acordado até tarde da noite, seguindo o quebra-cabeça da Abadia de Wolfram. Estou ansioso para ver mais de Maggi Andersen." **Sirene Book Reviews**.



9786599110696

Que mistério há por baixo do mundo ordenado de Falconbridge Hall?

Deixada sem um tostão após a morte de seu pai artista e mãe sufragista, Vanessa Ashley se baseia em seus conhecimentos de arte, política e história para conseguir emprego. Quando o cargo de preceptora em Falconbridge Hall, uma enorme mansão no interior, fora de Londres, lhe é oferecido, ela se considera bem qualificada para ensinar Blyth, a filha de dez anos de Sua Senhoria.

Julian, Lorde Falconbridge, um cientista e lepidóptero dedicado, está prestes a embarcar em uma expedição à Amazônia em busca de borboletas exóticas. É um homem enigmático, que se interessa muito pela educação de sua filha, e Vanessa teme que ele desaprove seus métodos de ensino modernos.

Enquanto Vanessa prepara sua jovem protegida para entrar no mundo moderno, ela considera a menina muito subjugada. À medida que ela aprende mais sobre Blyth e seu novo lar, mais perguntas surgem. Por que a criança não se sente segura? Porque a morte da sua mãe, Clara, outrora famosa beleza da sociedade, nunca é mencionada? E porque a antiga preceptora saiu de repente, sem avisar previamente?

“A autora merece um grande elogio pela sua capacidade de captar a atenção do leitor e de nos envolver tanto no mistério como no romance desta história encantadora!” **Revista InD'Tale**



9786588382387

Quando uma dama perde a memória, quem melhor para resgatá-la do que um Duque sedutor?

Viola, assim chamada por seu benfeitor, Hugh, Duque de Vale, perdeu sua memória, juntamente com sua respeitabilidade, depois de ser encontrada inconsciente perto de sua propriedade, vestida com roupas masculinas de um criado. Ela é um mistério para si mesma, com seu conhecimento de livros e latim, e sua habilidade no pianoforte.

Graças à bondade do duque, Viola encontrou um lar temporário com a babá dele em um chalé em sua propriedade, enquanto o perigo espreita nas sombras e escurece seus sonhos. Ela deve deixar a bela Vale Park antes de Hugh se casar com Lady Felicity Beresford, a filha do vizinho; seu casamento foi arranjado quando eles eram crianças. E antes que Viola e Hugh sucumbam a uma paixão impossível.

À medida que o anúncio do noivado de Hugh se aproxima, ele tenta aceitar o inevitável, deve se casar com uma mulher que não ama. Está fascinado por Viola. Quem é ela e o que a levou a tal ato? Enquanto os Bow Street Runners trabalham para encontrar as respostas, Hugh fica mais profundamente e perigosamente atraído pela dama misteriosa.

Vem aí mais obras da autora.

Aguardem!

Sobre a Autora



Maggi Andersen vive com o marido, um advogado aposentado, em uma antiga e excêntrica cidade nas Terras Altas do Sul em Nova Gales do Sul, na Austrália. Ela tem bacharelado em inglês e mestrado em Escrita Criativa.

Quando não está criando histórias, Maggi lê, desfruta de seu jardim, dá longas caminhadas pela cidade conhecida por sua beleza no outono e na primavera, e alimenta animais selvagens. Seus *kookaburras* (pássaros australianos) gostam de comer de sua mão.

Maggi é autora best-seller do *Amazon Historical Romance*. Já publicou mais de trinta romances, muito dos quais se tornaram best-sellers, e alguns foram indicados a prêmios. Ela escreve diversos gêneros: romances históricos e contemporâneos, suspense romântico, mistério e romances para jovens-adultos.

Por favor, faça uma avaliação desse livro. Elas são muito bem-vindas

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Epígrafe](#)
5. [Capítulo um](#)
6. [Capítulo dois](#)
7. [Capítulo três](#)
8. [Capítulo quatro](#)
9. [Capítulo cinco](#)
10. [Capítulo seis](#)
11. [Capítulo sete](#)
12. [Capítulo oito](#)
13. [Capítulo nove](#)
14. [Capítulo dez](#)
15. [Capítulo onze](#)
16. [Capítulo doze](#)
17. [Capítulo treze](#)
18. [Capítulo quatorze](#)
19. [Capítulo quinze](#)
20. [Capítulo dezesseis](#)
21. [Capítulo dezessete](#)
22. [Capítulo dezoito](#)
23. [Capítulo dezenove](#)
24. [Capítulo vinte](#)
25. [Capítulo vinte e um](#)
26. [Capítulo vinte e dois](#)
27. [Capítulo vinte e três](#)
28. [Epílogo](#)
29. [As Irmãs Baxendale](#)
30. [Mais da Autora](#)
31. [Vem aí mais obras da autora.](#)
32. [Sobre a Autora](#)
33. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)

44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)

88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131

132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)

176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)

220. [220](#)

221. [221](#)

222. [222](#)

223. [223](#)

224. [224](#)

225. [225](#)